



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UPE/UFPE
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

MARCELO SANT'ANA DE FARIAS

**A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA NATAÇÃO, NOS CURSOS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-
PE**

**RECIFE
2020**

MARCELO SANT'ANA DE FARIAS

**A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA NATAÇÃO, NOS CURSOS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-
PE**

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Programa Associado de Pós-
graduação em Educação Física
UPE/UFPB como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

Orientador: Professor Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo

**RECIFE
2020**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Núcleo de Gestão de Bibliotecas e Documentação - NBID
Universidade de Pernambuco

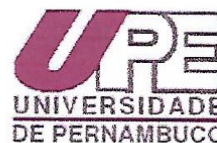
F224p Farias, Marcelo Sant´ana de
A prática corporal na disciplina natação, nos cursos
de educação física das universidades públicas da cidade
do Recife-PE/ Marcelo Sant´ana de Farias; orientador:
Marcelo Soares Tavares de Melo. -- Recife, 2020.
161 f.

Dissertação (Educação Física - Área de Concentração
em Cultura, Educação e Movimento Humano) - Universidade
de Pernambuco, Campus Santo Amaro, 2020.

1. Natação 2. Prática corporal 3. Formação superior
4. Saber fazer 5. Saber ensinar I. Melo, Marcelo Soares
Tavares de. II. Universidade de Pernambuco - Campus Santo
Amaro - mestrado. III. Título.

CDD: Ed. 22 -- 796.407
Acervo 224364
Claudia Henriques CRB4 1600

FOLHA DE APROVAÇÃO



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DO EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Às 14:30, do dia 25 de agosto de 2020, no(a) Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco - UPE, foi realizada a Sessão Pública de Defesa da Dissertação de Mestrado de MARCELO SANT'ANA DE FARIAS. A Banca foi composta pelos seguintes Professores Doutores: MARCELO SOARES TAVARES DE MELO (UPE), MARCÍLIO BARBOSA DE SOUZA JUNIOR (UPE) e RODRIGO FALCÃO CABRAL DE OLIVEIRA (UPE), sob a presidência da Prof.(a) Dr.(a) MARCELO SOARES TAVARES DE MELO (orientador). A dissertação tem como título: "A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA NATAÇÃO, NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-PE". A abertura dos trabalhos foi efetuada pelo Coordenador (a) Local do Programa Prof.(a) Dr.(a) MARCOS ANDRÉ MOURA DOS SANTOS. Proceceu-se então a apresentação dos membros da Comissão Examinadora, seguida da apresentação da dissertação e, por fim, da arguição pelos membros da Comissão Examinadora. Ao final, a Comissão Examinadora reuniu-se para deliberar sobre o resultado da sessão e decidiu pela **APROVAÇÃO** do candidato. MARCELO SANT'ANA DE FARIAS faz jus então ao título de **Mestre em Educação Física** desde que cumpra todas as exigências indicadas pelos membros da Comissão Examinadora, estabelecendo-se um prazo de 30 dias para a entrega da versão final da dissertação. Cumpridas as disposições regimentais e normas internas do PAPGEF UPE/UFPB, às 17:30 foi lavrada e assinada, pela Coordenação Local do Programa e pelos membros da Comissão Examinadora, a presente Ata e a sessão foi encerrada.

Recife, 25 de agosto de 2020.

MARCOS ANDRÉ MOURA DOS
SANTOS
Coordenador(a) Local

MARCELO SOARES TAVARES DE
MELO
(UPE)

MARCÍLIO BARBOSA DE SOUZA
JUNIOR
(UPE)

RODRIGO FALCÃO CABRAL DE
OLIVEIRA
(UPE)

MARCELO SANT'ANA DE FARIAS

Universidade de Pernambuco
Rua Arnóbio Marques, 310, Recife – PE - Brasil
CEP: 5010030
Fone: +55 (81) 3183-3373

Universidade Federal da Paraíba
Cidade Universitária - João Pessoa - PB - Brasil
CEP: 58051-900
Fone: +55 (83) 3216-7200

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus Pai, autor da vida de todos os seres vivos, a Jesus Cristo que nos substituiu, sofrendo nosso castigo até a morte na Cruz do Calvário e ao Espírito Santo, que se manifesta com uma paz que excede o entendimento e uma alegria indescritível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado a vida e a capacidade para desenvolver este trabalho.

À minha querida mãe, Benildes, por ter sempre acompanhado os meus passos e apoiado minha vida estudantil e profissional, contribuindo para que eu chegasse até aqui.

Ao meu Pai, Jonas Simões (*in memoriam*), que sempre estava torcendo por mim nas arquibancadas quando atleta e agora certamente está torcendo por mim, mesmo não estando entre nós.

À minha esposa Rosileide e minha filha Rebecca por terem acreditado, incentivado e por ter compreendido as ausências e torcido por mim. Amo vocês.

Aos meus irmãos Samuel, Regina, e Rita pelo apoio e incentivo. Bem como a Zaine Guedes e Romero Albuquerque.

Ao meu orientador, professor Marcelo Tavares, que me conheceu ainda na época dos Jogos Escolares Mirins de PE, e até hoje me fala que ganhei de seu atleta nos 50m peito. Uma alegria reencontrá-lo, depois de vários anos, na especialização e agora no mestrado. Sua participação foi *sine qua non* neste processo. Muito obrigado.

Aos membros da banca examinadora Marcílio Souza Júnior e Rodrigo Falcão por aceitarem o convite para integrarem a banca, por suas grandes contribuições e pelo exemplo como profissionais. Muito obrigado!

Ao meu professor e amigo Jonas Coriolano, que contribuiu para minha formação como ser humano. Sempre conseguiu ser um grande incentivador e paizão.

Aos professores do Mestrado, Marcílio Souza Jr, Marcelo Tavares, Tereza Catuzo, Iraquitán Caminha, Rodrigo Capatto, Marcos André e Marco Valois.

Ao meu colega Raphael Perrier, que me deu um norte para o projeto quando ainda era apenas uma ideia, um embrião.

Aos colegas do Mestrado e companheiros de viagens e de hospedagem em João Pessoa: Marcel, João Vitor, Rafael Marinho, Keila, Fu, Vitória, Javiera, Sol, Karina, Gabreil, Mateus, Ameliane, Josael e... Desculpe se esqueci de alguém!

Aos meus amigos, Osvaldo Serejo (*in memoriam*), Ruy Bandeira, Pedro Odilon, Alfredo Telino, Antônio Arroxelas, Renata Albuquerque, Rosângela Celi, Alexandre Lira e Ana Zélia.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa ETNHÓS pelo apoio, bem como pelo Grupo LUDOS. Aos I.Cs, Pedro Amaral e Ana Paula.

Ao meu colega Marco Aurélio que também torceu por mim, mas partiu do nosso meio tão de repente, quando estava faltando alguns meses para defender essa dissertação. Teria a maior alegria em vê-lo na minha defesa.

À minha colega Ketlyn que me deu a maior força para eu fazer esse mestrado.

À Roberta Boulitreau, também não me esqueço da sua torcida.

À minha colega Rafaelle Brito, pela torcida e por ter compartilhado um pouco de suas experiências como aluna da Pós-Graduação.

À minha colega Milena Soares que me ajudou, fazendo as correções de português.

A Bruno Pessoa na construção do questionário em formato digital.

Aos funcionários da ESEF, especialmente a Carlos Eduardo, da Pós Graduação.

Aos professores entrevistados, meu muito obrigado por ter cedido um pouco de seu tempo e paciência, assim como os alunos que responderam aos questionários eletrônicos. Sem vocês essa pesquisa seria “apenas nos livros”.

RESUMO

O tema deste trabalho surgiu após discutirmos com alguns colegas o fato de que alunos da disciplina natação, no curso de Educação Física eram aprovados sem o domínio das habilidades aquáticas básicas. O objetivo deste estudo foi analisar a prática corporal durante o saber fazer e o saber ensinar da disciplina natação dos cursos de Educação Física nas universidades públicas na cidade do Recife-PE. Metodologicamente o estudo tomou por base o método da Hermenêutica Dialética, através de entrevista semiestruturada feita com três professores da disciplina Natação das Universidades públicas da cidade do Recife. Também foram analisados os planos de curso, bem como aplicado um questionário eletrônico respondido pelos alunos. Como resultado do campo, concluímos que a prática corporal é parte essencial do conteúdo da disciplina natação, bem como nas universidades pesquisadas deixou-se de ensinar o tecnicismo exacerbado, abandonando o antigo modelo esportivo baseado nos quatro nados da natação esportiva. Por outro lado, não foi encontrada nenhuma avaliação para mensurar algum desempenho aquático dos alunos da graduação envolvendo o domínio básico do meio líquido, contrastando com as sugestões da literatura. Contudo, o futuro professor de natação necessita dominar o saber fazer da prática corporal e o saber ensinar, bem como precisa saber acerca das possibilidades e contextualizações dos conteúdos teóricos. Tanto os professores como a maioria dos alunos concordaram que para ministrar aulas de natação é preciso saber nadar e não, necessariamente, o esporte natação. A prática corporal na disciplina natação deve ser vivenciada, de forma que o aluno passe a dominar as habilidades aquáticas básicas, incluindo o nado reboque.

Palavras-chave: Natação. Prática corporal. Formação superior. Saber fazer. Saber ensinar.

ABSTRACT

The theme of this work arose after we discussed with some colleagues the fact that students of the swimming discipline in the Physical Education course were approved without mastering basic aquatic skills. The aim of this study was to analyze the body practice during the know-how and teach the swimming discipline of Physical Education courses at public universities in the city of Recife-PE. Methodologically, the study was based on the Dialectical Hermeneutics method, through a semi-structured interview with three professors from the Swimming course at public Universities in the city of Recife. The course plans as well as an electronic questionnaire answered by the students were also smoothed out. As a result of the field, we conclude that body practice is an essential part of the content of the swimming discipline, as in the universities surveyed, there was no teaching of exacerbated technicality abandoning the old sports model based on the four strokes of sports swimming. On the other hand, no evaluation was found to measure any aquatic performance of undergraduate students involving the basic domain of the liquid medium, in contrast to the suggestions in the literature. However, the future swimming teacher needs to master the know-how of body practice and how to teach, as well as know the possibilities and contextualities of the theoretical contents. Both the teachers and most of the students agreed that to teach swimming lessons, they must know how to swim and not necessarily the sport of swimming. The corporal practice in the swimming subject, must be experienced in a way that the student starts to master the basic aquatic skills, including the tow stroke.

Keywords: Swimming. Body practice. Higher education. Know to do. Know to teach.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Principais referências analisadas sobre o termo práticas corporais..	21
QUADRO 2 – As categorias empíricas e as respectivas unidades.....	23
QUADRO 3 - Atuações dos nossos membros no meio terrestre e aquático.....	49
QUADRO 4 – Sub-habilidades e indicadores listados por Accioly (1991) para a adaptação ao meio líquido.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BTDT	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
COI	Comitê Olímpico Internacional
EAD	Educação a Distância
ESEF	Escola Superior de Educação Física
FINA	Federação Internacional da Natação
HUOC	Hospital Universitário Oswaldo Cruz
IES	Instituição de Ensino Superior
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MEDLINE	Medical Literature Analysis and Retrieval System Online
PB	Plataforma Brasil
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROCAPE	Pronto-Socorro Cardiológico Universitário de Pernambuco
PROPEGI	Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação
SDPC	Saber das práticas corporais
SSPC	Saber sobre as práticas corporais
TAF	Teste de Aptidão Física
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UPE	Universidade de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	16
3 PRÁTICA CORPORAL: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL	26
4 A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA NATAÇÃO	37
4.1 Natação: uma prática corporal	37
4.2 O Saber fazer e o saber ensinar através da prática corporal na disciplina natação.....	51
5 OS SABERES DA PRÁTICA NA DISCIPLINA NATAÇÃO.....	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada com os professores... 	129
APÊNDICE B – Questionário para os alunos	131
APÊNDICE C – Roteiro de visitas e contatos.....	132
APÊNDICE D- Indicadores para a análise de conteúdo	133
APÊNDICE E - Quadro para análise de conteúdo das entrevistas e documentos, com legendas para análise de conteúdo.....	134
ANEXO A - Carta de anuência – ESEF- UPE	135
ANEXO B – Carta de anuência – UFPE.....	136
ANEXO C– Carta de anuência – UFRPE	137
ANEXO D – Parecer consubstanciado do CEP – HUOC/PROCAPE.....	138
ANEXO E - Parecer consubstanciado do CEP – UFPE	143
ANEXO F - Parecer consubstanciado do CEP – PROPEGI.....	147
ANEXO G – Termo de consentimento livre e esclarecido (Comitê de ética do Hospital Oswaldo Cruz)	152
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	152
ANEXO H – Termo de consentimento livre e esclarecido (Comitê de ética PROPEGI).....	156
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	156
ANEXO I – Termo de confidencialidade	161

1 INTRODUÇÃO

Após alguns anos de experiência no ensino superior, tivemos e temos, ainda, oportunidades de discutir questões concernentes à prática corporal na disciplina natação¹, com colegas professores de Educação Física e com os próprios graduandos.

Nas primeiras aulas desta disciplina, em nossa experiência no ensino superior, no ano de 1995, como professor substituto da UFPE – Recife, havia alguns alunos que eram aprovados na disciplina sem nenhum domínio básico do meio líquido e, em especial, havia um que, inclusive, já estava estagiando como professor de natação. Começávamos a indagar se seria suficiente apenas a experimentação e participação nas aulas práticas.

Como todo aluno carece ter seus momentos de estudos individuais, pensamos que ele poderia procurar um reforço para a disciplina desde o início do curso, caso houvesse necessidade, ou aulas extras de natação para, ao menos, possuir a habilidade de autossustentação na água.

Indagamos: seria suficiente para o graduando do curso de Educação Física, possuir um repertório teórico na maneira de ensinar a natação, sem, contudo, dominar essa prática corporal?

Se compararmos as técnicas dos nados com as técnicas específicas dos outros esportes, e exigirmos dos alunos da disciplina natação (como outrora), eles também teriam de dominar as técnicas de futsal, vôlei, basquete, handebol para serem aprovados ou estarem aptos para ministrar suas aulas. Na Educação Física brasileira, esse tempo ficou para trás devido ao grande debate nacional diante da crise de identidade na área, nos anos de 80 e 90.

Por isso, entendemos que não haveria sentido uma avaliação nos antigos moldes tecnicistas, que consistia em nadar os quatro nados, com suas respectivas saídas e viradas e executá-los com a técnica específica durante 25 ou 50 metros, dentro de um determinado tempo. Caso não conseguisse esse feito, certamente este aluno estaria reprovado na disciplina.

¹ A nomenclatura desta disciplina pode variar de acordo com cada IES como: fundamentos teórico-metodológicos das modalidades esportivas aquáticas, pedagogia da natação, fundamentos e métodos da natação, metodologia da natação, entre outros. Utilizamos para este trabalho o termo natação.

Do outro lado, ao pensarmos em não realizar nenhuma avaliação voltada para as habilidades aquáticas mínimas como respiração, flutuação, imersão e propulsão, não estaria comprometendo a formação do profissional em Educação Física? Com suas respectivas especificidades, acreditamos que isso também pode ser aplicado para os outros esportes, tais como vôlei, basquete, futsal, handebol, futebol de campo, assim como para o judô, ginástica, dança e lutas. Entretanto, parece haver uma diferença entre aquilo que é básico na natação e o que é elementar em outros componentes da cultura corporal devido ao meio líquido ter sua especificidade.

Com o repertório do conhecimento das disciplinas teóricas e de posse do conhecimento prático básico² da cultura corporal atrelado aos saberes, o aluno da graduação estará mais habilitado para ser um bom profissional.

Seguem novamente algumas inquietudes: se houver ainda uma avaliação prática na piscina, como seria atribuída a nota? Qual o peso ou percentual que essa avaliação teria durante o processo ensino e aprendizagem?

Essas são algumas das inquietações que historicamente foram se acumulando em nossa carreira profissional e por isso esses questionamentos nos levaram à escolha do tema para esta pesquisa. Contudo, não queremos, com esse trabalho, pôr de lado os avanços pedagógicos em educação física, mas contribuir para uma reflexão sobre a prática corporal na disciplina natação.

Partindo do exposto, o nosso objeto de pesquisa trata da questão da prática corporal no contexto da disciplina natação nas universidades públicas da cidade do Recife-PE e sua importância no saber fazer e no saber ensinar na formação profissional.

O problema de pesquisa situa-se no seguinte aspecto: qual a compreensão da prática corporal em relação ao saber fazer e ao saber ensinar para os graduandos durante a realização da disciplina natação dos cursos de Educação Física nas universidades públicas da cidade do Recife-PE?

Nosso objetivo geral nessa pesquisa é analisar a prática corporal durante o saber fazer e o saber ensinar da disciplina natação dos cursos de Educação Física nas universidades públicas na cidade do Recife-PE. Nossos objetivos específicos são: a) verificar como ocorre o saber fazer e o saber ensinar da disciplina natação nos cursos de Educação Física; b) investigar como os planos de ensino dos

² Caberia ao professor de cada disciplina citada nesta introdução avaliar o que o aluno necessitaria como básico e como seriam avaliados esses conteúdos

professores da disciplina natação dos cursos de Educação Física compreendem a prática corporal relacionada com o saber fazer e o saber ensinar.

Acreditamos que a disciplina natação, em consonância com outras disciplinas, pode contribuir para a formação do futuro profissional de educação física com o pressuposto de que, quando formado, ele venha a contribuir positivamente com a realidade social, cooperando para a formação de cidadãos críticos; tenha a capacidade de produzir conhecimentos e desenvolver uma *práxis* de qualidade em sua carreira profissional.

O termo natação está associado ao esporte com a perspectiva ou possibilidade de poder ser praticado desde a mais tenra infância até a idade mais avançada. A natação tem como base o ato de nadar e este, por sua vez, representa fundamento para qualquer atividade ou esporte aquático como polo aquático, nado artístico, surf, entre outros.

Dividimos este trabalho em quatro momentos. Procuramos, no primeiro momento, tratar da metodologia da pesquisa, que está baseada no método da Hermenêutica Dialética, o qual nos permite entender a fala, o texto, a comunicação originada como um fenômeno social sem desconsiderar seu contexto. A Hermenêutica Dialética caracteriza-se como paradigma filosófico no campo da comunicação e da linguística.

No segundo momento, procuramos compreender os conceitos sobre o “estado da arte” na perspectiva da prática corporal através de fundamentos epistemológicos. Ao estudarmos a prática corporal, encontramos, a priori, várias referências sobre o conceito de prática corporal, entretanto com uma busca na literatura, encontramos aproximações da natação como prática corporal. Compreendemos que esse termo trata também dos elementos da cultura corporal com um sentido de prática entre várias significações.

No terceiro momento, tratamos dos conceitos da natação, do ato nadar, metodologia da natação, uma passagem pela parte pedagógica e científica da natação. Observamos a natação como esporte, como um fenômeno social e uma prática corporal que traz seus benefícios para quem pratica. Abordamos também questões concernentes à disciplina natação. Discutimos a formação inicial e a prática da disciplina natação nas IES, através de pesquisas realizadas concernentes à avaliação prática.

Logo em seguida, apresentamos as discussões sobre o saber fazer e o saber ensinar, baseando-nos em autores para subsidiar as discussões de ordem pedagógica neste campo. Evidentemente existem outros saberes no contexto das relações de ensino e aprendizagem, mas nos detivemo-nos nestes dois pontos por entendermos que se aproximam de nosso objeto de pesquisa.

No quarto momento, descrevemos um capítulo dedicado ao resultado do campo, no qual podemos nos debruçar sobre os achados referentes aos planos de ensino dos professores, o resultado tanto da entrevista com os docentes como das respostas ao questionário aplicado aos alunos. Algumas respostas tiveram convergências e, em outras, encontramos divergências. Entre as divergências, podemos destacar também a resposta dos professores quando questionados sobre a prática corporal.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa é de abordagem qualitativo-descritiva, caracterizada como bibliográfica, documental e de campo, realizada nas universidades públicas da cidade do Recife-PE.

Nossa pesquisa tomou por base o método da Hermenêutica dialética, o qual nos permite entender a fala, o texto, a comunicação originada como um fenômeno social sem desconsiderar seu contexto. A Hermenêutica Dialética caracteriza-se como paradigma filosófico no campo da comunicação e da linguística.

Segundo Minayo (1998) a posição metodológica, Hermenêutica Dialética, inaugura um novo ponto de vista no processo de interpretação de uma pesquisa social. Segundo ela, as duas ciências contribuem teórico-metodologicamente para qualquer trabalho científico que envolva a interpretação da comunicação das pessoas. Esse método coloca a fala em seu contexto partindo do seu interior no campo de sua especificidade histórica de forma completa onde é produzida. Segundo a mesma autora,

[...] seu modo de proceder como método dá-lhes indiscutivelmente como método uma autoridade epistêmica, capaz de dar conta de seus pressupostos e produzir níveis de racionalidade cuja legitimação vai se repondo através do progresso do trabalho teórico. (MINAYO, 1998, p.226).

Analisamos a fala dos professores no contexto do ensino da disciplina natação nos cursos das universidades públicas da cidade do Recife, pois entendemos que através da compreensão da comunicação será possível acompanhá-las e interpretá-las.

Também foram alvo de análise os planos de ensino dos professores e as respostas dos alunos a um questionário eletrônico.

Esta pesquisa foi dividida em quatro etapas. Na primeira etapa, debruçamos em livros, artigos, teses e dissertações com o intuito de construir pressupostos teóricos para referendar nosso estudo, por meios de informações recolhidas de fontes bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. (GIL, 2008, p. 44)

Após o levantamento básico das referências, esse projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Pernambuco (UPE) através do Hospital Universitário Oswaldo Cruz/Pronto-Socorro Cardiológico Universitário de Pernambuco (HUOC/PROCAPE), o qual liberou a pesquisa com o parecer número: 3.582.167, no dia 18-09-2019. (Em ANEXO D).

Durante algumas correções para aprovação no primeiro comitê, este projeto também foi submetido a outros dois CEPs: o da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o qual liberou a pesquisa com o parecer número: 3.617.848, no dia 03 de outubro de 2019. (Em ANEXO E).

O CEP da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que foi representada pelo CEP da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação (PROPEGI) da Universidade de Pernambuco (UPE), liberou a pesquisa, após várias exigências, com o parecer número: 3.748.499, no dia 06 de dezembro de 2019. (Em ANEXO F).

A razão de a pesquisa ter sido submetida automaticamente pela Plataforma Brasil (PB) para os outros CEPs se deu pelo fato de que, atualmente, uma pesquisa para ser realizada em outras universidades necessita ser submetida também ao comitê das respectivas universidades.

Após a aprovação de todos os CEPs, esta pesquisa foi para a segunda etapa, na qual foi realizada uma análise nos planos de ensino dos professores da disciplina natação, tanto no curso de licenciatura como no de bacharelado das universidades públicas da cidade do Recife. Nossa intenção, com base nesses planos, foi compreender os procedimentos metodológicos utilizados pelos professores, momento em que foi analisado o saber fazer e o saber ensinar a partir da realidade do professor.

Na terceira etapa, realizamos a pesquisa de campo em três subetapas. Na primeira subetapa, fizemos uma sondagem no campo de intervenção para compreender a realidade através do levantamento do quantitativo dos possíveis

sujeitos da pesquisa, que foram 04 professores consultados inicialmente. Contudo, antes mesmo de iniciar a pesquisa, um(a) dos(as) professore(as) solicitou afastamento, alegando impossibilidade de participar da pesquisa.

Além de 03 (três) professore(as) participaram 47 estudantes, dentre os 91 das três turmas da disciplina natação nas três universidades.

Após o levantamento do quantitativo de professores e alunos de cada universidade, houve o encaminhamento formal do coordenador de pesquisa, pertencente a Escola Superior de Educação Física (ESEF) – Universidade de Pernambuco (UPE), para os professores da disciplina natação das demais universidades, a saber: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Universidade de Pernambuco (UPE).

Na segunda subetapa, após o consentimento de cada professor, formalizado com a assinatura do TCLE, foi realizada uma entrevista (APÊNDICE A) com os professores, que ministram aulas referentes ao componente curricular natação, nas universidades públicas da cidade do Recife-PE. Isto se deu na condição de que tenham formado pelo menos uma turma de profissionais de educação física, independentemente de qual período a referida disciplina esteja sendo oferecida, seja ela eletiva ou obrigatória. Caso houvesse mais de um professor ministrando a disciplina, incluiríamos todos. Os professores, que ministraram aulas dessa disciplina e que já não estão mais atuando, foram excluídos da pesquisa.

Tivemos um conjunto de questões semiestruturadas e mais aprofundadas sobre o nosso objeto de pesquisa, tendo a liberdade para inserir outras questões cujo interesse viesse surgir no decorrer da entrevista, como também reestruturar a pergunta durante a fala do entrevistado. Segundo Triviños (1987), a entrevista semiestruturada é:

[...] aquela que parte de certos conhecimentos básicos apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta forma, o informante seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar do conteúdo de pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

As entrevistas foram individuais e gravadas nas respectivas universidades. Gravamos a entrevista por medida de segurança em dois equipamentos. Um celular da marca Lenovo K6, com 32 *Gigabytes* e um gravador MP3 da marca *Titan*, modelo único, 2 *Gigabytes* de capacidade. Após a gravação, transferimos manualmente para o formato de texto escrito.

Na terceira subetapa, aplicamos um questionário (APÊNDICE B) com perguntas fechadas de múltipla escolha centradas no nosso objeto de pesquisa para os alunos que estavam cursando a disciplina nas três universidades. Neste contexto, para fundamentar essa subetapa, utilizamos o questionário, que

é um conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vista a conhecer a opinião sobre o assunto em estudo. (SEVERINO, 2007, p. 125)

Em vista disso, colhemos informações de forma objetiva e quantitativa concernente à prática corporal, natação, o saber fazer e o saber ensinar.

O questionário aplicado aos alunos (APÊNDICE B) foi respondido posteriormente à entrevista dos professores, disponibilizado para os alunos em formato digital por meio de um link. Para embasar esse método eletrônico de pesquisa e levantamento de dados, buscamos uma fundamentação:

O levantamento de dados e opiniões podem ser facilmente realizados no *Google Forms*, um dos aplicativos que faz parte do *Google Drive*. [...] Para todos os tipos de questões, há a possibilidade de tornar a(s) pergunta(s) obrigatória(s), de modo que o questionário só poderá ser enviado se todas as questões obrigatórias estiverem respondidas. O formulário construído pode ser disponibilizado através de um endereço eletrônico e, em quando preenchido pelos respondentes, as respostas aparecem imediatamente na página do *Google Forms* do usuário que os criou. Essa é uma das principais vantagens no seu uso à visualização dos dados coletados. As respostas aparecem organizadas em uma tabela [...], onde cada coluna corresponde às resoluções de uma questão e cada linha corresponde a um respondente.

Essa planilha pode ser exportada em diversos formatos, inclusive como uma planilha Excel. (MATHIAS E SAKAI, 2013, p. 7).

Para auxílio da pesquisa, contamos com dois alunos do projeto de Iniciação Científica (I.C.) que, desde o levantamento bibliográfico, nos apoiou com alguns fichamentos de artigos, livros e teses, com os descritores: prática corporal, natação, formação superior; saberes docentes.

Ao fazer uma pesquisa sobre o termo “práticas corporais” no banco de dados do *Google Scholar*, encontramos 14.900 publicações entre os anos 2010 e 2020 emergindo com os termos: alternativas, saúde, autonomia, educação física, atenção básica, atividade física, mídia e influência e promoção. Associando os termos “práticas corporais” e “educação física”, aparecem 13.000 publicações com o termo no título, no resumo ou inserido no restante do trabalho. Através das expressões “práticas corporais” e “conceito” surgem 15.700 trabalhos no mesmo intervalo de tempo.

Por se um universo muito amplo, desprezamos esta busca por questões de logística, pois o critério de inclusão que escolhemos: como o termo “práticas corporais” é conceituado na área de educação física, fez emergir 15.100 trabalhos quando adicionamos os descritores “conceito” e “educação física”, juntamente com a “prática corporal”.

No *Scielo* utilizamos, antes do termo práticas corporais, a expressão “*subject*” que habilita para o assunto para verificar no título, resumo e palavras-chave, sendo utilizado os seguintes filtros: coleções: Brasil; periódicos: todos; idioma: português; áreas temáticas: todas. Com isso, encontramos 20 publicações no total.

Por meio do banco de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), encontramos 1.014 publicações, entre os limites da plataforma apresentou de 2012 a 2017, das quais surge em maior quantidade nos seguintes bancos de dados: MEDLINE com 417 publicações; LILACS, com 396; IBECs, com 81 e Index Psicologia - Periódicos técnico-científicos, com 32; além de outros locais com menores publicações, com o total de 88 trabalhos. Para filtrar este universo, separamos as publicações mais próximas do nosso objeto de estudo, reservando apenas as publicações em educação física, com 70 obras.

Nos últimos dez anos (2010 – 2020), o termo “práticas corporais” aparece na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BTDT) 300 vezes no resumo em português e, apenas no título, 74 vezes.

Separamos as 20 produções do *Scielo*, as 70 da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e as 74 obras da BTDT, perfazendo um total de 164 trabalhos entre artigos, teses e dissertações.

Resolvemos fazer um *scanning* dos resumos e títulos dos trabalhos. Para início do referencial teórico, decidimos como critério de inclusão as obras que continham pressupostos para uma conceituação e como o termo “práticas corporais” vem sendo tratado na literatura científica brasileira, na área da educação física. Como critério de exclusão, desprezamos os trabalhos que não se enquadraram neste contexto.

O método utilizado para o levantamento foi o estado da arte que Segundo Romanowski e Ens (2006), as pesquisas do tipo estado da arte

[...] podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada. (ROMANOWSKI E ENS, 2006, p. 39).

Após as análises, elaboramos o quadro 1 com as principais referências analisadas sobre o termo práticas corporais:

Quadro 1 – Principais referências analisadas sobre o termo práticas corporais.

REFERÊNCIAS	CONTEÚDO	COMPREENSÃO
CIRQUEIRA FALCÃO, J. L. E SARAIVA, M. C., (2009)	Livro composto por artigos que fazem parte das investigações desenvolvidas em um projeto chamado “As práticas corporais no contexto contemporâneo: esporte e lazer ressignificados na cidade”.	Dentre os sete capítulos do livro, o primeiro capítulo trata mais particularmente do conceito de práticas corporais. Preconizam que o termo tem um distanciamento na relação com as atividades estandardizadas pela ciência e pela lógica do mercado, sendo oferecida de forma genérica aos indivíduos.

LAZZAROTTI, SILVA E PIRES, (2013)	Artigo que discute como o saber sobre as práticas corporais (SSPC) e o saber das práticas corporais (SDPC) se inter-relacionam num curso à distância de Educação Física.	Trazem à discussão a importância da prática corporal para o curso, falam de um tensionamento devido às poucas vivências das práticas corporais no curso.
LAZZAROTTI FILHO, (2011)	Tese de doutorado onde o autor retrata como está o <i>modus operandi</i> do campo acadêmico-científico da educação física no Brasil.	Analisa a veiculação do conhecimento de oito revistas científicas que publicaram artigos e através da divulgação dos seus resultados percebe-se a dicotomia entre as “ciências duras” e “ciências moles”.
LAZZAROTTI FILHO, et al (2010)	Revisão e levantamento dos sentidos e significados com os quais o termo práticas corporais vem sendo utilizado na literatura acadêmica brasileira.	O termo prática corporal tem uma identificação com a cultura, não tem uma definição estanque e ultimamente tem sido bastante utilizado na literatura em educação física .
SILVA, (2014)	Ensaio que problematiza os conceitos de corpo frente às práticas corporais e algumas discussões para a prática profissional.	Busca definir o conceito geral das práticas corporais relacionando as várias formulações conceituais que já existem.
SILVA E DAMIANI, (2005)	Este primeiro volume da série critica a forma como a linguagem corporal passa a ser compreendida apenas no seu “saber fazer”, reduzindo-a à condição de mero “objeto”.	Realização de práticas corporais em diferentes espaços e diferentes setores da população. Estudos e pesquisas sobre o conceito prática corporal em diferentes campos do conhecimento, entretanto com atenção para a área da educação física .

Fonte: O autor

Na quarta e última etapa, realizamos o tratamento e análise dos dados. Para os dados coletados nos documentos e nas entrevistas, utilizamos a técnica de análise de conteúdo do tipo categorial por temática, que funciona por uma fragmentação do texto em unidades e categorias para reagrupamentos analíticos, tendo como fundamento os estudos de (MINAYO, 1998; MINAYO, 2010; SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010).

As respostas dos questionários estão exibidas em gráfico, em forma de *pizza*, gerados automaticamente pelo *Google Forms*. Após as respectivas análises dos gráficos e repostas das entrevistas, fizemos aproximações e distanciamentos com o resultado da análise do conteúdo.

Após as leituras que fundamentaram esta pesquisa, ficaram evidenciadas algumas categorias analíticas de acordo com (BARDIN, 2011) e (SOUZA JÚNIOR, MELO E SANTIAGO, 2010). Foram elencados dos textos: saberes pedagógicos, natação, prática corporal e formação profissional. Entretanto, a partir da pesquisa de

campo, encontramos categorias empíricas, as quais passamos a expor por meio do quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - As categorias empíricas e as respectivas unidades.

CATEGORIA EMPÍRICA ENSINO	
EMENTA	ANÁLISE
Forma ou efeito de construir o conhecimento realizado pelos seres humanos, tendo como consequência a liberdade.	O ensino perpassa pelo professor, por meio dos saberes docentes como o saber ensinar, saber fazer e o saber ser, ajudando o aluno a sair do “lugar comum” na construção do conhecimento.
UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO
	Ementa, objetivos, metodologias da disciplina.
Contribuição da disciplina na formação profissional	Conteúdos programáticos
	Avaliação da disciplina
	Competências e habilidades do professor da disciplina
	Natação infantil
CATEGORIA EMPÍRICA NATAÇÃO	
EMENTA	ANÁLISE
Esporte aquático que é executado através dos quatro nados (crawl, costas, peito e borboleta) dentro de um padrão técnico regido pela (F.I.N.A.) Federação Internacional de natação Amadora.	A natação tem como princípio o ato de nadar. Para uma melhor fluidez na água, são observados os princípios biomecânicos como, por exemplo, nadar com a face dentro d’água no nado crawl. O acesso à natação, ao longo da história sempre teve um caráter elitizado. Os nados são uma construção e evolução humana. O indivíduo pode afirmar que sabe nadar sem

	nenhuma técnica utilizada nos quatro nados.
UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO
Aproximações e distanciamentos com a prática da natação	Alunos que não sabem nadar
	Quatro nados ou quatro estilos
CATEGORIA EMPÍRICA TÉCNICA	
EMENTA	ANÁLISE
Maneira como se executa um determinado movimento ou gesto com eficiência, objetivando o melhor resultado, gerando um menor esforço ou gasto energético. Todavia existe também uma técnica que não está ligada à ciência, mas pode estar ligada a alguma arte.	Pode-se utilizar o termo técnica para tratar de qualquer gesto específico a ser feito com eficiência ou arte. Nesta pesquisa, este termo foi citado referindo-se aos quatro nados da natação, nado utilitário ou nado reboque.
UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO
Execução de movimentos característicos na água	Excelência na execução dos movimentos
	Salvamento aquático
CATEGORIA EMPÍRICA EXPERIÊNCIAS	
EMENTA	ANÁLISE
Práticas vividas pelo ser humano que, de forma positiva ou negativa, servem como influência para um momento futuro.	No caso de nossa pesquisa, estamos considerando o aluno da graduação e o professor, com alguma experiência positiva ou negativa durante as aulas da disciplina, bem como experiências anteriores.
UNIDADES DE CONTEXTO	UNIDADES DE REGISTRO

Experiências vividas ou evidenciadas por professores e alunos da disciplina	Experiência do professor da disciplina
	Experiência do aluno durante a disciplina

Fonte: O autor

3 PRÁTICA CORPORAL: UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

A Educação Física como área do conhecimento tem, em sua base epistemológica e ontológica, a exercitação do corpo desde outrora, perpassando todos os movimentos renovadores da área até os nossos dias, todavia com novas ressignificações devido à própria educação física lançar mão do conhecimento científico e por este não estar fulcrado em alguma verdade absoluta.

Convém destacar que a educação física transita entre as ciências, tais como a sociologia, filosofia, biologia, antropologia, educação, entre outras, com o desafio de teorizar, ensinar, criticar, prescrever e diagnosticar, tudo isso ao mesmo tempo, devido ao sentido polissêmico que tem sido construído historicamente.

Portanto, para discutirmos a prática corporal como base teórica da pesquisa, optamos inicialmente por lançar mão de alguns autores como Silva e Damiani (2005) que desenvolveram trabalhos no âmbito das práticas corporais em diferentes espaços e diferentes setores da população, além de estudos e pesquisas sobre o conceito prática corporal em diferentes campos do conhecimento, mas com a atenção para a área da Educação Física.

Silva (2014) observou que o termo práticas corporais corria por um caminho intuitivo e que necessitava de um tratamento mais rigoroso. Percebeu que, nas últimas décadas, as produções científicas indicavam uma convergência para um conceito, em um certo nível de consonância na comunidade acadêmica. A autora percebia que mesmo tratando-se do mesmo termo com certas discrepâncias entre os autores, identificou uma tendência de consenso ou definição.

Por outro lado, Pinto, Bassani e Vaz (2012) preconizam que o emprego desse conceito na área da Educação Física, no Brasil, é um tanto quanto recente e rodeado de ambiguidades. Entretanto, introduzimos com um entendimento proposto a seguir:

[...] entendendo-as como práticas sociais que associam a tecnologia a estéticas corporais específicas para manifestar no corpo e com o corpo os sentidos e significados da beleza, da alegria, da religiosidade, da moral, de determinado grupo étnico e que possibilitam a construção de um 'ideal de pessoa'. As práticas corporais, portanto, são manifestações culturais. Essas manifestações são explicitadas nos movimentos corporais identificados como dança, jogo, formas de exercitar, luta, competições esportivas etc. Essas práticas corporais expressam uma educação específica do corpo que por sua vez explicitam a concepção de pessoa em cada sociedade. Como

vimos nos exemplos de Mauss – na natação, na corrida e na marcha – cada prática corporal, explicita a identidade étnica de quem a pratica, a partir das técnicas corporais e da estética explicitada no corpo em movimento. (GRANDO, 2009, p.45)

A definição aponta para uma prática social que evidentemente se manifesta com o corpo através de uma movimentação corporal, conduzindo um significado e objetivando o desenvolvimento do indivíduo em um determinado contexto social. Pinto, Bassani e Vaz (2012) identificam que o tema prática corporal não está restrito a uma área do conhecimento, bem como longe de ser concebida como uma definição estanque:

Mesmo reconhecendo a abrangência e a generalidade do termo, compreendemos, no âmbito dessa pesquisa, práticas corporais como aqueles dispositivos que, possuindo certa sistematicidade e recorrência histórica, tomam o corpo como território privilegiado de inserção e incisão – portanto, o tomam como objeto –, apoiando-se em um conjunto de técnicas disponíveis em um tempo, que por sua vez são organizadas segundo uma sintaxe própria, historicamente delimitado por uma tradição. (PINTO, BASSANI E VAZ, 2012, p. 911)

Neste sentido, as práticas corporais estão vinculadas a uma tradição, a um sentido filosófico e a uma técnica executada pelo corpo num contexto histórico vinculado mais a uma manifestação cultural do que aos pressupostos ligados à saúde ou biologicismo.

Lazzarotti Filho *et al.*(2010) e Lazzarotti Filho (2011) têm contribuído para a discussão do conceito, em nível nacional, sobre o debate acerca da definição do termo prática corporal. Esses autores realizaram um trabalho quali-quantitativo, obtendo dados a partir do termo práticas corporais em 260 artigos e 26 teses e dissertações, que foram selecionados e agrupados em categorias para posterior tratamento de acordo com as fases de pré-análise, descrição analítica e interpretação referencial.

A partir dos periódicos pesquisados (*Google* acadêmico, Scielo, Lilacs e Medlaine), utilizaram o critério que permite o acesso *on line* ao texto na íntegra e que pudesse ser publicado em periódicos científicos com conselho editorial. Nas teses e dissertações, para o termo práticas corporais, foi utilizado o sistema da BTDT. Os documentos analisados foram os que permitiram também o acesso *on line* ao texto na íntegra. A partir do procedimento utilizado, os autores encontraram o quantitativo de 17 teses e dissertações e 260 artigos publicados nos periódicos.

Observamos que o termo vem sendo utilizado com maior frequência no meio acadêmico, nos últimos anos, especialmente na educação física. Os artigos analisados foram, em sua grande maioria no campo da educação física com 67% do total, e outras áreas com menor incidência como, por exemplo, na educação 7,7% na antropologia com 4,6%, na saúde 4,2%, na psicologia 3,8; outros periódicos de ordem multidisciplinar, 3%; e com percentuais menores nas áreas: história, ciência da comunicação, ciências sociais e sociologia. Ressaltando apenas que 8% dos artigos analisados é que explicitam o entendimento de práticas corporais.

Segundo os autores da pesquisa, o termo práticas corporais aparece pela primeira vez em um artigo de (FRAGA, 1995). Essa afirmação entra em aparente contraste com esta citação:

Talvez a primeira versão filosófica, a que trata dos conceitos de práticas corporais como filosofia da prática e reorientação paradigmática, VIEIRA DA CUNHA (1992,1995), sob influência de PARLEBAS (1981) foi determinante para a estrutura conceitual desse discurso. (CARMO JÚNIOR, 2011, p. 366)

Parece que a visão citada acerca da prática corporal aproxima-se muito de uma base mais fenomenológica, e mesmo que a primeira citação do termo prática corporal tenha sido por um autor ou por outro, teve um conceito diferentemente do que é hoje, ou seja, menos filosófico, como veremos mais adiante.

Carmo Júnior (2011) discute em seu trabalho a elaboração de um conceito sobre a educação física como cultura da prática, contudo tomamos como referência a maneira que o autor trata a expressão prática corporal. Ele preconiza que não é fácil repensar um projeto para conceituar o tema educação física no campo das práticas corporais devido à visão científica e filosófica para a prática dos exercícios físicos, esportes, ginásticas e dança. Em seu artigo, o termo práticas corporais parece englobar a educação física, de forma que o termo prática corporal parece ter um significado mais amplo que educação física, mesmo esta área do conhecimento sendo bem abrangente, estendendo-se com reflexões nos campos filosófico, pedagógico antropológico, psicológico e das artes.

Lazzarotti Filho *et al* (2010) encontraram nos dados de sua pesquisa, várias características, elementos indicativos e argumentativos que convergiam-se para algumas conceituações, tais como:

1. São identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, característica, segundo os textos analisados, não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física; 2. Buscam superar a fragmentação identificada na constituição do ser humano e denotam uma crítica a forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo; 3. Apontam para uma ampliação conceitual deste termo com elementos das ciências humanas e sociais e tensionam com uma concepção de ciência pautada na objetividade e neutralidade; 4. A exemplificação encontrada indica as práticas corporais como sendo, principalmente esporte, ginástica, dança, luta, tai-chi, yoga, práticas de aventura, jogos; 5. Destacam-se as diferenças e contrastes entre as práticas corporais orientais e as ocidentais; 6. Externam uma preocupação com os significados e sentidos atribuídos às práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam, para além de sua utilidade mais pragmática; 7. Apresentam finalidades como educação para sensibilidade ou educação estética, promoção da saúde, para desenvolvimento do lazer, para a sociabilidade e para o cuidado com o corpo. (LAZZAROTTI *et al.*, 2010, p. 18).

O conceito de prática corporal encaminha-se para uma forma de manifestação do corpo ou uma expressão que significa algo em torno de prática dentro de uma cultura específica, aparentemente além da cultura da educação física.

Silva (2014) faz uma relação intercambiável entre as práticas corporais e os esportes quando elenca algumas características no sentido de procurar aglutinar as formulações conceituais mais dispersas já existentes para o estabelecimento de um conceito com uma aproximação na área da educação física. Ao mesmo tempo trata também de forma alternada a expressão como práticas sociais. Entretanto, preconiza que para isso faz-se uma desnaturalização dos conceitos para compreendê-los no fluxo da história porque se remetem aos significantes. Isso ocorre em meio a uma disputa que se estabelece com outras percepções e interesses que, segundo a autora, permeiam um campo acadêmico-científico.

Dentro desta epistemologia para o conceito, as aproximações e distanciamentos ocorrem por autores que pertencem a outras áreas do conhecimento, tendo evidentemente visão e ideias distintas sobre o tema. Parecem existir evidências de sua aproximação ou distanciamento do termo, que ocorrem devido à perspectiva epistemológica dos autores.

Goellner (2005), em sua pesquisa sobre a participação feminina, traça uma linha tênue entre prática corporal e esportes (de rendimento, na educação física escolar ou no lazer). Outros autores, entretanto, citam a prática corporal como forma alternativa para a prática esportiva, (COLETIVO DE AUTORES, 2014; MELO, 2007; OLIVEIRA, 2013; OLIVEIRA, 2017).

Acrescentando, Dahlenberg (1978) diz que se dois conceitos diferentes possuem características semelhantes e um deles possuir uma característica maior do que o outro, então estabelece-se uma relação de hierarquia entre eles. Podemos então falar de conceitos mais amplos e restritos, assim também como superior e inferior, como por exemplo, as práticas corporais de dança. Podemos considerar como amplo o conceito corporal da dança brasileira e, conseqüentemente, o conceito de prática corporal mais restrito, o samba.

Essa mesma premissa ocorre, por exemplo, para luta (prática corporal de um conceito maior e o judô, uma prática corporal com uma hierarquia menor). Da mesma forma, ocorre com outros componentes da cultura corporal.

Seguindo este mesmo raciocínio, dentre outras práticas esportivas, podemos considerar a natação também uma prática corporal. Tomando um conceito mais amplo de prática corporal, podemos inferir que a natação recebe também essa relação de hierarquia do termo maior (esporte) para o menor (natação).

Existem, todavia, particularidades que envolvem temas na área da educação física, ou qualquer elemento da cultura corporal que, dependendo da sua aplicabilidade, podem distanciar-se do conceito de prática corporal, como as pesquisas na área da biomecânica, fisiologia do exercício e outras. Entendemos que dependendo do recorte ou da aplicabilidade de um conhecimento, não há uma aproximação com o termo prática corporal.

É neste sentido que, para Lazzarotti Filho *et al* (2010) o uso do termo traz um desdobramento de um conceito de corpo que se opõe ao biologicismo. Parece que a expressão não só biológica citada por eles indica certa desmarcação conceitual ainda que se definido pelo oposto, ou pelo negativo, “[...] através daquilo que não é” (LAZZAROTTI FILHO *et al*, 2010, p. 24).

Ao que entendemos, até então, é que se uma prática quiser se apresentar como prática corporal deverá estar distante do biologicismo, entretanto deverá estar mais próximo da prática (sua natureza) com aproximações de ordem social, na qual evidentemente a educação física está imbricada.

Bratch (1997) ao fazer críticas ao esporte de alto rendimento, traz considerações sobre o esporte dito moderno, relacionando-o como prática corporal, desprovido obviamente de pressupostos biologicistas, como podemos ver a seguir:

Se na sociedade tradicional as práticas corporais inclusive aquelas que alguns autores, afoitamente, chamam de esporte antigo estavam embutidas em instruções como a religiosa e militar ou seja as práticas corporais aí se realizavam sobre a ótica e a lógica destas instituições [...]. (BRATCH,1997, p. 94).

O esporte moderno desenvolveu-se a partir do século XVIII, tendo uma estreita aproximação com a sociedade capitalista e como país precursor, a Inglaterra. Neste contexto, favorecia as classes dominantes, proporcionando lazer no tempo livre através dos jogos populares. Entretanto, para o desenvolvimento do esporte, as práticas corporais presentes nos jogos antigos, certamente colaboraram neste sentido. Em outras passagens, o autor continua tratando o esporte como uma prática corporal de uma forma mais explícita:

[...] é importante ressaltar que muitos dos elementos característicos da sociedade moderna, no caso capitalista industrial vão ser incorporados e ou estão presentes no esporte: orientação para o rendimento e a competição a cientifização do treinamento... Esta forma de prática corporal com estas características [...] Essa forma de prática corporal, orientando para o rendimento e a competição, vai expandir-se em meados do século XIX para o continente europeu e vai transformar-se ao longo do século XX no conteúdo hegemônico [...]. (BRATCH,1997, p.97).

Observamos essa aproximação em meio à necessidade de observá-lo como fenômeno imbricado e utilizado pelo capitalismo de forma selvagem, através das classes dominantes. Neste contexto em que Bracht (1997) discute, desperta o leitor para encarar este fenômeno de forma sempre desconfiada e suspeitando que exista uma manipulação pelos poderes das classes dominantes e sociedades capitalistas.

Independentemente do sistema político em que o país estiver inserido, parece que, em quase todas as manifestações da prática corporal, o movimento humano pode se tornar em algo comercial, através das técnicas de merchandising, que define o seu consumo com uma tenacidade feroz, fomentando a sua repetição ininterrupta.

Sob o ponto de vista crítico, observa-se uma “promoção” pela força da ideologia dominante através dos esportes como: futebol, voleibol, as ginásticas, as danças, as corridas de rua, etc. Eles transformam-se em um grande meio de divulgação de produtos para os interesses dos empresários do esporte nacional e internacional e até mesmo palanque de políticos.

Com base nos conceitos, podemos utilizar o termo prática corporal também no tocante às exercitações do corpo, como, por exemplo, a ginástica. O Coletivo de Autores (2009), durante a sistematização do conhecimento no trato das aulas de educação física, em especial no uso da unidade ginástica afirma:

Pode-se entender a ginástica como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral. Sua prática é necessária na medida em que a tradição histórica do mundo ginástico é uma oferta de ações com significado cultural para os praticantes, onde as novas formas de exercitação em confronto com as tradicionais possibilitam uma prática corporal que permite aos alunos darem sentido próprio às suas exercitações ginásticas. (COLETIVO DE AUTORES, 2014, p. 76).

Aqui uma menção da ginástica como prática corporal, que faz parte da cultura corporal como a luta, o jogo, a dança e o esporte e, por associação, esses outros componentes podem também ser considerados como práticas corporais.

Outros autores como Fernandes e Lobo da Costa (2006) ao tratar da pedagogia da natação, afirmam que esta deve ir além dos quatro nados e, ao versar sobre a história da natação, preconizam que é impossível precisar suas origens, mas citam este esporte como uma prática corporal.

Da mesma forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Brasil (1998), documento nacional como referencial comum para a formação de professor no Brasil, trata a prática corporal associando, também, os elementos da cultura corporal com práticas corporais:

Esportes, Jogos, Lutas e Ginásticas. Tentar definir critérios para delimitar cada uma destas práticas corporais é tarefa arriscada, pois as sutis interseções, semelhanças e diferenças entre uma e outra estão vinculadas ao contexto em que são exercidas. Existem inúmeras tentativas de circunscrever conceitualmente cada uma delas, a partir de diferentes pressupostos teóricos, mas até hoje não existe consenso. (BRASIL, 1998, p.70).

Silva (2014) preconiza que o termo práticas corporais aglutina enunciados que abarcam os fenômenos sociais, portanto, englobando os conteúdos da cultura corporal, e defende a ideia de que

[...] o termo práticas corporais é o símbolo linguístico para um conceito que reúne os enunciados acerca dos fenômenos sociais.

Em termos teóricos, o termo abarca características ou atributos dos fenômenos chamados de significantes os quais são concretos e compõem a realidade social, tais como as danças, os jogos, os esportes, as acrobacias, as lutas, as artes marciais. (SILVA, 2014, p. 13).

Ou seja, ao que parece, uma prática para estar inserida no contexto de prática corporal deve estar ligada a uma cultura (neste caso, a cultura corporal) ou a uma questão social a que Bracht (1997) faz referência, a um posicionamento político, por exemplo, a princípio não partidário, que aponta para um despertar de consciência, o que nos faz lembrar o mito da caverna de Platão (RODRIGUES E DE SOUZA, 2018).

Isto é, os que conseguem sair da caverna, ver o mundo novo e o sol e voltam para avisar ao seu povo a respeito da vida que existe lá fora, sem mais ter que viver apenas contemplando sombras, são os que têm a consciência crítica. Inteirado dessa consciência, como podemos tratar de uma prática do corpo, sem que ela esteja inserida no contexto de cultura?

Silva e Damiani (2005) identificaram a necessidade de incorporação de práticas corporais para amenizar o processo do desenvolvimento de doenças coronárias nas pessoas (dislipidemia, portadores de afecções cardiovasculares), modificando ações do seu cotidiano, na perspectiva de promover atividades não centradas em atividades aeróbicas ou flexibilidade, mas baseados em atividades lúdicas. O trabalho das autoras tem surtido efeito nas alterações do bem-estar, na autoestima com alterações fisiológicas positivas, contribuindo, assim, para a prevenção de problemas maiores de ordem cardiovascular.

O termo utilizado poderia ser atividade física, mas o trabalho das autoras estabelece uma prática social vinculada ao lúdico portanto, nesse caso, a prática corporal é o termo mais adequado por se tratar de um aspecto que vai cuidar além do físico, pois o termo atividade física “[...] tanto etimologicamente como conceitualmente se mostra reducionista em sua perspectiva [...]” (SILVA E DAMIANI, 2005, p.24).

Com a mesma ideia, concatena Lazzarotti Filho (2011) quando traz para a discussão a ideia de que o termo práticas corporais está presente quando é usado por uma diferenciação ao termo atividade física. Preconiza que o termo é encontrado em meio a discrepâncias e alguns consensos em torno dos significados associados.

Por outro lado, no trabalho de Moretti *et al* (2009) o termo prática corporal é tratado de forma intercambiável com atividade física, quando aborda a questão da promoção da saúde, identificando a necessidade de pessoas advogarem por políticas públicas saudáveis através da inserção

[...] de um programa de prática corporal/ atividade física, integrada a uma política pública de promoção de saúde e direcionada à população, deve estar fundamentada em um processo educativo que vá além da transmissão de conhecimentos, aumento no nível de atividade física e/ou aquisição de determinantes relacionados à aptidão física, como força e flexibilidade. (MORETTI *et al*, 2009, p. 353).

Ao que parece, as expressões prática corporal e atividade física têm pressupostos que são díspares epistemologicamente e tem suas aproximações, a depender de como os autores queiram tratar do tema. Contudo, sem ignorar que a historicidade da primeira pode ter emergido nas ciências sociais, ao passo que a atividade física necessitará sempre de uma interface para se compreender como alguma função social.

Nessa discussão conceitual, observamos, em uma fala de Carmo Júnior (2011) que ao “fazer educação física” estamos tratando ou cuidando de “algo” que vai além do físico ou corporal.

Ora, sabemos que educação é algo abrangente e que o físico não se reduz ao organismo humano. Educar o físico parece limitar o conceito de educação física por aquilo que ela representa, portanto, diante de um referencial cultural, na qual a própria pedagogia nos oferece conhecimentos seguros sobre a prática, não seria coerente educar o físico sem educar o ser humano na sua totalidade. (CARMO JÚNIOR, 2011, p.362).

Portanto, podemos tratar novamente dos conceitos de mais amplo e mais estreito ou maior e menor. Se prática corporal parece conter em termos de conceitos de prática da educação física, e se um dos conteúdos dessa área do conhecimento é o esporte e dentro do esporte está a natação, poderíamos inferir que a natação também é uma prática corporal.

Os dois exemplos técnicos citados a seguir, também estão inseridos no contexto esporte e prática corporal. Silva (2014) e Lazzarotti Filho *et al* (2010) preconizam uma definição do conceito geral de práticas corporais, como uma das

características sendo “constituídas por conjuntos de técnicas disponíveis naquele tempo histórico e organizadas a partir de uma lógica específica.”

Sobre a corrida, enfim, também presenciei, como vós todos, a mudança de técnica. Imaginem que meu professor de ginástica, um dos melhores formados em Joinville, por volta de 1860, ensinou-me a correr com os punhos colados ao corpo: movimento completamente contraditório a todos os movimentos da corrida; foi preciso que eu visse os corredores profissionais de 1890 para compreender que devia correr de outro modo. (MAUSS, 2003. p. 404).

Percebe-se aqui uma mudança na corrida de Mauss (2003) quando ele entendeu como contraditória uma determinada técnica ao observar os corredores profissionais tempos mais tarde. Neste sentido, o mesmo pode ocorrer com qualquer outro esporte com as técnicas organizadas a partir de uma lógica específica, aproximando, assim, da expressão prática corporal.

Por outro lado, sabe-se que nos esportes, em geral, se aprendemos algo fora dos conteúdos pedagógicos ou das técnicas, nas primeiras aulas, não havendo uma correção, mais tarde poderá ser mais difícil de “modificar” aquela prática. O mesmo autor, Mauss (2003), enfrentou certa dificuldade em sua época. Não que ele tenha aprendido errado, mas em seu tempo foi o que ele recebeu como correto durante seus anos de corredor. Alguns movimentos que ele aprendeu, quando mais novo, na vida adulta, teve dificuldade para desvencilhar-se deles:

Há portanto uma técnica do mergulho e uma técnica da educação do mergulho que foram descobertas em meu tempo. E vejam que se trata claramente de um ensino técnico, e que há, como para toda técnica, uma aprendizagem do nado. Por outro lado, nossa geração, aqui, assistiu a uma mudança completa de técnica: vimos o nado a braçadas e com a cabeça fora d'água ser substituído pelas diferentes espécies de crawl. Além disso, perdeu-se o costume de engolir água e de cuspi-la. Pois os nadadores se consideravam, em meu tempo, como espécies de barcos a vapor. Era estúpido, mas, enfim, ainda faço esse gesto: não consigo desembaraçar-me de minha técnica. (MAUSS, 2003, p. 402)

Com essas experiências corporais em diferentes esportes, há conexões evidentes de que há uma prática corporal, como preconizam os autores Lazzarotti Filho *et al* (2010) os quais afirmam que o termo práticas corporais já se constitui uma potencialidade para ser estruturado como conceito. Entretanto, necessita de maior estabilidade, menos divergência e de certo nível de consenso na comunidade acadêmica, como, por exemplo, na educação física.

O termo vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais. Todavia para aqueles que dialogam com as ciências biológicas e exatas, a expressão prática corporal aproxima-se do conceito de atividade física e observamos que normalmente é utilizada em educação física no contexto com aproximações dos temas da cultura corporal, em níveis do ensino fundamental e médio, em algumas publicações, como nos PCNs, (BRASIL, 1998) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), (BRASIL, 2017).

Neste capítulo, entendemos que o termo prática corporal está inserido no contexto das ciências humanas e sociais, bem como na cultura esportiva, tendo em vista que o objeto tratado neste estudo está imbricado na formação de professores, portanto, a partir dos lastros epistemológicos e dos conceitos abordados pelos autores, depreendemos a natação como uma prática corporal.

4 A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA NATAÇÃO

Neste capítulo, abordaremos um pouco do histórico, dos conceitos e da ciência da natação; do saber fazer, do saber ensinar e da prática corporal na disciplina natação. Embora os saberes que fundamentam o ensino das escolas de formação de professores de educação física contemplem conhecimentos técnicos, pedagógicos, históricos, filosóficos e psicológicos, a formação do futuro professor de natação perpassa pela prática corporal.

4.1 Natação: uma prática corporal

Resgatando o que no vimos no capítulo anterior, a expressão prática corporal não está associada a estudos, artigos ou conceitos na área biologicista, mas às áreas das ciências humanas e sociais.

Como um fenômeno social, o esporte, segundo Oliveira (2017) perpassa constantes mudanças, devido a interferências sofridas e às influências que causam nas realidades sociais, educacionais, políticas, econômicas e culturais. No caso, a natação, sendo um esporte e, por consequência, um fenômeno social, podemos não apenas fazer aproximações com a expressão prática corporal, mas como vimos no capítulo anterior, inferimos a natação como representação de uma prática corporal.

Retornando ao tempo, podemos indagar: quando ocorreram as primeiras braçadas do Homem na água? A origem do ato de nadar provavelmente se confunde com a origem da humanidade, pois parece ser quase tão antiga quanto o Homem. As civilizações antigas sempre cresceram às margens de rios, lagos e mares, devido a necessidade de sobrevivência e da prática corporal no meio líquido para o lazer, pesca e outros fins.

Segundo Catteau e Garoff (1990) foram encontradas pinturas rupestres de 9.000 anos a.C. nas cavernas no deserto da Líbia. Também é dito que as crianças de Esparta eram conduzidas a nadar com armas a partir dos oito anos para no futuro defenderem suas fronteiras.

Os povos romanos, por volta de 310 a.C., já tinham o hábito de nadar nos lagos e rios, e no período do Império Romano, entre 27 a.C. a 476 d.C. surgiram as piscinas dentro das termas. Também na Grécia, na mesma época, as piscinas se

localizavam dentro dos ginásios e os povos germanos mergulhavam seus filhos em águas geladas para que ganhassem resistência. (BONACELLI, 2004, p. 75)

Parece ser pertinente acreditar que o ato de deslocar-se na água e seu surgimento como esporte parece não pertencer a nenhuma nação, povo ou etnia, pois foi algo historicamente desenvolvido pelo Homem.

Na etimologia da palavra, encontramos no latim: *nataŕio,ŕnis*, que traduzindo significa ação de nadar. Portanto, a ideia parece incluir não só o esporte, mas um sentido mais amplo: o deslocar-se na água. Um deslizar na água que o leve de um lugar ao outro, esteja o indivíduo com o objetivo de competir ou não, seja através de alguma técnica oficial ou não, em alguma piscina, rio, mar ou outro acúmulo de água que o desprenda das leis físicas que atuam em terra firme. Neste sentido, para alguns autores como Reis (1982), por exemplo, o ato de nadar pode não ser a natação, contudo é uma arte que envolve uma técnica:

A arte de nadar significa a técnica de deslocar-se na água por intermédio da coordenação metódica de certos movimentos. Esta ação coordenadora começa a atuar no momento em que o homem entra na água. Entram, então, em ação a hidrostática, a cinemática e a dinâmica. (REIS, 1982, p.07)

Para Ferreira (1986) a natação é considerada um exercício físico dos mais completos, expondo o mover-se ou sustentar-se na água por impulso próprio. Não se encontram explícitos, nesta definição, os componentes equilíbrio e respiração. Detalhe que no caso da respiração da natação, a melhor técnica funciona de maneira inversa do que ocorre fora d'água, porque nosso corpo comporta-se diferente quando está meio líquido, pois

[...] estar e agir no meio aéreo não é igual que estar e imergir no meio aquático. Há várias propriedades físicas na água que interferem na ação direta e indiretamente, não só no corpo, mas em todo universo de vida. Apesar do ser humano ter estado cerca de 9 meses no meio líquido, ao nascer, passando para o meio aéreo, muitas coisas transformam-se, a começar pela respiração. (VELASCO, 1994, p.21)

Tomemos com exemplo o nado crawl (exceção em uma prova de velocidade). O nadador que executar esse nado com a cabeça fora d'água e utilizar a mesma respiração em terra firme afundará o seu quadril, aumentando o atrito ou arrasto de forma, gerando um maior gasto energético. Caso ele nade com o rosto na água, melhorará seu alinhamento e, conseqüentemente, seu deslocamento. Enquanto o

rosto estiver na água, é o momento da expiração ser realizada através da boca ou nariz, por meio de duas a quatro braçadas, porém, antes mesmo da necessidade de inspirar, o giro da cabeça para a lateral será o ideal com o auxílio do giro do tronco, tomando o ar apenas pela boca reiniciando um novo ciclo de braçadas.

Na natação, os membros inferiores são mais utilizados para o equilíbrio do corpo e os membros superiores para gerar propulsão. Enquanto, o deslocamento não dependerá somente das forças propulsivas criadas pelos braços e pernas, mas quem estiver nadando vai ter de vencer a influência das forças de arrasto durante o nado, a saber: arrasto de forma, de onda e o friccional, de acordo com Maglsicho (1999) ou de acordo com Counsilman (1980) atrito frontal, atrito de superfície e atrito de esteira ou sucção posterior.

Autores como Corrêa e Massaud (2004) preconizam que nadar é o ato de mover-se e manter-se na água por impulso próprio, com movimentos criados e combinados pelos braços e pernas. Se mudarmos a posição do corpo em relação à superfície da água, muda-se também o modo como os braços e pernas devem se posicionar e agir para manter o equilíbrio do corpo.

Em vista disso, Freudenheim, Gama e Carraced (2003) contribuem para essa discussão quando propõem os conteúdos para o ensino da natação em 3 fases: movimentos fundamentais, combinação dos movimentos fundamentais e movimentos culturalmente determinados. Na fase de combinação dos movimentos fundamentais na prática da natação, os autores estabelecem como um dos objetivos:

Deslocar-se: a partir de movimentos de braços e mãos, e de pernas e pés (de diferentes formas, amplitudes e velocidades, em combinação com a respiração), em diferentes posições, submerso e na superfície, em diferentes profundidades. (FREUDENHEIM, GAMA E CARRACED, 2003, p.65)

Portanto, a natação surge como um problema e o aluno é desafiado a resolver esse problema. A priori, parece ser um problema difícil de ser resolvido, contudo, como em qualquer oportunidade para a construção do conhecimento, é necessário o mínimo de certa habilidade como resultado de aprendizagem, neste caso é a habilidade de deslocar-se no meio líquido. Para isso, não é necessário ter o domínio de nenhum nado competitivo, como crawl, costas, peito ou borboleta, mas um nado utilitário resolverá esta questão. (PAIVA, SOUZA E OLIVEIRA, 1999).

Devido a esta complexidade, outro autor traz uma contribuição ao afirmar que o ato de nadar também pode ser definido como "[...] dar a possibilidade a um indivíduo de poder para cada situação inédita, imprevisível, resolver o triplo problema de uma inter-relação dos três componentes fundamentais: equilíbrio, respiração e propulsão". (RAPOSO,1981, p. 46)

Portanto, o nadar está ligado ao domínio dessas três habilidades aquáticas e, cada um desses termos, são pontos de partida para uma quantidade enorme de exercícios para as mais variadas faixas etárias, bem como servem como etapas de uma sequência metodológica associada também à imersão, saltos e giros. Esse conjunto de fases normalmente é chamada de adaptação ao meio líquido. Em cada exercício realizado existe uma técnica propícia para esta fase, mas que se diferencia em cada aluno, e, neste contexto, o mais importante não é a técnica em si, mas como é conduzido o processo ensino aprendizagem. Na adaptação ao meio líquido ou no nadar não temos as regras fixas como nos 4 nados.

Velasco (1994) nos fala um pouco sobre isso, quando preconiza que

aprender nadar não é sinônimo de aprender uma só técnica [...], mas antes harmonizar sinergias respiratórias com sinergias motoras, equilibrativas e práxicas, para garantir à criança uma propulsão contínua, econômica, melódica e eficaz. (VELASCO,1994, p. 54).

Os nados que conhecemos atualmente na natação fazem parte de uma construção histórica, pois eles foram criados pelo próprio Homem e sofreram alterações ao longo da história.

Segundo Colwin (2000) o nado de peito além de ser o mais antigo foi o pai de todos os nados, evidentemente não era o nado de peito que conhecemos hoje. Por meio desse nado, que era executado na lateral, surgiram outras técnicas que deram origem a outros nados como o *single overarm stroke*, que também teve o nome de braçada lateral inglesa o qual era executado na lateral com a recuperação de uma braçada aérea por cima d'água. Posteriormente evoluiu para o *double arm stroke*, elevando-se os dois braços para a recuperação por fora d'água de forma alternada, aproximando-se do nado crawl que temos atualmente. No início, as pernas realizavam um movimento de tesoura, depois evoluiu para o movimento de pernada no plano vertical, sendo denominado depois de crawl australiano, bem mais parecido com o crawl que temos hoje.

Independente do nado que esteja executando, o nadador deve “pegar” a água que está a sua frente e empurrá-la para trás com as mãos e antebraço, gerando a força propulsiva que o impulsiona para frente. As pernas geralmente têm uma ação equilibradora ou estabilizadora, mas proporcionam também uma pequena força propulsiva, com exceção do nado peito. A recuperação da braçada ou a devolução do braço à frente, a depender do nado, se for feita por baixo d’água, o braço enfrentará uma resistência bem maior comparada à recuperação aérea. Neste contexto, segundo Counsilman (1980) o meio líquido é comparado ao meio aéreo, guardando suas especificidades.

A natação é um esporte aquático que pode ser considerado um esporte base para qualquer atividade ou esporte aquático como polo-aquático, nado artístico, surf, entre outros. É um esporte que tem algumas utilidades ou propósitos, como a natação terapêutica (que proporciona aos indivíduos com limitações físicas e mentais a possibilidade de relacionar-se com a água, usando-a como terapia), natação elementar (aprender a dominar o meio líquido e o domínio de técnicas rudimentares), natação utilitária (com objetivo de salvamento, mergulhos com ou sem equipamentos, para pesca ou não, em transpor determinadas distâncias), natação recreativa (com fins de lazer em mares, rios, lagos ou clubes) e natação esportiva ou desportiva (que é competitiva em variados níveis ou categorias, em lagos, rios, mares e piscinas, desde um nível local, regional até um nível mundial ou olímpico).

No entanto, essa prática corporal pode ser não apenas para vencer o cronômetro, mas para experimentar os movimentos do corpo num meio líquido que não precisa ser retangular, nem “semiolímpico” para propiciar as experiências de deslizar sobre a água, em rios, mares e outros lugares, observando, contudo, o contexto de segurança. Entendemos esse deslizar sobre água com autonomia, com liberdade. (ANDRIES JÚNIOR, 1998, p. 23)

Se o corpo expressa uma linguagem, durante o envolvimento com a água, é pertinente expressar-se com autonomia, entretanto não desprezando o contexto de maturação do indivíduo, seus limites e possibilidades.

Entretanto, muitos indivíduos veem um grande acúmulo de água como algo misterioso e perigoso. E não é para menos, se considerarmos tanto a história de vida de cada um, como em que circunstâncias essas águas estão acumuladas: em rios com correntezas ou em um lago onde sabe-se de toda dimensão de

profundidade? Em mar aberto ou dentro de uma piscina rasa? Não podemos ignorar estes aspectos.

No entanto, a prática corporal da natação é um esporte que se diferencia da prática corporal do nadar. O nadar está associado ao lazer e ao lúdico sem a preocupação com algum rendimento individual ou coletivo. Por outro lado, na natação, desde as escolinhas até o nível máster, há uma preocupação com o rendimento ou algum progresso, mesmo que seja em nível pedagógico, no contexto de alguma escola, ensino superior, clube, associações etc.

A natação pode proporcionar o bem-estar, auxiliando o desenvolvimento do indivíduo, em um contexto de experiências e em um novo mundo, que é a água, com novos princípios e propriedades físicas diferentes das experienciadas em terra.

Essa prática corporal, contudo, deve ser desempenhada com responsabilidade. É fundamental ser orientada por um profissional com formação superior em Educação Física, que consiga dominar o meio líquido, não necessariamente com o domínio dos quatro nados competitivos, mas com o domínio das habilidades aquáticas essenciais, pois “[...] algumas habilidades motoras aquáticas são consideradas fundamentais para um futuro professor de Educação Física.” (SALLES, 2010, p. 235).

Para alguns indivíduos, até mesmo na etapa da adaptação ao meio líquido, a relação com a água poderá ser dificultosa, visto que o ser humano, ao estar envolvido no meio líquido, várias alterações em nível fisiológico e mecânico podem ser percebidas. Os desafios e dimensões diferentes estão diante de cada indivíduo, a depender também de suas experiências prévias no meio líquido.

Pensamos que existe uma alfabetização aquática, na qual poderíamos comparar com o indivíduo que ainda não sabe ler, escrever nem realizar as operações matemáticas básicas. Mas com passar do tempo, naturalmente, participando de atividades, colaborando com a construção do conhecimento, considerando que a escola não está ligada apenas a oportunizar esses objetivos, passando a ter domínio e outras dimensões do saber além dos números, do ler e escrever, a criança vai dominando essa habilidade.

Portanto, da mesma forma, podemos comparar com o processo evolutivo da natação, até atingir a maturidade, o aluno poderá executar o nado medley, que consiste em nadar os quatro nados em ordem e de forma ininterrupta: borboleta,

costas, peito e livre (medley individual)³, com todas as respectivas viradas entre um nado e outro, participando de festivais internos, depois festivais externos como sugere Lima (2007) até fazer parte de uma equipe de natação da escola ou clube.

Reiterando, consideremos a prática do aluno, na etapa da adaptação, o momento em que ele se apropria de conteúdos que são a porta de entrada para o mundo aquático. Durante essa etapa, o aluno experienciará o novo ambiente, ainda não conhecendo nenhum dos quatro nados formais, apenas um ou mais nados utilitários e capaz de evoluir deste ponto para muito mais sem dominar ou executar nenhum nado formal ou competitivo.

Com a evolução dessa prática corporal no meio líquido, o aluno poderá dominar quatro nados formais, com fins competitivos de forma até profissional ou dissociado de competições; com o fim de uma autonomia maior, em nível de menor gasto energético, nadar com maior velocidade e desempenho na água, a fim de manter ou melhorar sua saúde.

O professor de natação pode subsidiar-se através de uma gama de saberes para poder ensinar essa prática corporal, como: propriedades da água, mecânica dos fluidos, mudanças fisiológicas que ocorrem com o corpo no meio líquido, entre outros.

Alguns conteúdos como a respiração, por exemplo, podem ser amplamente explorados não apenas da forma ventilatória padrão: inspirar fora d'água com a boca e expirar dentro da água com a boca e/ou nariz. Todavia, o professor poderá explorar a prática da respiração de outras formas, não somente direcionada, mas problematizada, sugerindo aos alunos: como podemos usar a nossa respiração para atravessarmos uma piscina ou uma determinada distância por debaixo e também por cima d'água? Ou como poderíamos nadar respirando apenas com a boca? É razoável lembrar que ao respirar pela cavidade bucal, o(a) aluno(a) irá inspirar o ar úmido, devido à proximidade com a superfície da água, não ressecando assim as vias aéreas, o que não ocorreria se o fizesse pela boca fora do ambiente aquático.

Imaginemos, uma prova de natação de mil e quinhentos metros que dura em torno de 17 minutos para uma atleta regional. O que aconteceria se alguém tivesse de correr durante 17 minutos respirando apenas pela boca? Se conseguisse esse

³ Em relação a esta prova, existe uma variante que é executada de forma coletiva ou revezamento. Cada nadador executa ¼ de volta do total da prova. Por exemplo: Revezamento medley 4x100; cada nadador executará um nado na em ordem diferente do medley individual: costas, peito, borboleta, livre. O nado livre, neste caso ou no medley individual, e qualquer nado diferente do que já foi executado anteriormente, restando apenas o nado mais veloz em nossos dias, que é o crawl.

feito, chegaria com a boca e garganta totalmente ressecadas. O grande acúmulo de umidade do ar encontrado na superfície da água, segundo Bastos e Leite (2017), faz com que seja inalado ar úmido, o que acaba diminuindo a perda de água durante a respiração. Certamente esse é o motivo que viabiliza a natação por longos períodos, sem a necessidade de se hidratar tão cedo como outras atividades ou exercícios realizados fora d'água.

Uma prática corporal como a natação, nado artístico ou polo aquático é realizada em um ambiente líquido e com o corpo imerso, diferentemente do surf ou vela. É fundamental o conhecimento das propriedades da água e da mecânica dos fluidos como uma das bases para aulas de natação serem criativas e questionadoras junto aos alunos, bem como a apropriação de conteúdos como desenvolvimento motor, psicologia e pedagogia, e outros.

Na natação podemos criar uma variedade de possibilidades relativas ao ambiente, por exemplo, não ministrar aulas apenas na parte rasa da piscina, mas experimentar as diferentes profundidades, podendo proporcionar, ao aluno, diversidade de movimentos como giros, saltos, deslizamentos, domínio estático e outros movimentos de variadas formas com o objetivo da apropriação dos conteúdos por parte do aluno.

Segundo Fernandes e Lobo Da Costa (2006) existem algumas perspectivas no sentido dos métodos de ensino, como por exemplo: exploração, descoberta guiada, comando, entre outros, que podem ser proporcionados pelo professor. Neste sentido, existe uma diversidade de conhecimentos a serem explorados pelo professor e pelo aluno, além da realização de tarefas, como por exemplo, as problematizações.

Pode-se considerar o novo ambiente difícil para a criação de oportunidades e solução de problemas, ao contrário das execuções de tarefas sob comando. Por exemplo, o professor poderá tratar do conhecimento no meio líquido de forma mais desafiadora, ao contrário de trazer padrões pré-estabelecidos para os alunos realizarem a prática corporal no meio líquido. Segundo Lima (2007) problematizando algumas situações ou todas as situações de uma aula, tornando-a mais interessante para os alunos e para o professor, motivando todos os envolvidos na prática da natação.

A natação prioriza o aspecto técnico e o indivíduo que, mesmo dominando as habilidades aquáticas básicas, não apresenta o domínio dos quatro nados,

intuitivamente percebe-se que tal pessoa talvez não tenha frequentado aulas de natação. Tomemos como exemplo um indivíduo que saiba se deslocar no meio líquido. Aprendeu por ensaio e erro, em ambientes informais, como praia ou um rio, ou até piscina, mas sem um professor. Não obstante, é capaz de nadar uma média ou longa distância sem domínio dos quatro nados competitivos, mas controla a respiração, o equilíbrio e a propulsão de forma segura e autônoma. Tal pessoa sabe nadar? Certamente sim, mas provavelmente sem uma biomecânica satisfatória que o permita nadar com um grau de eficiência em comparação com aquele que recebeu instruções de um professor.

Neste contexto, havendo condições de matricular-se em uma escola de natação, aprenderá detalhes que só serão possíveis durante as aulas, proporcionando assim uma maior qualidade para sua prática corporal.

Neste exemplo, continuamos a pensar que a aquisição do domínio da parte funda do meio líquido ou a autossustentação tenha sido realizada sem auxílio de um professor. Contudo, sabe-se dos riscos de afogamento que essa atividade pode acarretar sem uma orientação profissional.

A autossustentação, para Fontes, Rodrigues e Gonçalves (2013) é a base do ato de nadar. O domínio do meio líquido na parte funda da piscina ou a autossustentação parece ser a parte mais desafiadora para o ser humano na água no processo de adaptação ao meio líquido. É neste momento, que o professor, através de metodologias adequadas, conduz o aluno a perceber que a água não irá “puxá-lo” para o fundo ou ele irá “cair”. A partir desse domínio, o aluno percebe que pode flutuar independentemente da quantidade de água que esteja entre seu corpo e o fundo da piscina.

Provavelmente, o indivíduo que, em outra área do conhecimento, não se limitar apenas aos elementos ou habilidades aquáticas básicas, poderá avançar para a sua maior autonomia, este poderá, sim, aprender os quatro nados sem necessariamente ser obrigado a competir, como já dissemos, utilizando-os no entanto com o objetivo de manter, promover sua saúde ou, ainda, para o lazer.

Através dos estudos de Freudenheim, Gama e Carraced (2003); Lima (2007); Damasceno (2012) e Caetano e Gonzalez (2013) observamos que ficou para trás o tempo em que os professores de natação utilizavam práticas de exercícios em seco com base em repetições de movimentos, em bancos de natação, em pé ou na borda

da piscina, através de várias repetições, com objetivo de ensinar seus alunos as técnicas da natação, baseados na repetição pré-estabelecida.

Entretanto, é salutar utilizar, hoje em dia, os exercícios em pé, na borda ou mesmo deitado para corrigir alguns movimentos fora dos padrões da biomecânica para os nados formais, inclusive com a análise através de fotografias e filmagens, o que Counsilman (1980) já realizara no final da década de 60. (MAGLISCHO, 1999)

Quando falamos em correção, padrões e biomecânica, geralmente isso não se aplica à natação infantil ou natação para crianças, pois estas estão inseridas em um contexto lúdico e sem a preocupação com a *performance*, embora existam turmas de treinamento de natação, nas categorias infantil e mirim.

Counsilman (1980) foi quem proporcionou os avanços mais significativos na natação através de seus experimentos nas décadas de 60 e 70, entre eles, utilizando moldes da mão humana e expondo-as a um túnel de vento para perceber-se a melhor posição para o tracionamento da água, pois o ar e a água são fluidos e se comportam de forma semelhante, gerando as mesmas resistências sobre os corpos imersos.

Algumas discussões, no nível pedagógico, avançaram para além dos conhecimentos pedagógicos do livro de David Machado (1995) e do trabalho de Counsilman (1980): pois essas duas obras influenciaram, por muitos anos, a pedagogia dos professores de natação no Brasil, ambos tratando o ensino dos quatro nados como principal alvo a ser atingido, todavia o livro de Counsilman (1980), foi mais voltado para o treinamento de nadadores.

O trabalho dos autores teve e tem o seu lugar na contribuição do conhecimento na natação, entretanto concernente ao desenvolvimento motor e à aprendizagem motora aplicados à natação, temos visto avanços como, por exemplo, o estudo de Lima (2007) que traz uma interpretação entre os nados crawl e costas (movimentos alternados) e peito e borboleta (nados simultâneos).

Em termos de conceitos, o desenvolvimento motor, a aprendizagem motora, o controle motor e a maturação tem definições distintas. O desenvolvimento motor refere-se às mudanças do desenvolvimento do movimento relacionado à idade, bem como às restrições do indivíduo adicionado ao ambiente e às tarefas. Mas nem toda mudança no movimento significa desenvolvimento motor. Por exemplo, se o professor de natação provoca uma mudança na maneira como o aluno executa a fase subaquática da braçada de crawl, causando uma eficiência do movimento,

fazendo com que ele nade melhor, o termo é aprendizagem motora, pois refere-se a mudanças no movimento sem que sejam relativamente permanentes, mas estão relacionadas à experiência ou à prática.

O controle motor refere-se ao controle do sistema nervoso central periférico e dos músculos, permitindo movimentos feitos de forma mais coordenada e com habilidade, assim como refere-se ao estudo dos aspectos físicos, neurais e comportamentais do movimento. Maturação demonstra o progresso em direção à maturidade física, um ótimo estado de integração funcional dos sistemas corporais do aluno, do indivíduo e da capacidade dessa reprodução. (HAYWOOD E GETCHELL, 2016)

Quando se observa um movimento do ser humano, aquele está imbricado entre o organismo (corpo) e as características do ambiente (meio onde se pratica o movimento) e da tarefa a ser executada. Para entendermos a prática do movimento, devemos entender as relações e as características de um indivíduo que se movimenta, o meio que o cerca e o objetivo ou propósito de sua movimentação. (HAYWOOD E GETCHELL, 2016)

O ambiente na natação refere-se à relação professor-aluno e à forma como o professor ministra sua aula. A tarefa refere-se às características em termos de distância, velocidade e grau de complexidade das atividades. Contudo, o aluno precisará participar de turmas de acordo com sua faixa etária e seu nível maturacional para uma aprendizagem efetiva.

Um dos pontos significativos sobre o controle motor e aprendizagem motora, na natação, está entre os nados alternados por se assemelharem com o movimento natural da marcha. Nesse caso, os alunos possuirão a coordenação motora fina suficiente para desenvolvê-la entre 4 e 6 anos. Já com os nados simultâneos, o nado peito está entre a faixa etária de 5 a 7 anos e o nado borboleta de 7 a 9 anos. Existe uma faixa etária ideal de acordo com o desenvolvimento motor dos alunos para determinados tipos de nado de acordo com sua complexidade ou exercícios mais rústicos, sem expectativa de técnica, fora dessa faixa. (LIMA, 2007).

Com base nisso, o professor, nas aulas de natação, poderá criar um ambiente para o desenvolvimento das habilidades aquáticas essenciais, proporcionando um ambiente de liberdade para a aprendizagem e de outras habilidades aquáticas,

incluindo os quatro nados e, até mesmo, o quinto nado⁴ de acordo com Santos Júnior *et al* (2011) que fará diferença fase de aperfeiçoamento ou treinamento.

Aqueles que participaram de treinamento e se tornam professores de natação têm um saber fazer que se torna uma ferramenta em nível de experiência acumulada, entretanto aqueles que não têm esse conhecimento anterior à formação superior, poderão fomentar conhecimentos nas aulas práticas com aproximações da experiência descrita a seguir.

O trabalho de Heath (2017, p.40) nos revela que os nadadores iniciantes, ou que frequentam poucas vezes a piscina, têm dificuldades de perceber os movimentos e a posição do corpo na água, tendo uma imagem borrada ou turva ao imaginá-los se deslocando. De outra forma, os que já treinam 9 vezes por semana têm uma imagem clara tanto da água como da posição de membros e corpo na água. Segundo Heath (2017) para um nadador mais experiente existe uma percepção maior em relação ao nadador aprendiz, no contexto das percepções no meio líquido.

A princípio isso parece óbvio, mas em que sentido o autor descreve essa percepção? Além do que foi relatado anteriormente sobre a visão da água turva para os iniciantes e da água limpa para os mais experientes, é discutido, também, como estes últimos utilizam a água para impulsionar-se para frente.

Eles interagem com a água e consideram-na como algo sólido, onde os pontos de captura e braços estão ancorados, bastando, com o tempo, ir descobrindo onde estão cada um dentro d'água. Também, ao mesmo tempo considerando a água como um líquido, sendo envolvido por ela e movendo-se através dela. Percebemos por essa ideia que, a capacidade imagética dos nadadores é importante ser utilizada no meio líquido durante o processo ensino aprendizagem. Essas percepções corporais são mais notórias por aqueles que tiveram mais horas de natação.

⁴ Alguns técnicos e professores de natação têm considerado o nado submerso como o quinto nado, pois realizado de forma perfeita e veloz tem sido o diferencial na decisão de muitas provas da natação. O nado submerso também é conhecido popularmente por "golfinhada", movimento permitido que consiste em realizar várias "pernadas" borboleta com o corpo totalmente submerso, logo após a saída e as viradas dos nados livre, costas e borboleta até os 15 metros. Apenas para o nado peito, até a presente data, é permitida unicamente uma "golfinhada" dentro de um conjunto de movimentos específicos para este nado também realizado embaixo d'água, chamado de "filipina".

Esses indivíduos entendem o que significa a sensação do nadar e sentir água em um nível mais técnico, possuindo uma habilidade maior no caso específico na natação, através da pressorcepção⁵ ou propriocepção⁶.

O trabalho de Heath (2017) foi baseado na respostas dos nadadores que responderam perguntas relacionadas à percepção. Em vista disso, podemos observar um aspecto importante: como um professor da disciplina natação irá conduzir a prática corporal sem ter uma experiência satisfatória na água para orientar seus alunos no processo de ensino e aprendizagem, considerando que a natação é realizada no meio líquido, um meio distinto que requer além dos saberes acadêmicos, uma prática corporal com suas especificidades? Assim sendo, o futuro professor precisará estar seguro nesta perspectiva.

A prática da natação revela variações que ocorrem por uma mudança de ambiente (da terra para a água). Essas variações são proporcionadas pelas condições hidrodinâmicas e hidrostáticas, que devem ser levadas em consideração ao lidar com a prática corporal da natação, de acordo com o quadro 3.

Quadro 3 - Atuações dos nossos membros no meio terrestre e aquático

AMBIENTE ÓRGÃO	TERRESTRE	AQUÁTICO
VISÃO	Horizontal e clara	Vertical /Diagonal e opaca
AUDIÇÃO	Clara	Reduzida
RESPIRAÇÃO (NARIZ)	Ativa e involuntária	Passiva
RESPIRAÇÃO (BOCA)	Passiva	Ativa e voluntária
BRAÇOS	Equilíbrio	Propulsão
PERNAS	Propulsão	Equilíbrio e Propulsão
APOIOS	Fixos	Móvel

Fonte: Adaptado de (CATTEAU E GAROFF,1990)

⁵ A propriocepção é um mecanismo de percepção corporal em que os receptores periféricos (localizados em estruturas como músculos, tendões e articulações) enviam informações relativas ao movimento, estado de posição ou grau de deformação gerado nestas estruturas ao sistema nervoso central (SNC), que terá a função de processar, organizar e comandar o corpo adequadamente a fim de manter o controle postural. (BALDAÇO *et al*, 2010, p. 184)

⁶ Além das mencionadas, há uma outra habilidade cinestésica, mas que tem o mesmo sentido da propriocepção, entretanto está adicionada à pressão que a água oferece ao corpo humano.

Um dos exemplos do quadro é sobre a propulsão na natação que está associada à ação das mãos e braços, enquanto que as pernas são responsáveis, na maioria dos nados, pela função de equilíbrio, justamente o oposto que ocorre fora d'água, quando comparamos com a corrida:

Correr é uma atividade relacionada com o peso do corpo, enquanto a natação é praticada com o corpo sustentado pela água. Na pista as pernas são os fundamentos da propulsão e na água são os braços que produzem a propulsão (salvo nado peito). (COUNSILMAN, 1980, p. 243),

Com base no que foi discutido, depreendemos que a natação é capaz de facultar benefícios em vários sentidos em decorrência de a água ter suas respectivas propriedades físicas. Por ser um ambiente ao mesmo tempo relaxante e resistivo é um desafio recompensador para quem pratica.

Essa prática proporciona melhorias como os exercícios físicos, em geral, todavia pelo fato de a água ser 1000 vezes mais resistente que o ar, de acordo com Maglischo (2010) promove um fortalecimento dos músculos respiratórios e elasticidade da caixa torácica, fortalecimento dos grupos musculares envolvidos, além de outros aspectos em níveis fisiológicos e psicossociais.

A partir dos pressupostos apresentados, podemos deduzir que o meio líquido tem uma especificidade que necessita ser vivenciada de forma introdutória, a princípio, para quem vai aprender natação e, posteriormente, estando consciente ou não das mudanças do quadro acima, sair do nível da vivência inicial e progredir para o nível de autonomia aquática. Acreditamos que um professor de natação, de posse dos saberes docentes, estará habilitado para suas funções a partir desse nível de prática corporal, ou seja, do nível básico que envolve a autonomia.

Contudo, poderemos indagar se, para ensinar natação, o professor necessitará da autonomia no meio líquido, que não está atrelada necessariamente aos 4 nados, o que seria básico para os outros esportes, para a ginástica, lutas e dança?

Inferimos que a prática corporal do nadar ou da natação é útil, recreativa, proporciona emoções, representando liberdade, cidadania e educação, dos mais jovens aos mais velhos, inclusive para aqueles que têm limitações físicas e mentais. Contudo, como diz Mauss (2003) há a necessidade de uma técnica, não a técnica específica de algum nado, mas um conhecimento que necessita ser explorado de

forma responsável quando adentramos no meio líquido, seja para nadar ou para ensinar ao outro.

4.2 O Saber fazer e o saber ensinar através da prática corporal na disciplina natação.

Para darmos início a este tópico, anunciamos que a relação entre o saber fazer e o saber ensinar estão imbricados na prática corporal, a qual é uma dimensão indispensável e até mesmo identificadora para os futuros professores de educação física, de acordo com Lazzarotti, Silva e Pires (2013) e, conseqüentemente, acreditamos que essa relação se faz identitária para a disciplina natação.

Neste componente curricular, o docente necessitará ter, em seu planejamento de curso, momentos de práticas corporais além de todas as atividades concernentes aos conhecimentos teóricos, que capacitarão o aluno para atuar no âmbito escolar ou área não escolar, como clubes ou academias, oportunizando, assim, a continuidade e construção dos saberes docentes.

Falamos em continuidade porque os saberes docentes não partem ou são originados na formação inicial. Para isso, colocamos aqui as contribuições de Pimenta (1999) quando preconiza a respeito de um dos saberes que ela aborda: os saberes da experiência. A priori são saberes sobre o que é ser professor, oriundos das experiências enquanto os docentes eram alunos, quando foram construídos por diferentes professores em sua vida escolar.

Também está incluída, nessa ideia, a visão de “ser professor” por meio das experiências socialmente acumuladas em um contexto social e financeiro; mudanças históricas da profissão e outros. Essa autora afirma ainda que é um desafio, para os cursos de formação inicial, a mudança de paradigma para que o aluno deixe de “ver o professor” como aluno para “se ver como professor”, salientando que esse processo faz parte da construção de sua identidade de professor.

Em segundo lugar, os saberes da experiência são também aqueles em que os professores constroem em sua prática, no seu dia a dia, com a *interface* de colegas, através dos estudos, de pesquisa e de reflexão sobre a própria prática. (PIMENTA, 1999) .

Os saberes experienciais partem do ponto em que o professor deve conhecer sua disciplina e o que vai ensinar, além dos conhecimentos relativos às ciências da

educação, para desenvolver um saber prático em uma experiência cotidiana com os alunos.

Guimarães (2004) também faz referência aos saberes experienciais, concernente à formação profissional: saberes disciplinares, saberes curriculares e, por fim, o fazer cotidiano da profissão que consiste na junção de todos esses saberes.

Neste sentido, os saberes experienciais surgem como um centro principal do saber docente a partir do qual os professores tentam mudar suas relações de exterioridade com os saberes e as relações de interioridade com a sua prática.

Nessa discussão dos saberes e também em um contexto de continuidade, há um outro saber: o saber ensinar. Este é influenciado por tudo aquilo que o professor, talvez em sua infância ou adolescência, tenha tido prazer, por exemplo, em ensinar seus colegas que tinham mais dificuldade em determinados componentes curriculares. Com o passar do tempo, o indivíduo com a tendência para o ensino, pode-se julgar ou ser observado como aquele que tem um “dom”. Todavia, esse saber acumulado não determina a docência, pois:

[...] o saber ensinar para alguns parece ser algo inato, mas ao contrário, é modelado antes pelo tempo, por sua própria história de vida e esse saber profissional, saber ensinar seria uma coincidência entre o seu passado e o seu presente sincronizados no mesmo ofício. (TARDIF, 2014, p. 78).

Em vista disso, existe a necessidade da formação profissional, caso contrário todos seriam professores, arquitetos, advogados, médicos, ou outras profissões. O saber ensinar perpassa por uma formação, não apenas para cumprir questões de ordem de leis ou estatutos, mas para apropriar-se de outros saberes. Neste sentido, a prática docente é uma atividade que incorpora diversos saberes que são denominados saberes pedagógicos. Estes saberes se apresentam em comum, nos ensinamentos ou concepções provenientes de reflexões sobre a prática educativa, sendo o professor responsável para conjugá-los:

Portanto, é função do professor conjugar os saberes como saber fazer e saber ser, como uma gama de aprendizagens interiorizados nas experiências vividas que passaram a constituir a própria subjetividade dos indivíduos”. (SOUZA JUNIOR, 2010, p163).

Os saberes práticos ou reais, de forma geral, originam-se de uma prática cotidiana, da profissão e necessitam ser validados por ela. Entretanto, é a partir dos saberes experienciais que os professores concebem os modelos de excelência profissional, ou seja, é dentro de um conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no contexto da prática da profissão de cada docente. O saber fazer é oriundo de saberes experienciais ou práticos, ou seja, o professor deve conhecer sua disciplina e o que vai ensinar além dos conhecimentos relativos às ciências da educação, para desenvolver um saber prático em uma experiência cotidiana com os alunos.

Há uma premissa em Tardif (2014, p. 198) que diz “[...] não basta fazer bem alguma coisa para falar de ‘saber fazer’: é preciso que o ator saiba por que faz as coisas de uma certa maneira”. Nesta perspectiva, entendemos que o autor se refere àquele graduando que está em uma disciplina durante a sua formação superior, vivenciando o processo em que seu futuro aluno possivelmente estará envolvido.

Entretanto, o saber fazer está imbricado na prática de qualquer disciplina, tendo em vista que, um outro saber, o pedagógico, que está envolvido na dinâmica das relações dos saberes, portanto ao professor universitário, é pertinente um equilíbrio desses saberes, proporcionando o saber da prática entre professor e aluno, durante o processo de formação.

Sintetizando o conceito de alguns saberes já discutidos, observamos que o “saber” tem um sentido mais amplo quando está inserido em um contexto pedagógico, englobando os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes. Em outras palavras, aquilo que muitas vezes foi titulado de saber, saber fazer e saber ser. (TARDIF, 2014).

Portanto, o professor poderá reger esses saberes, contribuindo efetivamente no processo ensino-aprendizagem em qualquer disciplina. Entretanto, quando Tardif (2014) menciona a expressão saber fazer, não apresenta o mesmo sentido direto da prática com o corpo ou significado de prática corporal que tratamos em educação física. Apesar de ser a mesma expressão, é utilizada em contextos e significados diferentes, referindo-se às movimentações corporais.

Podemos observar essa relação em um fragmento do texto de Darido (2005), a qual faz uma relação crítica e ampla do saber fazer com os conteúdos que envolvem as habilidades em educação física:

As habilidades específicas são mais influenciadas pela cultura e estão relacionados à prática dos esportes, do jogo, da dança e, também, das atividades industriais. Nesta abordagem a ênfase é também atribuída ao saber fazer, a dimensão procedimental por meio das habilidades motoras. O saber se movimentar, o aprender habilidades motoras permite aos seres humanos se adaptarem aos problemas do cotidiano, resolvendo problemas motores. (DARIDO, 2005, p. 9)

O texto trata das questões relacionadas às abordagens ou perspectivas da educação física, que, por muitos anos, ficou centrada no saber fazer o gesto motor correto e, atualmente, sugere uma perspectiva que o professor pode relacionar, problematizar, interpretar e compreender com seu alunos as manifestações da cultura corporal, envolvendo as dimensões procedimental, atitudinal e conceitual.

Neste sentido, Ferraz (1996) informa que as dimensões ou componentes pedagógicos devem estar relacionados entre si e, acreditamos, essa articulação da prática corporal com o saber fazer continuará contribuindo para as discussões pedagógicas.

O conteúdo de natureza procedimental diz respeito à metodologia utilizada, a sequência pedagógica, o desenvolvimento da aula, os objetivos, a avaliação, entre outros. Os conteúdos, tais como a origem da natação, a evolução dos nados, os aspectos físicos, mecânicos e biológicos do corpo, da respiração, propriedades da água, fazem relação com o conteúdo de ordem conceitual. Por outro lado, o componente de natureza atitudinal, como o comportamento do aluno frente às mais diversas situações que envolvam a relação com professor, a atitude do aluno com o ambiente/ limpeza da piscina, podem ser exemplos.

Observamos que toda essa discussão que incorpora a pedagógica está atrelada à prática corporal, mas com uma nova ressignificação, distanciando-se do tecnicismo e aproximando-se das relações dessa prática com a compreensão dos sentidos e significados e não se distanciando de uma prática, em seu sentido mais ontológico.

Com esse entendimento, de que uma prática corporal contextualizada é a razão de ser da educação física e apropriando-se de saberes que lhes pertencem, o professor de educação física oportuniza a construção do conhecimento em sua docência:

[...] o saber pedagógico desenvolvido “a partir das” e “sobre as” práticas corporais, isto é, o saber ensinar oriundo da capacidade de transformação de conhecimentos historicamente produzidos e socialmente reconhecidos

como necessários e válidos em conhecimentos didáticos-pedagógicos. (LAZZAROTTI, SILVA E PIRES, 2013, p.703).

A partir destes pressupostos, observamos relações entre o saber pedagógico, o saber fazer (no sentido corporal), o saber ensinar e a área de conhecimento educação física. Contudo, encontramos as expressões “a partir das” e “sobre as” práticas corporais, significando talvez um novo olhar sobre as práticas corporais. Sem necessitar adentrar em questões epistemológicas, a priori, os termos parecem ser literalmente: a prática realizada com o corpo e suas aproximações - “a partir das” e a outra expressão soam como um distanciamento da prática do com corpo - “sobre as”.

Em vista disso, encontram-se em andamento alguns cursos de Educação Física a distância no país. São os cursos não presenciais de formação de professores de educação física, que segundo Lazzarotti, Silva e Pires (2013) podem estar dando sinais de ruptura com uma de suas mais fortes tradições: o saber das práticas corporais (SDPC)⁷, o qual seria, segundo os autores, uma condição *sine qua non* da existência do curso.

Por outro lado, o saber sobre as práticas corporais (SSPC)⁸ é uma base epistemológica que fundamenta a nova ótica a respeito das práticas corporais para os cursos a distância. Ou seja, o processo aproxima-se da lógica de apreender cognitivamente as práticas corporais, a partir de um saber sobre as práticas corporais, tendo como principal base a utilização das mídias digitais.

Nesta modalidade de ensino, as aulas presenciais, denominadas teórico-práticas, o Projeto Político Pedagógico (PPP) define que 30% da carga horária dessas disciplinas devem ser desenvolvidas de forma presencial e que são previstos quatro encontros presenciais. Entendemos que estamos sempre evoluindo, assim como as ciências, entretanto parece ser questionável o modelo atual desta modalidade de curso.

Pasquali, Pereira Furtado e Lazzarotti Filho (2018) fizeram, também, uma pesquisa com os alunos sobre um curso de Educação Física a distância, buscando identificar o perfil dos estudantes que permaneceram no curso, bem como os saberes desenvolvidos no processo de formação. Os autores descrevem que os

⁷ Sigla utilizada pelos autores do referido trabalho.

⁸ Idem.

alunos do curso, enquanto eram da escola básica, adquiriram saberes das práticas corporais na escola ou em outros espaços e, dessa forma, surge um aspecto que contribuiu para a permanência daqueles estudantes pesquisados. Eles perceberam que algumas características pessoais dos alunos como, por exemplo, a persistência, a autonomia e a disciplina são motivos pelos quais os alunos da modalidade a distância permanecem no curso.

É descrito, através da modalidade de curso de Educação Física a distância, que além de outros problemas que surgem pela dinâmica diferente da modalidade presencial, certas dificuldades com as novas funções dos que lidam com o processo ensino-aprendizagem, que são o orientador acadêmico, o tutor formador e o professor executor. Estes autores nos informam que há uma compensação da diminuição drástica das práticas corporais com a própria experiência prática anterior dos alunos, restando-nos perguntar: se os alunos que, por algum motivo, não tiveram uma vasta experiência com práticas corporais, como seria sua formação diante deste novo quadro?

Lazzarotti, Silva e Pires (2013) trazem à discussão a importância da prática corporal para o curso, falam de um tensionamento e, com sentido, pois as poucas vivências das práticas corporais no curso são mínimas, o que pode trazer dificuldade quando esses futuros profissionais estiverem no cotidiano escolar.

Parece haver um sentido de um distanciamento das práticas corporais, razão porque ao final do trabalho surgem algumas recomendações, entre elas, um retorno “às boas práticas”:

[...] recomendam um maior investimento no desenvolvimento das disciplinas das práticas corporais nos cursos de formação de professores, especialmente na modalidade à distância. Também há necessidade de mais investigações sobre seus procedimentos didático-metodológicos na formação em nível superior, com a finalidade de trazer à tona as boas práticas. (LAZZAROTTI, SILVA E PIRES 2013, p.713).

Observamos, então, um contexto de modalidade de ensino que tem formado professores com esse paradigma de curso. Isso pode ser louvável por atrelar tudo o que as mídias sociais e o mundo digital têm proporcionado. Por outro lado, há sinais ruídos de insegurança, gerados pela minimização das práticas corporais no curso de Educação Física.

É notório que cada disciplina no curso contribui para o processo de construção do conhecimento. No entanto, entre as disciplinas que contenham a prática corporal como carro-chefe como a natação, por exemplo, uma avaliação “prática” seria capaz de contribuir em que aspectos durante a formação inicial? Podemos citar autores como Accioly (1991) e Salles (2010) que já realizaram algo neste sentido. Esses autores preconizam que as habilidades aquáticas no meio líquido são uma condição elementar para a prática corporal na natação no ensino superior.

Apesar dos anos que separam suas pesquisas sobre avaliação na disciplina de atividades aquáticas, Accioly (1991) criou e validou um instrumento de avaliação e Salles (2010) tratou de avaliar os alunos do curso de Educação Física no primeiro período.

Accioly (1991) questionava, em seu trabalho de mestrado, a perspectiva da formação do professor técnico esportivo. Ainda, à época da pesquisa, era exigido, dentre os conteúdos para a formação do profissional de educação física, os componentes curriculares que enfatizavam o domínio das técnicas desportivas, sem nenhuma relação histórico-crítica daqueles gestos desportivos. Em 1969, houve a inclusão de matérias pedagógicas no currículo da Escola de Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas, ainda assim, os componentes curriculares mantiveram o enfoque técnico distante de qualquer relação com o pedagógico.

Uma nova perspectiva de formação de professores de educação física estava por iniciar na referida Universidade, proposta pelo Conselho Federal de Educação em 1987. A superação do modelo idealista de corpo biologicista dominante naquela universidade e outros locais do país, atrelados às discordâncias dos alunos graduados pelo destaque dado ao domínio motor, como fator determinante da aprovação na disciplina, apenas se passassem pelo teste de nadar 50 metros em uma piscina olímpica. Além de salvar uma vítima, utilizando a técnica recomendada pelo corpo de bombeiros do Rio de Janeiro e o fato de o aluno ser reprovado por não completar o percurso ou não conseguir salvar a vítima devidamente eram sempre motivos de questionamentos.

Pelo menos, até o momento de sua pesquisa, estava desvinculado ou distante o perfil profissional, de uma formação humana, ou seja, não era formar o educador ou “aprender a ensinar”. (ACCIOLY, 1991, p. 5)

A referida autora e outros colegas professores universitários discordavam da avaliação puramente técnica praticadas até então. Acreditava-se que poderia destacar as habilidades essenciais para a formação prática e pedagógica do futuro professor de natação a partir de uma sequência pedagógica que trouxesse segurança para dentro da piscina, sem esquecer a importância dos domínios, como o afetivo e cognitivo no processo ensino-aprendizagem da natação.

Na pesquisa citada acima, houve a elaboração de uma proposta de avaliação com as devidas habilidades, validadas por outros professores “especialistas” que eram: um doutor livre docente, três mestres com dissertações defendidas na área de natação e educação física e dois especialistas em natação com vasta experiência no ensino superior. Esses professores receberam uma ficha para a classificação dos quesitos dos testes de acordo com o grau de dificuldade de execução.

A avaliação deveria ocorrer durante todo o processo ensino-aprendizagem e os alunos deixariam de apresentar os nados obrigatórios para serem aprovados na disciplina. A avaliação era tanto formativa como somativa, sendo utilizadas seis fichas para essas avaliações (três formativas e três somativas). Entendemos esse processo como uma avaliação processual, o que garante uma maior vivência da prática corporal. Os alunos teriam múltiplas oportunidades durante o período da disciplina para serem avaliados em sua prática.

Tendo esse entendimento de oportunizar aos alunos vários momentos de avaliação e com um *feedback* de seus resultados, acreditamos que a proposta da avaliação, além de desvencilhar-se do tecnicismo hegemônico da natação, aproximava-se do viés pedagógico e humano:

As múltiplas oportunidades dadas ao aluno para o domínio dos indicadores descritos nas avaliações formativas devem nortear o processo avaliativo do professor. Ao atingir a habilidade mínima essencial exigida nos indicadores o aluno encontra-se nas condições de realizar a avaliação somativa da habilidade em questão dentro de uma progressão pedagógica, o aluno só passará para a avaliação formativa seguinte quando dominar a práxis aquática da habilidade anterior. (ACCIOLY, 1991, p. 78).

O que Accioly (1991) trata como prática aquática consubstancia a prática corporal na disciplina natação como condição importante para a formação de professores. Parece não fazer sentido o aluno desta disciplina permanecer ausente da prática corporal, mesmo este alegando que não irá trabalhar futuramente na área. Existem casos de alunos que sofreram traumas ou têm pavor à água, que

necessitam de uma atenção especial. Mas acreditamos que essa prática não poderia ocorrer de qualquer maneira ou estar apenas na piscina para justificar uma presença.

Concernente à avaliação, de acordo com a pesquisa de Accioly (1991), os resultados dos testes fornecidos têm um caráter cumulativo próprio da avaliação e, dessa maneira, os dados apresentados nos testes consubstanciarão com a prática pedagógica do professor da disciplina e expressarão o grau de domínio do aluno em relação ao conteúdo.

As questões do teste formativo seriam dadas para os alunos durante a disciplina, em fichas específicas para conhecerem o instrumento de avaliação. Vale ressaltar que o trabalho realizado por Accioly (1991) foi o de construir e validar uma proposta de avaliação e não, necessariamente, aplicar algum teste a priori.

A proposta de avaliação relaciona-se a três habilidades básicas para os alunos do curso de Educação Física: 1) a adaptação ao meio líquido (Quadro 2); 2) a segurança no meio líquido; 3) o reboque. Cada habilidade está desmembrada em quatro sub-habilidades. Por exemplo: para a primeira habilidade, que é a adaptação ao meio líquido, temos: a) aceitação da água no rosto; b) domínio da respiração; c) flutuação em decúbito dorsal e d) nado utilitário em decúbito ventral. E, por conseguinte, as sub-habilidades estão associadas a alguns indicadores, que em outras palavras, é o que o aluno deverá realizar na água.

Quadro 4 – Sub-habilidades e indicadores listados por Accioly (1991) para a adaptação ao meio líquido.

SUB-HABILIDADES	INDICADORES
Aceitação da água no rosto	Jogar lentamente água na cabeça até escorrer toda água pelo rosto, mantendo os olhos abertos sem sacudir a cabeça.
Domínio da respiração	Imergir e executar duas cambalhotas consecutivas para frente, soltando o ar pelo nariz, finalizando na posição de pé.
Flutuação em decúbito dorsal	Manter o corpo estendido em decúbito dorsal na superfície da água utilizando o palmateio de sustentação, e a respiração bloqueada durante a contagem até 20, estando os olhos abertos.
Nado utilitário em decúbito ventral	Deslocar-se na superfície da água em decúbito ventral até a metade da piscina com movimentos simultâneos das pernas, empurrando a água com a parte interna dos pés e puxando a água com movimentos simultâneos de braços abaixo da superfície, mantendo o rosto fora da água, olhando para frente.

Quadro 1: Indicadores listados por Accioly (1991)

Fonte: Accioly (1991)

A proposta da pesquisa foi a validação de um instrumento de avaliar os graduandos na prática da natação, entretanto poucas produções são conhecidas no sentido de avaliar os alunos na natação. Encontramos, como exemplo, o trabalho de Andires Junior e Bolonhini (2009) que foi realizado com alunos do programa de extensão universitária e com uma equipe de treinamento, ambos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Vale destacar que o trabalho dos autores não tratou exclusivamente de alunos do curso de Educação Física.

Salles (2010) tratou da compreensão das habilidades essenciais tratadas na proposta de Accioly (1991) preconizando que esse conhecimento seria para os alunos do curso como um todo e não apenas para quem iria atuar com natação, pois elas “são consideradas fundamentais para um futuro professor de educação física” (SALLES, 2010, p. 235).

Além disso, acreditamos que esse entendimento estava imbricado na visão de Accioly (1991), mas a sua preocupação era proporcionar uma ruptura com a hegemonia dos quatro nados da natação tecnicista em sua universidade e, possivelmente, pode ter contribuído com a discussão da educação física esportivista em outras IES, nos anos 90.

O trabalho de Salles (2010) tratou de avaliar os alunos da universidade do curso de Educação Física da Universidade Uniabeu, Nova Iguaçu - Rio de Janeiro, tomando como base o trabalho de Accioly (1991). Este autor utilizou os testes na piscina para avaliar o nível de desempenho das habilidades aquáticas básicas e comparar com questionário as respostas que os alunos imaginavam que possuíam. O questionário teve oito perguntas fechadas que visavam estabelecer qual tipo de relação do aluno com o meio líquido, antes do início das aulas.

O teste na piscina foi realizado baseando-se nos quatro indicadores de habilidades aquáticas essenciais que, segundo o autor, tinha por objetivo avaliar o nível de desenvolvimento das habilidades motoras aquáticas. Essas habilidades motoras têm uma relação com uma movimentação corporal, pois o que tratamos com o corpo nas atividades aquáticas estamos, evidentemente, referindo-nos à prática corporal.

Salles (2010, p. 236) utilizou uma escala com três níveis de dificuldades 1 - conseguiu sem restrições; 2 - conseguiu com restrições; 3 - não conseguiu. Os alunos responderam o questionário antes das aulas de natação terem iniciado para que nenhuma habilidade aquática nova pudesse ter sido desenvolvida em aula.

Após as análises, o autor encontrou os seguintes dados: 50% das alunas alegaram não saber nadar, ao passo que somente 21,2% dos alunos declararam não saber nadar. Já para o teste do nado utilitário, os números mudaram drasticamente de forma que apenas 7,2 % dos alunos demonstraram a incapacidade para executar o teste. O autor entendeu que pela avaliação dos alunos através do questionário comparado com o próprio desempenho aquático foram muito mais severas do que ocorreu na piscina. Ou seja, o que os alunos afirmaram no questionário foi em um sentido que eles não sabiam, ou pouco sabiam realizar as atividades, mas quando foram para a prática a resposta foi bem positiva.

No caso da entrevista, houve respostas que, na opinião dos voluntários do estudo, o professor de educação física tem a obrigação de saber nadar pelo menos um pouco, ou seja, o suficiente para dar segurança aos seus alunos. Na pesquisa realizada por Salles (2010), 95,1% dos entrevistados disseram que o professor tinha que saber nadar bem ou tinha que saber nadar pelo menos um pouco, e somente 3,7% mostraram-se contrários a esta opinião.

Após essas ponderações, indagamos: como, na atualidade, os professores de educação física das IES estão tratando do saber da prática corporal na disciplina natação? Acreditamos que o saber da prática corporal, o saber fazer contextualizado, irá fazer uma diferença em sua formação.

O saber ensinar incorporado ao saber da prática corporal trará subsídios para a prática pedagógica na disciplina natação ou qualquer outra disciplina que não subsiste sem a sua prática, como o vôlei, o basquete, o handebol, a dança, o futebol, o judô, entre outras. Dessa maneira, o saber fazer e o saber ensinar estariam em deficiência, nessas disciplinas, caso houvesse um distanciamento da prática corporal ou mesmo sua ausência.

Dentro dos aspectos da prática corporal na natação, a pesquisa de Costa e Deive (2014) procurou verificar, nos discursos dos professores, alguns pontos pertinentes às aulas na disciplina natação⁹, através da análise do conteúdo de cinco docentes das IES do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada apenas no curso de licenciatura. Os questionamentos dos autores partiram das participações nas disciplinas obrigatórias do curso de Educação Física, quando eles começaram a perguntar-se: qual o sentido a natação¹⁰ teria de assumir quando se pensa em

⁹ Os autores neste trabalho também utilizaram o termo natação.

¹⁰ Idem.

formação de professores de educação física. Em outras palavras, como as discussões e organizações dos conteúdos orientam o trabalho no contexto da licenciatura, tendo em vista que o foco do ensino é a área escolar?

Com relação aos entrevistados ou grupo de informantes, havia quatro docentes com especialização em outras áreas que não eram a natação, enquanto apenas dois docentes possuíam especialização em natação.

No tocante à relação dos docentes com aproximação da natação, a maioria entrou em contato com esta modalidade na infância. O que predominou no discurso foi a participação e o envolvimento deles, anteriormente, em competições, e uma parte de suas vidas envolvidas nos clubes tradicionais do Rio de Janeiro.

Após as análises, foram identificadas quatro categorias: a) ludicidade como elemento de ensino da natação escolar; b) conteúdos hegemônicos da natação; c) aprender a nadar ou ensinar na graduação; d) falta de consenso na avaliação.

Há uma confluência dessas categorias extraídas do discurso dos professores para uma prática corporal no ensino superior, que propicia um acréscimo de conhecimento ao futuro profissional, não apenas no aspecto motor ou físico (fisiológico), mas no saber fazer e no saber ensinar.

Na primeira categoria, o elemento lúdico é anunciado como elemento mais apropriado devido a existência de uma heterogeneidade nas turmas, mesmo o outro entrevistado relatando que existe uma disciplina, ofertada no primeiro período, totalmente prática com o objetivo de nivelamento.

A ludicidade também aparece como meio de planejar desenvolver o ensino da natação nas IES. Um dos professores entrevistados percebeu o lúdico como uma característica de facilitação para o desenvolvimento das habilidades como flutuação respiração e proporção básica. Tais conteúdos são os princípios já descritos anteriormente como a etapa da adaptação ao meio líquido.

É importante para o professor utilizar o lúdico como estratégia para oportunizar descontração e alegria nas aulas de natação, tornando-as mais prazerosas, quer seja na aula de formação ou no ambiente da escola, academia, clube ou mesmo fora desses.

Sobre a segunda categoria evidenciada nas entrevistas, são relatados conteúdos hegemônicos na natação. Foi tratado sobre a hegemonia dos quatro nados na natação e alguns conteúdos do ensino da natação, tais como oportunidade

para os alunos do curso dialogarem com outros conhecimentos que perpassam por essa prática corporal.

Nessa categoria, Costa e Deive (2014) perceberam que não houve justificativa para a seleção dos conteúdos hegemônicos, não ficando clara a existência dos critérios para selecionar apenas esses. É dito que a noção de iniciação para licenciatura cabe no intuito dos futuros docentes tratarem minimamente os movimentos básicos da natação. Ainda dentro dessa categoria, foi mencionado, por apenas um entrevistado, o conteúdo hidroginástica com enfoque na área escolar, recreativa e da saúde. As atividades na praia e a natação para bebês também foram elencadas.

A última categoria foi aprender a nadar ou ensinar a ensinar¹¹ na graduação. Em uma das entrevistas, houve uma fala no sentido de que no primeiro período é ministrada a disciplina prática da natação, sendo eminentemente prática. Ou seja, ela é toda de prática corporal, não tem nada de teoria devido à necessidade de um nivelamento, pois a cada semestre, revela o entrevistado, que recebe mais de 100 alunos. Acreditamos que talvez exista uma divisão de turmas, tipo manhã e noite e, ainda, alguma subdivisão de turmas em turma “A” e turma “B”.

Já no segundo período, a disciplina trata dos fundamentos da natação com uma parte teórica quando é abordado o conhecimento e o aprofundamento das técnicas dos nados, das leis e princípios biomecânicos, e toda parte didática que o aluno precisará carregar consigo para a sua vida profissional.

Neste trabalho, observamos a expressão dos autores “ensinar a ensinar”,¹² referindo-se aos graduandos e não aos professores da disciplina.

Os argumentos que os licenciados devem ensinar a ensinar em detrimento de aprenderem a nadar no âmbito da disciplina do curso de graduação, visto que é necessário tempo para construir estratégias e ensino, elaborar intervenções pedagógicas, a partir de atividades para os diferentes segmentos de ensino. (COSTA E DEVIDE, 2014, p.4)

Reiteramos que o ensinar a ensinar, no fragmento citado acima, poderia estar concatenado com os docentes do curso, visto que o professor do curso é quem

¹¹ Parece que a expressão correta aqui seria aprender a ensinar, visto que o comentário do pesquisador é sobre a fala do entrevistado, e refere-se à posição em que o licenciando se encontra, ou pelo menos deve estar, aprendendo. A primeira expressão “ensinar a ensinar” deveria fazer referência aos docentes da disciplina natação.

¹² Idem.

ensina o graduando a ensinar no futuro. Mesmo assim, podemos perceber, nesta ação, o saber fazer e o saber ensinar através da prática corporal, assim: de um lado, os alunos têm que aprender a nadar no contexto da disciplina do curso; e do outro, os estudantes têm que conseguir construir estratégias de ensino e elaborar ações pedagógicas.

Os autores Costa e Devede (2014) trazem pertinente discussão, pois construímos conhecimento como seres pensantes, fazemos parte de uma construção histórica, todavia sempre superando aquilo que parecia ser uma verdade inabalável.

Como sugestão, os autores trazem propostas a respeito das ementas das disciplinas para que elas sejam repensadas e se adéquem especificamente à escola. Uma delas é a inclusão de novas propostas de avaliação, pois apenas quatro delas tinham esse componente.

Além da avaliação prática do domínio dos nados, saídas e viradas, tratam de uma outra avaliação prática que ofereça oportunidade aos futuros professores ministrarem miniaulas para os próprios alunos das IES. Isso é saber ensinar.

Neste ponto, entendemos que na ementa da disciplina deve haver uma flexibilização e liberdade para o docente tratar de uma nova ementa, para que a disciplina mantenha-se atualizada, mas sendo fiel à ementa original por que é um trabalho oriundo de um coletivo, pois

Os professores podem fazer as alterações das emendas até para manterem atualizados os conhecimentos exigidos pela disciplina e as experiências acumuladas vividas como docente ao longo dos semestres. Contudo, seria importante que os professores realizassem consulta às ementas de origem até porque elas foram elaboradas, inicialmente a partir de uma discussão coletiva com base na compreensão de totalidade do currículo. (MELO, 2007, p. 207).

O predomínio do saber fazer em detrimento do ensinar a ensinar¹³ denota que havia apenas resquícios de uma proposta para a escola, entretanto a perspectiva estava descontextualizada deste ambiente formal de ensino, demonstrando que as disciplinas estão mais direcionadas ao ensino da natação nos espaços não escolares, como clubes academias e condomínios.

Costa e Devede (2014) chegam à conclusão de que as disciplinas do curso de licenciatura em Educação Física nas IES do Rio de Janeiro necessitam ser

¹³ Idem.

organizadas, sinalizando competências pedagógicas que irão ser desenvolvidas para o seu direcionamento na escola, orientando a prática pedagógica da natação, na perspectiva das abordagens de ensino críticas da educação física.

Entendemos que o docente deve ter a ciência da formação humana no saber ensinar numa perspectiva do ensinar a ensinar por se tratar da formação profissional. Muitos dos graduandos ministrarão aulas em escolas, ou mesmo fora do ambiente escolar, como em academias, clubes, praças, e outros. Mas em qualquer dos casos, a reflexão pedagógica deverá estar presente (MELO, 2007).

Neste trabalho não destacamos, os cursos de Educação Física em licenciatura ou o bacharelado, pois a formação profissional perpassa pela prática corporal na disciplina natação, como uma das disciplinas obrigatórias¹⁴, sem subestimar qualquer outro componente curricular, mas com o devido equilíbrio entre as dimensões procedimentais, conceituais e atitudinais.

Podemos arrazoar que os discentes que nunca tiveram a oportunidade de experienciar a prática corporal em qualquer atividade aquática, ou tem suas limitações físicas ou psicológicas, deverão também entrar na piscina com a devida segurança durante a disciplina. A priori, para saber o que um futuro aluno seu passa a sentir quando está no meio líquido e, a posteriori, para disseminar o conhecimento dessa prática como futuro professor, para sua própria cidadania e dos outros.

Sabemos que o conhecimento sempre é dinâmico porque a ciência é dinâmica. O discente poderá cursar a disciplina natação, apropriando-se de uma compreensão que será um diferencial em sua formação, sendo necessária uma formação pedagógica responsável por profissionalizar, e o conhecimento é a base fundamental para a uma atuação pedagógica. (MELO, 2007, p. 72).

Ratificamos que o conhecimento apreendido na disciplina natação contribui para a formação pedagógica do profissional de educação física, salientando que todos os conteúdos a serem desenvolvidos devem ter a mesma importância, como o ensino dos quatro nados.

Por fim, trazemos aqui a ideia de que o saber fazer é necessário e contribui para formação humana através do conhecimento básico ou fundamental nessa disciplina. Esse componente curricular trata da construção de um conhecimento bastante diversificado, através do saber da prática na piscina e de outros momentos

¹⁴ Citamos como componente curricular essencial, pois mesmo não havendo uma obrigatoriedade na formação curricular das IES, ao nosso ver haveria uma grande lacuna na formação se um curso de Educação Física não tiver a disciplina natação ou nomenclatura semelhante.

em sala de aula ou fora dela. Sugerimos que haja o domínio do saber fazer e saber ensinar através da prática corporal oportunizados e experienciados durante a disciplina natação.

5 OS SABERES DA PRÁTICA NA DISCIPLINA NATAÇÃO

Neste capítulo, analisaremos as falas dos professores, o questionário aplicado aos alunos da disciplina natação e o que encontramos nos planos de ensino, tendo como norte as categorias empíricas ensino, natação, técnica e experiências. Em um sentido estrutural, este capítulo não está dividido em subtemáticas. Resolvemos tratar os documentos e os diferentes achados do campo em forma de texto corrido.

Nos dados encontrados, foi possível identificar uma consonância na maioria das respostas. Houve alguma semelhança nos planos de ensino, porém nas entrevistas e questionários, encontramos alguns pontos divergentes quanto ao saber fazer do professor, concernente à prática corporal da natação, o nadar e as habilidades aquáticas básicas.

No que se refere ao perfil dos sujeitos entrevistados, os três professores são licenciados em Educação Física, apenas um professor é efetivo em sua instituição, os outros dois têm contrato temporário. O professor que é efetivo também tem maior tempo de ensino. Dois professores entrevistados têm o nível de doutorado e um deles está cursando doutorado. Todos ministravam, no mínimo, duas disciplinas em suas respectivas instituições.

Quanto aos alunos da disciplina das três universidades que responderam ao questionário, estes estavam no momento da pesquisa entre o 3º e 5º período do curso de Educação Física. Dos 91 alunos das três universidades, 47 responderam ao questionário, perfazendo mais da metade, com 51,65 % do total.

Ao analisar a primeira categoria empírica, o ensino, que está inserida na unidade de contexto contribuição da disciplina na formação profissional, tratamos como primeira unidade de registro ementa, objetivos e metodologias da disciplina para analisar as aproximações e distanciamentos frente ao nosso objeto de estudo.

Todas as três disciplinas têm 60 horas de carga horária e sempre há um indicativo de 50% de teoria e 50% de prática. Quanto aos objetivos, apenas uma das instituições distinguiu objetivo geral do específico. Os planos analisados não citam a expressão prática corporal, talvez por não haver aproximação dos professores com o termo.

As ementas das três disciplinas tratam, de forma geral, o conhecimento da natação desde seu aspecto histórico, evolutivo, político-cultural, perpassando pelo ensino dos quatro nados, esportes aquáticos (sem citar quais), ensino dos esportes individuais (também sem citar estes esportes individuais). Como não é citado no corpo da ementa modalidades e esportes, o professor pode discriminá-los em seus objetivos e nos procedimentos.

De acordo com as ementas, os aspectos técnicos e metodológicos são orientados para a respectiva área de atuação, a saber: o curso de Licenciatura em Educação Física para a prática escolar e o curso de Bacharelado em Educação Física para a intervenção no sistema desportivo, do lazer e da saúde.

No entanto, é importante mencionar que a ementa de um componente curricular não é elaborada unicamente pelo professor que ministra a disciplina. Além disso, quando um professor universitário tem um contrato temporário, geralmente permanece no cargo por, no máximo, dois anos e não tem direito a alterar a ementa, apenas o plano de curso.

Também encontramos referências, no curso de licenciatura, registros de objetivos para além do campo escolar, relacionando-os com o lazer, esporte e saúde. Entendemos que os alunos, com essa formação no curso de licenciatura, poderiam ter uma noção de como trabalhar esses conteúdos na escola, pois o conhecimento dessas áreas com a devida contextualização não é de exclusividade do campo do bacharelado.

Percebemos, todavia, que estão subentendidos objetivos que se referem a atividades na piscina, por exemplo: Instituição A - “ampliar o conhecimento sobre adaptação ao meio líquido e a importância do nado utilitário”; Instituição B - “conhecer os esportes aquáticos e sua importância para o lazer e a saúde”; Instituição C - “apropriar-se dos conceitos da hidrodinâmica que interferem no deslocamento do corpo na água e sua manipulação para melhoria da fluidez na água”.

Na metodologia encontramos, em comum, o termo prática ou práticas, relacionado(s) algumas vezes a atividades na piscina de forma mais clara, quando diz: Instituição A - “demonstração prática realizada pelo professor”; Instituição B - “vivências práticas da natação”; Instituição C - “[...] possibilitando o aluno discussão e aprofundamento teórico e prático”.

Na unidade de registro conteúdos programáticos, observamos certa variância entre os conteúdos, especialmente com a disciplina de Atividades Aquáticas, pois tem em seu conteúdo programático uma diversificação, uma vez que envolve modalidades esportivas como surf, canoagem e natação para bebês.

Um ponto em comum nos conteúdos dos planos de ensino analisados das instituições foi o ensino dos quatro nados. Encontramos, em duas instituições, referências ao histórico da natação. Outros pontos não comuns, ou seja, o que foi encontrado em apenas uma instituição foi: natação para bebês, canoagem, surf, leis e princípios da física aplicados à natação, natação para grupos especiais, regulamento da Federação Internacional de Natação (FINA), fundamentos básicos do nado artístico e socorros aquáticos.

Dos três planos analisados, a adaptação ao meio líquido aparece em dois dos programas de curso, provavelmente porque no plano em que não aparece esse conteúdo, a disciplina está relacionada também com outras modalidades aquáticas.

De acordo com Santana (2003), a adaptação ao meio líquido é uma etapa fundamental, pois é através dela que é introduzido o novo ambiente para o aluno, cujo objetivo é proporcionar vivências motoras que promovam a técnica da sobrevivência no meio líquido.

Dois dos planos de curso fazem referência ao ensino dos quatro nados de forma distinta, com os seguintes termos: crawl, costas, golfinho e peito; e outra com a sequência: crawl, costas, peito e borboleta. Um dos planos faz referência às atividades lúdicas e outros dois fazem referência à expressão lazer.

Em qualquer esfera da educação física, esse profissional poderá desenvolver atividades voltadas para o lazer e, de forma especial no meio líquido, de alguma maneira resgata a infância e proporciona, ao mesmo tempo, momentos de intensa alegria para crianças e adolescentes. O lazer está associado ao termo lúdico, à sensibilidade, bem como a infância; ao lado mais racional, à vida adulta, mas opondo-o ao trabalho, sem fins lucrativos (pelo menos deveria), ainda assim não encontrando um conceito definido, contudo aparece como um espaço que está à disposição do trabalho (SANTIN, 2003).

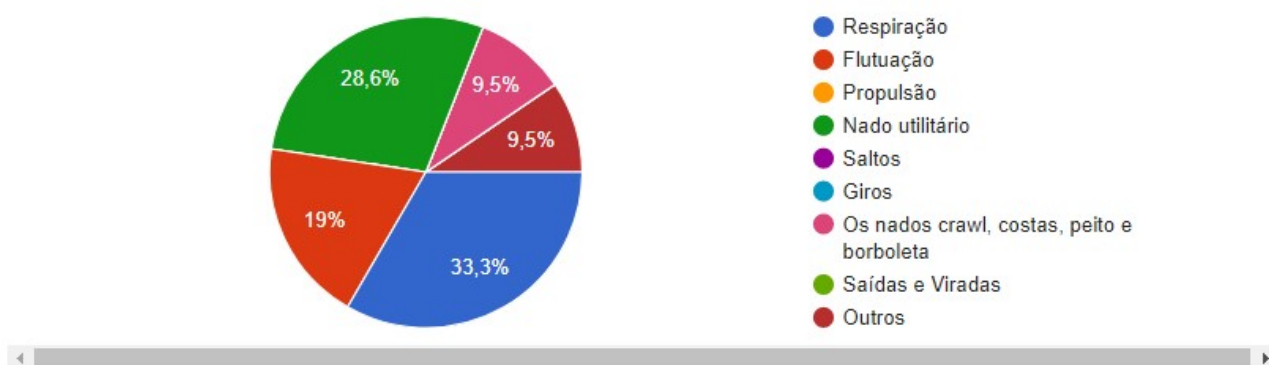
É pertinente apropriar-se do lúdico e este como estratégia de ensino e aprendizagem, pois quando o futuro profissional estiver a reger uma aula para uma turma de crianças, por exemplo, haverá a necessidade do conhecimento daquela realidade. Não seria o brincar pelo brincar, porque o brincar é um fator pertencente à

criança, proporcionando a aprendizagem através da intuição, mas de uma forma dirigida através do professor. No brincar a criança não está preocupada com resultados, e no ato lúdico encontra-se a primeira etapa da construção do conhecimento (FERREIRA, 2003).

Outras referências são feitas no cronograma da disciplina ou unidade programática pertencentes à avaliação, a qual analisaremos em outra unidade de contexto por encontrarmos, aparentemente, uma maior aproximação de forma isolada com a prática corporal.

Selecionamos aleatoriamente outros conteúdos práticos, em uma pergunta feita aos alunos, os quais participaram de forma mais objetiva, respondendo a algumas perguntas do questionário. Uma das perguntas foi direcionada a que conteúdos os alunos consideram mais importante para esta prática corporal.

Gráfico 1 - Questionário eletrônico



Fonte: *google forms*.

As respostas estão entre a respiração, flutuação propulsão, nado utilitário, saltos, giro, os nados crawl, costas, peito e borboleta, saídas e viradas e outros. Se o aluno optasse por essa última resposta, ele tinha um campo para preencher subjetivamente. Para isso, elaboramos um espaço para resposta livre, caso o aluno optasse pela opção “todos”.

Em um dos questionários, encontramos essa resposta, mas sem nenhum comentário. Acreditamos que o aluno não fez diferença entre os conteúdos.

Certamente com o mesmo raciocínio, outro aluno marcou “todos” e acrescentou: “Coloquei outros por não poder assinalar mais de uma resposta, pois acredito que os vários conteúdos citados são importantes. Cada um no seu momento certo. Vai do professor progredir com os seus alunos” (ALUNO 01).

Dos que fizeram a distinção entre os conteúdos, 33,3% responderam que a respiração é o fator mais importante na natação; 28,6% para o nado utilitário; 19% para a flutuação; 9,5% para os nados crawl, costas, peito e borboleta; e 9,5% para outros conteúdos. Neste sentido, Andries Junior e Bolonhini (2009) não enfatizam nenhum componente em detrimento de outro, mas preconizam que a adaptação ao meio líquido é o momento da superação das primeiras dificuldades:

[...] os alunos iniciantes em natação precisam, antes de qualquer outro passo, aprender a superar essas dificuldades, adquirindo um comportamento específico para esse meio. Tal comportamento é adquirido através do processo de adaptação, cujo objetivo é trabalhar os seguintes itens: os primeiros contatos com a água, a respiração, a flutuação, a propulsão, a sustentação e o mergulho (ANDRIES JUNIOR E BOLONHINI, 2009, p. 224).

Acreditamos que o componente mais importante nesta questão, ou como final da etapa da adaptação ao meio líquido, é o nado utilitário, pois é através dele que o aluno conquista sua autonomia na água, visto que ela não é o nosso meio natural, apesar de termos vivido nela no início da nossa vida (ANDRIES JÚNIOR, 1998).

Nesta unidade de contexto, uma passagem de um professor nos chama atenção pelo tratamento dado a alguns conteúdos como biomecânica e mecânica dos fluidos. São exemplos de conteúdos que podem ser trabalhados em sala de aula, entretanto o professor 02 parece não ter se limitado a este aspecto:

[...] a natação vai entrar no conhecimento da biomecânica, conhecimento... é das leis da hidrodinâmica. Você foi ali dominando um pouco na água e vendo como o corpo se comporta. Então são as leis físicas que vão atuar dentro da água... Então não é só ensinar determinados movimentos, é você entender como o corpo se comporta na água e como é a sensação do seu corpo na água. [...]

O que se observa também, nesta passagem, é que o conhecimento ministrado em sala de aula pode ser explorado na piscina lançando mão das relações/*interfaces* necessárias. Um exemplo disso é o princípio de Arquimedes onde está implícita a força de empuxo, o qual pode ser abordado na disciplina, em

conteúdos como mecânica dos fluidos ou propriedades físicas da água. Em sala, através de exposição oral, figuras, vídeos, entre outros, os alunos podem ter uma compreensão teórica ou conceitual. Mas se entre aquilo que é da dimensão conceitual também for tratada na procedimental, como o professor preconiza, sem se esquecer da atitudinal, os encontros da disciplina, possivelmente tornar-se-iam mais significativos e motivadores para os graduandos.

Neste contexto, o que o professor 02 apresentou na dimensão conceitual aponta para o saber ensinar e, nesse âmbito, é importante que ele saiba o que ensinar e como ensinar, pois o fato de que o sujeito tenha domínio sobre algum assunto, não garante que ele saiba ensinar a outros alunos, pois além de saber o conteúdo, ele tem de dominar a pedagogia desse conteúdo. Nesta pedagogia entra a arte do professor e ele tem que ser pedagógico, saindo do aprendizado para o ensino, e isso requer prática docência, a qual é adquirida ao longo de suas experiências (TARDIF, 2014).

Outra observação sobre o professor 02, a partir do que é dito: "...então não é só ensinar determinados movimentos [...]" mas ter a compreensão do movimento e entender "como é que seu corpo se comporta na água". Vejamos, essa é uma das funções do professor da disciplina, levar seus alunos a uma reflexão do gesto motor, ensinando-os a ensinar, pois se na sua turma da graduação houver apenas o objetivo de aprender natação, qual seria a diferença para uma escola de natação? Embora neste contexto, não haja motivos para que o aluno deixe de realizar a prática corporal nas aulas, caso contrário estaria com uma compressão deficitária, pois o saber ensinar está imbricado a seu saber fazer. Entendendo-se aqui o saber fazer na perspectiva de fazer a prática, a prática corporal.

Relativo à unidade de registro avaliação da disciplina, encontramos nos planos de ensino dos professores, as seguintes formas de avaliação: seminários, elaboração e apresentação de planos de aula, avaliação padrão da instituição, relatório de aulas (prática e campo) e síntese de textos.

Pertinente à fala dos professores, não foi realizada nenhuma avaliação prática com critérios nos antigos moldes tecnicistas, mas para compor a pontuação da avaliação, o professor 01, na primeira unidade, tratou essa questão através de seminários realizados na piscina com temas propostos pelos próprios alunos:

Então eu apresentei uma proposta e eles também apresentaram outras atividades que poderiam ser feitas como adaptação ao meio líquido. Então essa foi a avaliação prática que eu fiz com eles. [...]

Na avaliação escrita, este professor fez apenas uma atividade com o objetivo de uma diagnose, no início do semestre. Nenhuma avaliação foi realizada para avaliar as técnicas de nado, ou algum desempenho aquático pelos professores entrevistados, todavia em outras falas e, em algumas respostas dos alunos, preconizaram que os professores devem saber nadar, até resgatar uma vítima de afogamento. Sobre esse ponto, abordaremos mais adiante em outra unidade de contexto.

Já o professor 02, tratou de considerar na primeira avaliação, a parte histórica, os fundamentos e a avaliação escrita. Uma avaliação prática foi realizada no final do semestre.

[...] Primeiro eu faço uma avaliação onde eles vão dizer..., o histórico, a metodologia, dominar os fundamentos e depois já no final eu deixo a parte prática.

A avaliação geralmente é utilizada com o objetivo de checar se os objetivos foram atingidos ou não, podendo ser observada, também, a evolução do aluno durante a disciplina e atribuições de pesos com atividades variadas, podendo ser realizadas através da avaliação processual. O professor da fala a seguir, estabelece 30% como peso de uma atividade didático-prática. Essa atividade é realizada entre dois alunos:

Bem, com relação à avaliação prática, quando eu faço avaliação prática, eu faço um nadando e outro observando. Para ele identificar como vai corrigir aquele problema, que eu acho que o mais importante é ele saber identificar isso. Saber identificar como é que ele vai corrigir aquela deficiência. [...] como é que vai fazer aquela puxada, aquela empurrada. Você olhando... você já tem o olho clínico, e pela posição do corpo você já sabe o que está errado, mas muitas vezes eles não têm essa noção. [...] Eu uso para essa atividade 30%. (PROFESSOR 02)

Percebemos que há uma solicitação dos próprios alunos para que ocorram mais aulas práticas e, obviamente, caberia ao professor elevar esse percentual da avaliação didático-prática se ocorressem mais aulas práticas. Entretanto, percebemos que a prática corporal aqui nesta última fala foi avaliada juntamente em

um contexto pedagógico pertinente para a disciplina, pois ao executarem essa atividade, os alunos deste professor estão exercitando seus saberes pedagógicos.

Embora o professor não cite nenhum estilo ou nado utilizado na atividade, parece estar subentendido que foi realizado, aplicando algum dos nados, pois há uma fala sobre correções e se estamos tratando de correções, pode não se tratar de um nado utilitário por ser um nado sem uma técnica pré-estabelecida, mas provavelmente um ou alguns dos nados oficiais da natação.

Continuando com o mesmo professor:

Porque isso, sabendo dos fundamentos, já fica mais fácil porque eu sei que eles vão começar a ver, mas vão aprender o resto do tempo. Mas isso varia. Hoje eu já coloco mais, porque eles pedem isso. Eles sentem falta disso. Como a gente faz no final do semestre uma avaliação eles pedem para ter mais prática. [...] (PROFESSOR 02)

“[...] sabendo dos fundamentos [...]”, é uma expressão que denota que os alunos já tomaram conhecimento da prática corporal da adaptação ao meio líquido, pois os fundamentos respiração, equilíbrio e propulsão foram oportunizados em outro momento, proporcionando condições para a avaliação descrita pelo professor 02 “[...] já fica mais fácil porque eu sei que eles vão começar a ver, mas vão aprender o resto do tempo [...]” Portanto, os alunos não poderiam realizar essa avaliação sem a prática corporal que os preparassem para tal processo avaliativo.

Reiterando, não é o objetivo da disciplina ensinar a natação, mas ao realizarem aquela atividade, ao final do semestre, o professor não teve muitas dificuldades, pois eles já sabiam nadar. Neste contexto, foi perguntado aos professores se um aluno poderia ser aprovado na disciplina, mesmo sem saber nadar. Seguem as respostas dos professores:

Talvez na minha disciplina eu possa repensar sobre isso no próximo semestre. Qual é o motivo? Essa disciplina é obrigatória, nem todos os alunos que estão aqui eles vão seguir esse caminho. Não saber nadar, eles vão ter que fazer disciplina de qualquer forma e nesse semestre eu não faço a prova prática para eles vivenciarem aquilo ali. [...] Mas eles são aprovados, em relação à aprovação ou não, eles são aprovados Mas eu também considero o quanto que eles tentaram se envolver na parte prática (PROFESSOR 01).

O professor declarou que poderia mudar de opinião no próximo semestre entretanto, ele parece acreditar da seguinte forma: se os alunos não vão trabalhar

com natação, mesmo não dominando a prática corporal, eles podem passar pela disciplina. Para ele, de alguma forma, o fato de os estudantes vivenciarem a disciplina, parece ser suficiente. Por último, o professor considera, de alguma forma, o progresso do aluno na disciplina, mesmo não dominando a prática corporal.

Olha o aluno pode ser aprovado. Se ele souber como se faz e se ele tiver os fundamentos mesmo sem saber nadar, mas quando eles aprendem a experiência que eu tenho e que a gente tem projeto de extensão exatamente por conta disso, por que a maioria dos nossos alunos são alunos da escola pública eles chegam sem saber nadar mesmo. Aí o que acontece? A gente tem uma escolinha. Antes eu fazia depois da disciplina, mas agora antes da disciplina eles já estão fazendo atividades, aí ele já aprende a nadar pelo menos [...] (PROFESSOR 02).

Aqui é dito que o aluno pode ser aprovado, pois ele parece dizer que a experiência que os alunos têm com um projeto de extensão já é, por si só, suficiente para o domínio do meio líquido. Entretanto, ele mudou de estratégia (antes fazendo com que os alunos participem do projeto de extensão - escolinha de natação), voltando principalmente para os alunos da escola pública que entram no curso sem saber nadar.

Continuando, segue a fala de outro professor:

Não!!!... Inclusive teve um aluno reprovado esse semestre. Teve aqueles que entraram na água, mas sentiram o meio líquido. Então não é o saber nadar, a técnica. Eles souberam que com macarrão eles puderam entrar na água e não se afogam. Agora o aluno que foi reprovado, nem na água entrava. Foi reprovado por falta e com notas ruins (PROFESSOR 03).

Esse professor denota que, a priori, o aluno é reprovado na disciplina se ele não souber nadar, todavia todos aqueles que participam das atividades práticas, mesmo sem o domínio da prática corporal, são auxiliados com flutuador “macarrão”. Precisamos aqui fazer uma observação sobre a dificuldade de o professor trabalhar dessa forma, usando os macarrões com alunos que não dominam ainda o meio aquático para realizar os conteúdos. O professor parece declarar que não é o nadar ou a técnica que importa, mas o fato de o aluno entrar na água, mesmo com os flutuadores. Queremos aqui reiterar que o básico da natação é o ato de nadar, ou seja, é movimentar-se e manter-se sob a água por impulso próprio através da movimentação de braços e pernas (CORRÊA E MASSAUD, 2004).

Em todo caso, passa a impressão de que, com os flutuadores, o problema foi resolvido. Todavia o flutuador altera a sustentação do aluno e, conseqüentemente, pode perceber uma falsa impressão de segurança, pois,

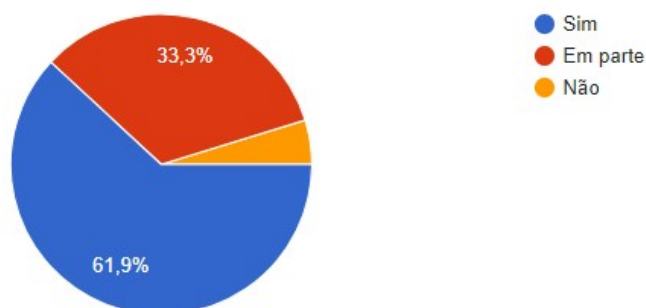
A sustentação é a capacidade do corpo se manter flutuando com o auxílio do movimento dos membros. É um componente importante da natação porque está muito relacionado ao fator de sobrevivência na água. Afinal, se o aluno for capaz de sustentar-se, ele com certeza não afundará (ANDRIES JUNIOR E BOLONHINI, 2009, p. 224).

Através dessas respostas, percebemos que os professores não consideraram o aspecto do domínio da natação e nem do ato de nadar como fator de avaliação, no sentido de apresentar alguma evidência das habilidades aquáticas básicas.

Nesta unidade de contexto, a evolução do aluno no processo ensino aprendizagem, bem como a prática corporal foram percebidas. A avaliação didático prática, ficou relatada apenas na avaliação do professor 02. Neste sentido, ainda encontramos um distanciamento com o teste das habilidades aquáticas essenciais proposto por (ACCIOLY, 1991).

Concernente aos alunos do 3º ao 5º períodos, (intervalo no curso em que esta pesquisa foi realizada) estes não possuem ainda uma visão total do curso, contudo, por vivenciar a disciplina, algumas perguntas, como as que foram utilizadas, acreditamos que já se faz pertinente. Perguntamos se eles concordam com algum teste para avaliar o seu desempenho na piscina.

Gráfico 2 - Questionário eletrônico



Fonte: google forms.

Eles responderam, em sua maioria, com o percentual de 61,9%, que deveria haver como forma de avaliação uma prova prática, envolvendo o desempenho aquático, através das técnicas dos nados ou através de um nado utilitário, ou, ainda, algo que evidenciasse seu domínio na prática corporal.

Essa questão se aproxima da pesquisa de Accioly (1991), que foi descrita no referencial teórico, baseada no teste de habilidades aquáticas básicas, que trata de avaliar os graduandos do curso de Educação Física na disciplina natação, abordando a formação, segurança no meio líquido e aspectos pedagógicos:

[...] acredita que seja necessário destacar as habilidades essenciais para a formação e prática pedagógica do futuro professor de natação, a partir de uma sequência pedagógica que garanta a sua segurança dentro de piscina, sem com isso esquecer a pertinência dos domínios afetivo e cognitivo na formação deste profissional e no processo ensino-aprendizagem da natação (ACCIOLY, 1991, p.06).

As questões concernentes ao teste formativo foram aos alunos durante a disciplina, em fichas específicas para conhecerem o instrumento de avaliação. Ressaltamos que o trabalho realizado pela autora foi o de construir e validar uma proposta de avaliação e não, necessariamente, aplicar algum teste, a priori.

A resposta dos alunos, com 33,3% “em parte” poderia estar baseada entre aqueles que não concordam totalmente com um teste de desempenho com alguma exigência técnica, mas possivelmente concordam com uma avaliação na piscina, talvez levando em conta o seu estágio inicial no começo da disciplina e sem a cobrança da técnica dos nados. Apenas 4,8% dos alunos, não concordaram com uma avaliação prática.

Para a unidade de registro competências e habilidades do professor da disciplina, percebemos, na fala de um dos professores, que a competência inicia-se pelo conhecimento e/ou fundamentos da natação e, em seguida, pela habilidade do professor. O termo competência é definido “[...] como sendo uma capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiada em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles” (PERRENOUD, 1999, p. 7).

A competência pode ser tratada como a construção de ideias através de conceitos, mas sem uma superficialidade dos assuntos que o professor está abordando, pois para resolver um problema envolvendo complexidades, possibilidades e tomada de decisões, configura-se a necessidade de uma prática

cognitiva diferenciada, pois está ligada à capacidade de conhecer algo de uma esfera e usá-la em outras esferas.

No diálogo com os professores, houve uma transição das respostas no sentido dos conceitos de habilidades baseados em Perrenoud (1999) com as habilidades no sentido da prática com o corpo, semelhante a dois sentidos diferentes, como o que ocorreu no segundo capítulo referente ao saber fazer baseado em Tardif (2014) e o saber a prática corporal. Ou seja, percebe-se, em alguma fala dos professores, nesta unidade de contexto, uma aproximação com as habilidades relacionadas com a prática corporal e, por consequência, com as habilidades e competências aquáticas.

A relação dos termos competências e habilidades no contexto do meio líquido, envolvendo a prática corporal, é compreendida no sentido expresso a seguir:

[...] observou-se que houve uma maior integração das habilidades básicas de nadar, isto é, elas foram capazes de adequar o uso dessas habilidades, obtendo um maior deslocamento voluntário sem que houvesse a necessidade do uso de implementos artificiais de flutuação ou apoio dos estagiários. Juntamente com esse aumento da competência motora aquática, a grande maioria dos participantes também apresentou um maior domínio em relação ao ambiente aquático (XAVIER FILHO *et al*, 2014, p.05).

Daremos início às falas aproximando-nos da construção das ideias. No diálogo a seguir, com o professor 03, é mencionada a competência da compreensão através dos fundamentos teórico-metodológicos da natação. Há uma identificação das competências em suas aulas, mencionando o que ocorre neste sentido, na teoria e na prática. Em sua concepção, a competência dos entendimentos dos conceitos já seria um fator precursor para a prática corporal, pois há uma relação direta de conceitos teóricos abordados em sala com as aulas práticas na piscina.

[...] primeiro competência é entender como é que funciona a natação na parte conceitual mesmo para poder explicar o conceito. Se você souber explicar dentro da sala de aula como é que funciona no nado, quando chegar na piscina vai ser muito mais fácil. [...]

Os conceitos de competências estão vinculados à questão cognitiva, não bastando dominar a informação, reunindo ao mesmo tempo e perpassando para a prática, podem surgir as habilidades, pois a ideia de habilidade seria, por exemplo: “[...] para dirigir um automóvel, que requer habilidades como interpretar a sinalização

de trânsito, operar o veículo, possuir noções de distância.” (RANGEL, MOCARZEL e PIMENTA, 2016, p. 32)

O professor 03 ainda fez referência sobre o termo habilidade, associando-a com a prática corporal do nadar ou o domínio do meio líquido, ou seja, para uma habilidade ser conhecida como tal, neste caso, o meio líquido, é essencial seu domínio: “E a habilidade, eu? Graças a Deus, eu desde criança já tinha o domínio da água” (PROFESSOR 03).

Em seu diálogo, há uma referência a outro professor, que não tinha habilidade (motora) enquanto este ensinava a disciplina natação, à época de seu curso de Educação Física.

Para aqueles que não têm habilidade, a competência tem que se sobressair na aula, dentro da disciplina, que era o caso daquele meu professor, que ele não tinha habilidade, mas ele tinha uma competência muito grande (PROFESSOR 03).

Acreditamos que o professor entrevistado, referiu-se à falta de habilidade na natação esportiva, pois, em outra passagem, ele traz uma maior clareza do fato:

[...] não precisa saber as técnicas ou a natação. Eu tive um professor de natação dentro da universidade que ele não era da área, ele sabia nadar mas não tinha técnica e a aula dele foi a melhor que eu tive na minha vida (PROFESSOR 03).

Nesta passagem percebemos que não houve relação “ex-atleta X bom professor” até porque o professor deste professor não era da área, ou seja, não tinha sido um nadador ou um especialista em natação, embora tenha ficado clara a percepção de que ele já sabia nadar.

A seguir, o professor 01 não trouxe citação direta sobre as competências ou habilidades de forma mais explícita, contudo, de forma geral, mostrava aos seus alunos, neste contexto, a natação como um caminho pedagógico:

[...] então o que eu mostro? Principalmente a natação como possibilidade..., de um caminho..., de ensino pedagógico... Eu acho que o professor ele está ali para mostrar caminhos.

Este professor também fez menção ao curto tempo pedagógico para tratar dos assuntos como ele desejaria que fosse tratado, mas menciona os pontos sobre a

habilidade e a competência para ensinar os conhecimentos: motor, sócioafetivo, a ludicidade e o ensino dos quatro nados:

Eu tô falando muito nessa questão da necessidade de você desenvolver tanta questão motora, mas eu também falo a parte socioafetiva. A gente traz a questão da ludicidade. Depois a gente entra na questão dos quatro nados [...] (PROFESSOR 01).

A fala seguinte aborda a questão do professor da disciplina natação ter a competência e a habilidade sob a ótica de Perrenoud (1999) através do trato do conhecimento por meio dos domínios das teorias, pois através destas ele terá um norte para sua disciplina. Ele preconiza que:

[...] as ferramentas primeiro de que um professor do ensino superior deve ter é uma teoria psicológica e uma teoria pedagógica que diga como ensinar. O objeto né? E como eu vou ensinar essas teorias que me respondam e como se aprende com a teoria psicológica e como se aprende [...] aí depois disso uma teoria psicológica de como se aprende acreditando que o homem é um ser social cultural, eu vou entender isso. É uma metodologia de ensino que vai articular tanto a teoria pedagógica quanto psicológica e quanto à forma de eu fazer [...] (PROFESSOR 02).

Esse professor faz menção à importância também das teorias da física, como a lei da ação e reação, a teoria das alavancas aplicadas à natação, citando o caso do nadador Phelps: “[...] Phelps mesmo, tem um braço enorme. Aquilo ali é uma alavanca potente, certo? Então a gente vai usar o princípio das alavancas” (PROFESSOR 02).

O professor de natação, seja na sala ou na piscina, poderá, dependendo do contexto, fazer referências aos princípios das leis físicas, pois além de enriquecer sua aula, trazendo bases biomecânicas, deverá problematizá-las, tornando a aula participativa e dinâmica, diferentemente de um leigo que tenta ensinar a natação para alguém, estará desprovido deste conhecimento, ensinando o gesto pelo gesto, o movimento pelo movimento.

Eu tô falando nessa questão da necessidade de você desenvolver tanto a questão motora, mas eu... também falo a parte sócio afetiva. A gente traz a questão da ludicidade. Depois a gente entra na questão dos quatro nados, porque eu acho que é importante apresentar os quatro nados, as suas técnicas, o seu padrão mais técnico, às vezes a gente traz alguns professores que já foram atletas, que trabalham com aquele nado específicos e para melhorar essa prática a gente faz oficina de artigos e

ciclo de palestras com pessoas que trabalham em diferentes campos, na escola, no treinamento [...] (PROFESSOR 01).

Sobre a questão motora citada pelo professor 01, contamos com a colaboração de Langendorfer (1986) que preconiza o nadar como uma ação motora, em que o aluno ou o indivíduo realiza intencionalmente a autopropulsão através da água, que dependendo das condições e experiências, até mesmo antes dos três anos de idade, pode demonstrar rudimentarmente as formas aquáticas de locomoção.

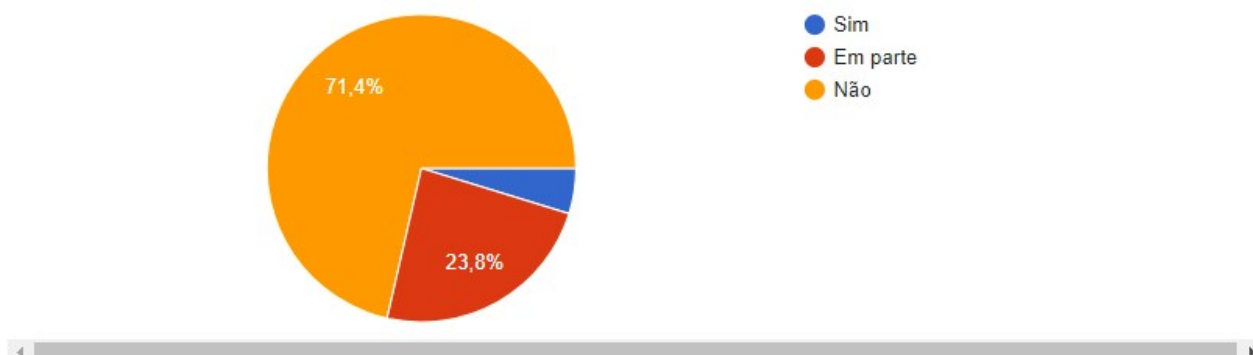
O andar ou correr são formas de locomoção naturais, o que não ocorre com a natação, pois não é o meio ambiente do ser humano, precisando este adquirir o que é chamado de competência aquática para o domínio do meio aquático. Este termo refere-se a um estado de prontidão que é revelado pela autonomia, confiança e satisfação do sujeito no meio líquido, servindo como base para a aprendizagem de outras habilidades aquáticas mais complexas e até mesmo especializadas, dentre as quais podemos citar os nados oficiais da natação (CAMPANIÇO *et al*, 2019).

Com esses pressupostos, a competência e as habilidades aquáticas relacionam-se com o saber fazer da prática corporal, permeando também o saber ensinar, pois ao apreender os domínios motores aquáticos há a dinâmica do professor e do aluno imbricados no contexto da dimensão procedimental.

Os conteúdos apontados pelo professor 01 abrangem a dimensão procedimental, quando trata da prática dos quatro nados, (há uma maior clareza que foi apresentada na piscina quando o professor declara que convidava outros professores que já foram atletas para melhorar essa prática) aproxima-se da dimensão conceitual com o ciclo de palestras em diferentes campos de atuação e da dimensão atitudinal, quando o professor trata da parte afetiva e da ludicidade.

Ainda inserido nas habilidades e competências do professor de natação, o gráfico a seguir é a resposta dos alunos frente à perspectiva do professor de natação assumir turmas ou não dependendo da prática corporal específica. A questão é referente à pergunta: um professor de natação pode ministrar aulas para adultos ou adolescentes mesmo sem saber nadar?

Gráfico 3- Questionário eletrônico



Fonte: *google forms*.

A maioria dos alunos, 71,4%, respondeu que não estão de acordo que um professor assuma essas turmas devido ao fato dele não dominar a natação. 23,8% dos entrevistados consideraram que um professor poderá, parcialmente, assumir essas turmas. Devido à limitação da resposta ser polarizada em “sim” ou “não”, a resposta “em parte” vem como alternativa de resposta e poderia representar que o professor, neste caso, tivesse uma pessoa como auxiliar e que dominasse o meio líquido ou, ainda, que as aulas fossem feitas apenas no raso. Se formos considerar esse último aspecto, é importante lembrar que um indivíduo adulto, mesmo não dominando o ambiente, pode perder o equilíbrio mesmo no raso.

Vale salientar que a natação também deve ser realizada na parte funda da piscina, pois os conteúdos de saltos elementares e saltos de competição/saltos formais devem ser realizados nessa parte da piscina, visto que é o local propício para desenvolver a autossustentação, adquirindo autoconfiança no meio líquido, onde não há possibilidade de manter-se equilibrado com os pés no chão da piscina e não causando uma impressão de falsa segurança (FONTES, RODRIGUES E GONÇALVES, 2013).

Uma pequena minoria, neste gráfico, representada pelo valor de 4,8%, respondeu que o professor de natação pode ministrar aulas para esses dois grupos de alunos (adultos ou adolescentes) mesmo sem saber nadar. Novamente, comparando com o gráfico que aborda a “natação infantil ou natação para bebês”, 4,7% dos entrevistados respondeu da mesma maneira, o que parece, além de

indicar uma semelhança numérica, (no outro gráfico, 4,8%) algo como não prioritário para qualquer destes grupos, sejam adultos ou adolescentes, ou como no próximo caso, a natação infantil.

Na unidade de registro natação infantil, a priori, os três entrevistados concordam que um professor para essa faixa etária não precisará ser um ex-atleta, ou alguém que tenha o domínio da técnica da natação. A resposta dos professores parece convergir com a dos alunos nesse aspecto, como veremos mais adiante.

Dentre as perguntas feitas aos professores, a que mais trouxe elementos para essa unidade foi a que investigou se haveria necessidade de o professor ter o mesmo de nível de conhecimento (em comparação com o ensino da natação, em geral) para ensinar a natação infantil. O professor 03 preconiza uma diferença:

Quantos segundos ele tem que saber para fazer aquele movimento? Se ele não fizer o movimento correto ele pode perder a competição. Então ele tem que saber explicar isso aí, saber explicar as viradas, toda parte técnica, sim. Se ele for dar uma aula de natação, ele precisa saber as técnicas. Mas se for um professor que... se eu for dar aula de natação infantil... Entendeu? Tem uma diferença entre natação e natação infantil. Então ele tem que ter o domínio das técnicas para a natação mais rebuscada.

Este professor diz que haverá a necessidade de um conhecimento mais específico para cada área. Para a natação competitiva, por exemplo, haverá detalhes técnicos que o professor precisará dominar para desenvolver com seu atleta, caso contrário poderá implicar em um resultado negativo, em termos de sua classificação ou uma piora de tempo na competição. Por sua vez, o professor 01, quando menciona a natação infantil, diz que:

[...] com relação à natação infantil não, eu acho que você tem que primeiro focar na natação para além dos quatro nados. É você propor também não só o desenvolvimento motor, mas o desenvolvimento sócioafetivo.

A fala do professor 01 entra em harmonia com os autores Damasceno (2012); Freudenheim, Gama e Carraced (2003) e Lima (2007), propondo para aos alunos da graduação os conteúdos da natação infantil sem estarem vinculados aos quatro nados, o que endossa a visão de que com as crianças devem ser vivenciados conteúdos lúdicos, fazendo da piscina um local de contentamento e não de “Rigorocidade”, termo que Pereira (2001) descreve como uma das realidades no processo ensino-aprendizagem.

Esse autor aponta duas situações de ensino sobre a relação professor-aluno, entre aquilo que é ensinado e aquilo que é aprendido no universo da criança. A primeira relação dá-se em uma cidade chamada “Ludicidade” onde é o local do lúdico, da alegria, do prazer e do faz-de-conta, por onde qualquer um passa durante a sua infância, servindo como estratégias e possibilidades através da fantasia e da imaginação. Em outra cidade, segue outra forma de viver e ensinar, uma cidade que não existe nada daquilo, apenas o rigor dando origem ao nome da outra cidade.

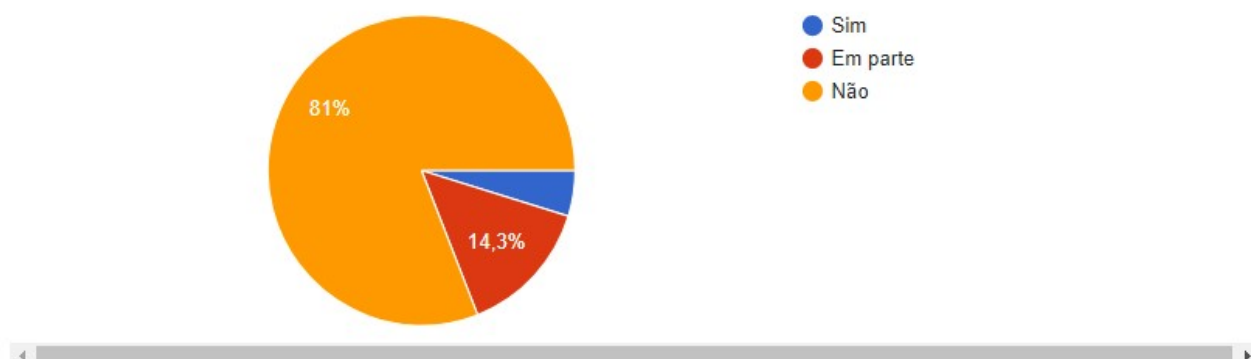
Neste contexto, outro professor declara:

Sim. O professor vai ter que trabalhar fundamentos com ele e com ele você vai progredindo. Claro que antigamente se pensava em um garoto com aqueles autores antigos. Eles falavam dos nados do método global, do método analítico que a gente... mas com a criança a gente tem que envolver com lúdico para chegar mais perto da criança, para ela poder entender, né? São questões assim da psicologia da educação mesmo, da psicologia da aprendizagem. (PROFESSOR 02)

Nesta última fala, além da resposta afirmativa do professor, ele traz um destaque da natação infantil com suas especificidades (a importância da ludicidade), em contraste com o ensino dos quatro nados de forma indireta, por citar os métodos global e analítico de ensino. Cita os fundamentos da natação e um progresso natural para atividades mais complexas e, ao final, traz a importância de o professor dominar a psicologia da educação, Prado (2017) e a psicologia da aprendizagem (CUNHA, 1998).

Partindo para a opinião dos alunos em relação ao contexto da natação infantil, relacionando com a prática corporal, perguntamos se um professor de natação pode ministrar aulas de natação infantil ou natação para bebês sem saber nadar.

Gráfico 4 - Questionário eletrônico



Fonte: *google forms*.

Preferimos colocar as respostas nesta unidade de contexto, embora a centralidade da pergunta seja referente ao professor, observarmos maior aproximação com o assunto devido à pergunta conter a expressão “natação infantil”.

Essa resposta teve 81% de afirmativa. Já 14,3% dos entrevistados disseram que um professor deve saber nadar em parte, e apenas 4,8% disseram que um professor não necessita saber nadar para ministrar aula de natação infantil. Podemos aqui fazer uma reflexão. Como seriam as respostas dos alunos se fosse perguntado: você matricularia seu filho em uma turma de natação onde o professor não sabe nadar? Ou você contrataria um professor particular de natação para ministrar aula a seu filho ou para você, se ele não soubesse nadar?

Nesta unidade de contexto, inferimos que para o saber ensinar natação, especialmente a natação infantil, é interessante que a dinâmica ocorra em um cenário onde não haja padronizações técnicas, mas a ludicidade e as problematizações possam estar envolvidas, criando um ambiente prazeroso tanto para quem aprende como para quem ensina. Por essa razão, no currículo do professor de educação física, que por consequência é o professor de natação quando está atuando na área, a disciplina natação deverá estar voltada para a formação humana.

Como segunda categoria empírica, temos a natação. Arelada a esta categoria temos como unidade de contexto as aproximações e distanciamentos com a prática da natação. Consideramos, inicialmente, a unidade de registro alunos que não sabem nadar. Ao aluno que não sabe nadar, por não ter tido a oportunidade de

dominar o meio líquido durante sua vida no ensino fundamental/médio ou por algum outro motivo, possivelmente enfrentará dificuldades com a prática corporal na disciplina, contudo, a ele devem ser oportunizados e incentivados outros momentos, como os cursos de extensão universitária.

Observamos na fala dos professores, um cuidado com os alunos que não sabiam nadar, contudo em suas falas, percebemos algo no sentido de um progresso sem sabermos o quanto progrediram. Iniciemos pelo professor 01 que teve ajuda do monitor que o auxiliava neste sentido, cuidando dos alunos que ainda não estavam adaptados ao meio líquido:

Tem um pequeno grupo que eu vou dizer, uns alunos que não sabem nadar. Inclusive tiveram experiências negativas na água. O que é que eu faço? Eu não posso sozinho mas eu tenho um monitor, então isso já me ajuda bastante. A gente não consegue dar uma atenção muito especial para esse aluno, ele não consegue progredir tanto ao longo da disciplina. [...] E a gente a gente vai intermediando, por exemplo: vamos fazer uma atividade, aí você vai evoluindo para outra atividade uma atividade mais complexa, a gente tenta adaptar, porque mesmo que eu esteja formando professores, é uma disciplina obrigatória. Tem pessoas que não vão seguir esse caminho, mas eu tenho interesse de saber que eles podem talvez, romper barreiras, dar uma atenção é fundamental.

A princípio o professor fala de evolução de atividades. Do simples para o complexo para tentar realizar uma adaptação ao meio líquido. Não percebemos aqui um detalhamento de como é feito esse processo. Outro ponto que se sobressai, refere-se aos alunos que não vão atuar na área como professor de natação e não sabem nadar. A priori, parece que a fala denota interesse do professor, talvez depois da disciplina, que eles possam, como foi dito, “romper barreiras”. Essas barreiras, pelo contexto, seriam o saber nadar ou algum aprofundamento.

Percebemos que são alunos que passam pela disciplina sem saber nadar. Por outro lado, na última fala, o professor 01 diz administrar essa questão entre os alunos que não sabem nadar e outros que já sabem através da ajuda do monitor. Pode-se indagar: e o professor que não tem um monitor? Provavelmente os desafios serão maiores, por ter, geralmente, alunos com níveis de natação bem diferenciados.

Já o professor 02, não teve monitor, mas ele mesmo entrava na água para auxiliar os alunos que ainda estavam com essa dificuldade. Ele pensava que, os alunos que não dominavam o meio líquido poderiam confiar nele.

Na disciplina com os alunos que não sabem nadar eu vou... Quando eu começo o semestre eu pergunto quem não sabe nadar e a gente vai mostrando como é que o corpo vai se comportar na água, como é que você vai segurando na borda (porque a piscina é muito funda) como é que você consegue deitar, como é que você consegue levantar [...] Então eu tenho que saber minimamente é... Ter segurança pronto, depois começa a trabalhar pequenas distâncias, maiores, começo a fazer o trabalho exatamente dos fundamentos, mergulhando e mostrando a eles que quando você tem um objetivo, por exemplo jogar coisas no fundo da piscina, você mergulha para pegar as coisas e você trabalha a respiração ao mesmo tempo. [...]

Percebemos que o professor 02 realiza um trabalho prático e um trabalho pedagógico, realizando atividades de forma contextualizada. Percebemos o cuidado com os alunos que não tinham o domínio do meio líquido, citando a expressão minimamente, referindo-se à segurança deles. Depois, partindo das distâncias pequenas para distâncias maiores, tendo em vista a dificuldade do professor trabalhar com esses alunos em uma piscina, segundo ele, muito funda.

Após isso, o professor volta a citar os fundamentos, usando o próprio exemplo, demonstrando para os alunos que enquanto o professor mergulha para buscar objetos no fundo da piscina, ele está trabalhando dois conteúdos, respiração e imersão. Se estamos abordando a questão da adaptação ao meio líquido, geralmente essa etapa está associada aos alunos que ainda não sabem nadar ou que estão sendo alfabetizados no meio líquido (SANTANA, 2003).

Entretanto há uma necessidade que precede às condições de uma aula de natação ou de qualquer aula de educação física, que é o fator segurança. Embora tomemos os cuidados com a segurança para uma aula de educação física, naturalmente os cuidados que se deve ter com uma aula de natação devem ser redobrados, principalmente no caso do último professor, em piscina funda.

A seguir o professor 03, neste sentido, conversava com os alunos sobre a necessidade de eles terem confiança, pois teriam de entrar na piscina e realizar as atividades, mesmo não sabendo nadar. Com esses alunos, o professor utilizava flutuadores como forma de facilitar o processo.

Nessa última turma agora, eu tive alunos que não sabiam nadar e tinha um com fobia à água e aí eu conversei com eles e disse vocês vão ter que confiar em mim. Eu vou colocar você dentro da piscina mas vou colocar vocês com uma proteção e vai ser como uma boia e vocês vão tentar fazer todas as técnicas, todos os nados, porque vocês vão ter que ter o conhecimento para saber como é que funciona para poder vocês passarem

na disciplina. Eles tiveram mais confiança e entenderam como é que funciona a braçada do nado crawl, do nado costas, sabendo que esse grupo de pessoas quando forem para o mercado de trabalho, eles não vão trabalhar com natação por vários fatores, primeiro porque eles têm fobia à água; segundo porque eles não conseguiram aperfeiçoar a técnica.

Apesar do perfil do curso atualmente não ser mais tecnicista, o aluno que cursa a disciplina natação com fobia à água certamente terá mais dificuldades de compreender a prática corporal. Esse, entre outros alunos, estão no grupo que irão para o mercado de trabalho, mas não vão trabalhar com natação devido à fobia, segundo o professor.

Entendemos que um grupo de alunos apenas teve algumas experiências superficiais com as técnicas dos nados, pois aparentemente eles realizaram sem os fundamentos da adaptação.

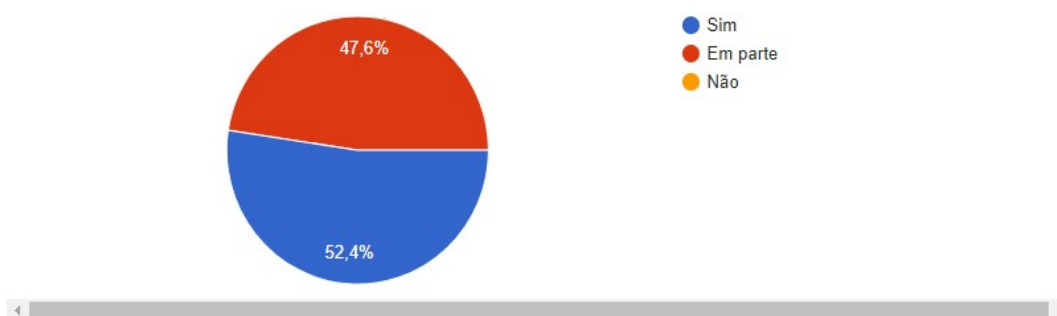
Como última fala dos professores, no contexto de alunos que não sabem nadar, segue um dado que nos chama a atenção, no sentido de qual o motivo de uma possível reprovação para o professor.

Mas eu também considero que mesmo sem saber nadar a gente proporciona vivências aqui que eles vão conseguir ter uma primeira aproximação na água, então o interesse deles em passar por isso também é cobrado. Uma pessoa que não sabe nadar e não quer entrar na piscina, aí meu amigo eu não vou querer aprovar não, aí complica (PROFESSOR 01).

Nesta fala, há evidências de alunos que não sabem nadar, mas eles apenas vivenciam um ambiente aquático, como o professor diz, tendo as primeiras aproximações com a água. Isso dá a entender que já é o suficiente em termos de prática corporal, embora, mais à frente, ele cite que um aluno que não quer entrar na piscina automaticamente já estará reprovado.

Em se tratando do questionário para as respostas concernentes a esta unidade de contexto, perguntamos aos alunos do curso se eles sabiam nadar. Observamos o retorno como resposta de 52,4% para os alunos que afirmaram que sabem nadar e 47,6% para os alunos que afirmaram que sabem nadar parcialmente. Neste quesito, nenhum aluno respondeu que não dominava a prática corporal da natação ou mesmo do nadar.

Gráfico 5 - Questionário eletrônico



Fonte: google forms.

Por uma lógica de conceitos, parece que através deste gráfico quem domina a natação evidentemente sabe nadar, mas nem todos os que sabem nadar podem afirmar saber a natação. Por outro lado, mesmo que todos os alunos tenham respondido que sabiam nadar “completamente” ou em “parte”, é provável que todos tenham o domínio do nado utilitário do meio líquido ou das habilidades aquáticas básicas.

Inferimos, nesta unidade de contexto, que em algumas falas, os alunos que não sabem nadar podem ser atendidos de alguma forma, todavia não há uma mensuração da prática corporal. Fala-se de “experiências” e “vivências” e algo que poderia ser sintetizado assim: “é preciso o aluno experienciar”. Mas que nível de experiência? Apenas tentar flutuar? Tentar realizar a respiração geral da natação? (LIMA, 2007).

“Experienciar” a parte funda da piscina sem dominar a flutuação vertical é passar pela disciplina sem o domínio básico da sustentação no meio líquido, que envolve a propulsão e conseqüentemente “a capacidade do corpo se manter flutuando com o auxílio do movimento dos membros. Este é um componente importante da natação porque está muito relacionado ao fator de sobrevivência na água. Afinal, se o aluno for capaz de sustentar-se, ele, com certeza, não afundará (ANDRIES JUNIOR E BOLONHINI, 2009, p. 224).

Acreditamos em uma experiência de domínio de forma mais efetiva para todos os alunos, em um ambiente que não é o dele, proporcionado pela adaptação ao meio líquido, que é também uma etapa precedente do ensino dos nados,

segundo Catteau e Garoff, (1990) e, por consequência, experimentando uma prática corporal capaz de dar-lhe segurança para o seu saber fazer e seu saber ensinar.

Na próxima unidade de registro, trataremos dos quatro nados ou quatro estilos, observando como os professores trataram este conhecimento frente à técnica esportiva e questões metodológicas levantadas pelas perguntas na entrevista. A razão desta unidade registro ser chamada quatro nados ou quatro estilos é que não houve uma diferenciação ou preferências entre um termo e outro pelos professores. Por exemplo, na fala do professor 02, logo abaixo, percebemos que ele trata de forma alternada os termos nado e estilo, sem fazer distinção entre eles. Por esse motivo, esta unidade permaneceu com a duplicidade de termos.

Uma das perguntas na entrevista que mais evocou palavras para essa unidade de contexto foi se havia diferença entre nadar e natação. Os professores entrevistados associaram os quatro nados ou quatro estilos ao esporte natação. O professor 02 comentou:

[...] natação é um esporte que reúne os quatro estilos. O nadar é mais amplo em termos de habilidades aquáticas ou se deslocar autônomo. A natação é um esporte institucionalizado onde tem os 4 nados, saídas e viradas.

Neste mesmo sentido, o professor 03, em outro momento da entrevista falou: “Eu sei nadar e natação”. Concernente à diferenciação de conceitos de nadar e natação relatados pelos professores concordamos, pois dá a entender que o ato de nadar é mais amplo, por não estar limitado aos movimentos pré-estabelecidos dos quatro nados, apontando, assim, duas formas de locomover-se na água por impulso próprio: através de informalidade (nado utilitário) e outra, por padrões de movimentos pré-estabelecidos (os quatro nados).

A literatura concorre para tal afirmação quando diz que o nadar é “qualquer ação motora que o indivíduo realiza intencionalmente para propulsionar-se através da água” (LANGENDORFER, 1986, p. 63). Este autor trata essa afirmação a partir de uma discussão sobre fatos e mitos relacionados às atividades aquáticas para crianças, contrapondo-se ao mito de que crianças pequenas não são capazes de aprender realmente a nadar e o termo “natação” não estaria limitado somente aos nados tradicionais.

Quando o professor 02 fala de natação como esporte institucionalizado, está indiretamente se referindo a FINA, entidade legitimada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), encarregada de estabelecer regras dos nados e conduzir as competições de natação em nível internacional e, também, em outros esportes aquáticos, como o nado artístico, polo aquático, águas abertas e saltos ornamentais.

Os outros esportes institucionalizados também necessitam ser experienciados em seus respectivos espaços pedagógicos, no ensino superior, no curso de Educação Física, como o voleibol, basquete, futebol, futsal, handebol, bem como os jogos, as danças, as lutas. Por outro lado, é pertinente atentarmos para a não exacerbação da técnica esportiva, por motivos já discutidos anteriormente. Acreditamos, porém, que não podemos permanecer distantes das práticas corporais no ensino superior, devido aos avanços teóricos e sociais em nossa área.

Com as devidas aproximações das técnicas dos quatro nados na natação, o professor 03 trabalhou com os alunos as técnicas dos nados.

[...] e vocês vão tentar fazer todas as técnicas de todos os nados, porque vocês vão ter que ter o conhecimento para saber como é que funciona a braçada do nado crawl, do nado costas, etc. [...] Que eles entendam como é que funciona o nado, mas para eles terem um aperfeiçoamento maior da técnica [...] Porque na disciplina não dá tempo de aperfeiçoar a técnica. Eles vão ter que fazer cursos por fora para poder ter um conhecimento.

Aqui, observamos outro motivo pelo qual a técnica envolvendo os quatro nados na prática parece não ter sido a preocupação principal deste professor, o tempo pedagógico. Em menos de seis meses, às vezes cinco ou quatro meses e meio, dependendo da quantidade da carga horária da disciplina, com três ou quatro horas semanais, aprender os quatro nados com as respectivas técnicas, vai depender muito do aluno, do professor da instituição. Reiteramos, que não é o objetivo da disciplina o ensino dos nados, mas uma parte dele.

Concordamos quando o professor 03 afirma: “não dá tempo de aperfeiçoar a técnica”. Mas dá tempo de dominar a prática corporal do nadar e ter uma noção dos quatro nados sem aperfeiçoá-los. Algo mais do que isso ficaria para uma disciplina de aprofundamento ou um curso de especialização na área.

A prática dos quatro nados, na visão do professor 01, aproximou-se também da fala do professor 02 e do professor 03, não utilizando a expressão experimentação ou experiência, mas o termo vivência: “Tem outro momento que a

gente entra nos nados [...] a gente faz a vivência dos quatro nados, e a gente tem a parte teórica e a parte prática. Eles têm que estar presentes na parte teórica e na parte prática também [...]” (PROFESSOR 01).

O ensino da disciplina natação não deve se restringir ao ensino dos quatro nados, mas em como elaborar estratégias de ensino para as mais diversas possibilidades de situações pedagógicas nas diversas faixas etárias e níveis de desenvolvimento aquático. O meio líquido é um mundo de possibilidades, onde o aluno poderá experimentar situações e emoções as quais nunca poderiam ser realizadas fora d'água.

Nos planos de ensino, os professores 01 e 03 tratam, metodologicamente, a sequência dos nados apresentados na regra da FINA (2017): crawl, costas, peito e borboleta. No entanto, o professor 02 tratou os nados na seguinte ordem: crawl, costas, borboleta e peito. Aparentemente não haveria diferença, exceto na questão da aprendizagem motora.

A sequência adotada pelo professor 02 faz sentido por uma questão de ordem de dificuldade, pois existem elementos no nado borboleta que são apreendidos durante o nado peito. Por exemplo: durante o nado peito, uma braçada de borboleta até após o quadril é permitida enquanto o nadador está submerso tanto na saída quanto em cada virada, seguido de uma pernada de borboleta, com uma recuperação da braçada rente ao corpo, seguido de uma pernada de peito. Segue o primeiro ponto da regra do nado peito:

SW 7.1 - Após a saída e em cada volta, o nadador pode dar uma braçada completa até as pernas, durante a qual o nadador pode estar submerso. Uma única pernada de borboleta é permitida em qualquer momento antes da primeira pernada de peito, após a saída e após cada virada. A cabeça deve romper a superfície da água antes que as mãos virem para dentro da parte mais larga da segunda braçada (FINA, 2017-2021, p. 10).

Essa movimentação contém dois elementos do nado borboleta, que é comumente chamada de "filipina". Além do mais, durante a execução do nado de peito, para um melhor deslocamento pode ser realizada uma ondulação com o corpo que se assemelha ao nado de borboleta, sem poder, contudo, realizar nenhum impulso com os pés semelhante ao golfinho.

SW 7.5 – Os pés devem estar virados para fora durante a parte propulsiva da pernada. Não são permitidos movimentos alternados ou pernada de

borboleta, exceto o descrito na SW 7.1. É permitido quebrar a superfície da água com os pés, exceto seguido de uma pernada de borboleta para baixo (FINA, 2017-2021, p. 10).

Acreditamos, portanto, que, por uma questão metodológica, o nado de peito, deverá ser ensinado por último entre os quatro nados, levando também em consideração o tempo pedagógico citado aqui nesta unidade de contexto. Na fala dos três professores entrevistados, nenhum deles revelou-se com o perfil orientado para a pedagogia esportiva ou preocupado com a visão do alto rendimento, mas os alunos foram apresentados aos quatro nados na disciplina de natação.

Na visão do professor 03 se alguém faz movimentos para não se afogar, revela o domínio do nadar:

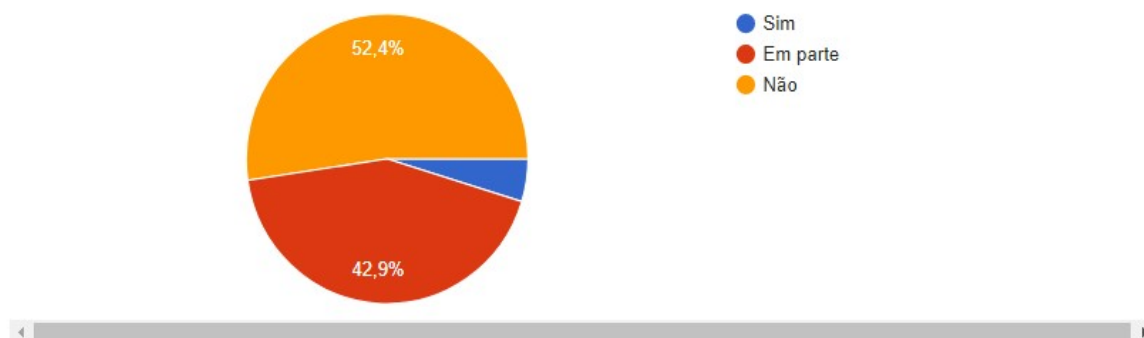
Qualquer um que estiver dentro da água submersa e nela estiver fazendo movimentos para não se afogar, está nadando. Já a natação tem uma conotação diferente, que é a parte técnica, certo? (PROFESSOR 03).

A técnica aqui empregada, pelo professor 03, tem o sentido voltado para os quatro nados, entretanto de acordo com Daolio e Velozo (2008) existe também uma técnica que não é a utilizada no desporto de rendimento ou alto nível e, ao que parece, é menos valorizada por não ter a atenção da mídia ou divulgada por meios de comunicação de massa através das competições. Todavia é uma técnica mais rústica, artística e útil como a que é utilizada no nado utilitário.

Em relação aos alunos, a pergunta do questionário que está inserida nesta unidade de contexto é a seguinte: para eles, saber nadar significa a mesma coisa que saber os 4 nados?

A maioria, 52,4%, afirmou que saber nadar não é saber os 4 nados; ao passo que 42,9% responderam que saber nadar é saber em parte os 4 nados; e apenas 4,7 disseram que o conceito de saber nadar é saber os 4 nados.

Gráfico 6 - Questionário eletrônico.



Fonte: *google forms*.

Há uma concordância entre o resultado da entrevista dos professores e a resposta dos alunos. Estes últimos se mostram favoráveis à ideia de que para um indivíduo nadar não é necessário ter o domínio dos nados, como vimos no início desta unidade de contexto. E mesmo aqueles que responderam “em parte”, por dedução, entende-se que se alguém não conhece corporalmente os quatro nados, mas sim três, dois, ou um, ou domina o nado utilitário, pode afirmar que sabe nadar.

Apenas, a minoria dos alunos manifesta uma resposta voltada para a visão tradicional, que apenas os que têm o domínio técnico dos quatro nados têm a habilidade de saber nadar.

Depreendemos que o saber fazer da prática corporal da natação servirá como estratégia para a sua prática pedagógica, utilizando-se não apenas de um conhecimento adicionado, mas enriquecendo seu saber docente.

Ao passarmos para a categoria empírica técnica, esta ficou associada à unidade de contexto a execução de movimentos característicos na água. Nesta categoria, observamos não apenas o contexto da excelência na execução dos movimentos, a aproximação com as regras da FINA, mas também o contexto de uma técnica de salvamento ou até mesmo o que caracterizava a técnica própria do aluno.

Dentro da unidade de registro excelência na execução dos movimentos, não observamos, na metodologia de ensino, tampouco na prática corporal, ou a nenhuma atividade que estivesse relacionada a uma excelência nos movimentos

dos nados. Nesta unidade de registro, não houve perguntas no questionário dos alunos que se aproximasse do tema.

Iniciando por um recorte da fala do professor 01, temos o seguinte:

[...] ou seja, você não precisa ter de fato uma excelência naquele nado, por exemplo, eu nunca fui atleta de natação, mas eu ensino natação talvez sem essa questão da excelência. [...] Se eu comecei a ensinar aquela parte elementar [...]

Tendo em vista que o curso de professores é para uma formação geral e não específica, é razoável a não cobrança de uma excelência nos movimentos dos quatro nados nas aulas práticas. Uma das razões é que não cabe mais em uma formação de nível superior a ideia da exacerbação da técnica, como aconteceu na educação física brasileira no período tecnicista de acordo com Castellani Filho (1988) e esportivista Tenório *et al* (2015).

A palavra excelência de acordo com Priberam (2020) é um substantivo feminino que significa: 1. MUITÍSSIMO bom = Ótimo. 2. Perfeito. 3. Distinto. Neste sentido de excelência, percebemos, em outra parte da análise, um professor que apenas dominava o ato de nadar, mas não a natação. Segundo o entrevistado, o professor da disciplina natação, ministrou uma aula excelente (certamente ele se referiu também à disciplina). Decidimos trazer novamente este recorte, pois o conteúdo desta fala tem a ver também com essa unidade de registro:

Eu tive um professor de natação dentro da universidade que ele não era da área, ele sabia nadar, mas não tinha técnica e a aula dele foi a melhor aula que eu tive na minha vida. Era o professor . Ele deu uma excelente aula de natação. Aprendi tudo. [...]

A excelência, neste caso, foi elencada em meio ao contexto pedagógico, não tecnicista, nem da habilidade atlética do professor. A excelência na aula, ou seja “o grau máximo de bondade, qualidade ou perfeição” foi atingido, ao que parece, pela didática do professor. O saber ensinar destacou-se em detrimento do pouco saber fazer do professor, entretanto, vale salientar que não houve ausência deste saber, tendo em vista que o professor sabia nadar.

Até aqui, a excelência na execução dos movimentos como unidade de contexto, na fala dos três professores, houve distanciamentos da técnica no sentido da *performance* a qual está envolvida na natação de acordo com Maglischo (2010).

Na natação que visa o rendimento, o atleta está em busca de uma excelência nos movimentos, para obter sempre um resultado melhor em seu nado, conseqüentemente, em sua velocidade. Neste sentido, apontamos a fala do professor 02:

[...] ele não precisa ter a excelência dos estilos, mas ele precisa minimamente entender aquilo corporalmente. Precisa entender como é que ele faz aquela puxada na água, como é aquela sensação cinestésica porque fica mais fácil ele ensinar minimamente. [...]

O que podemos analisar em “precisa minimamente entender aquilo corporalmente”? Podemos arrumar a frase (sem alterar a sua lógica) na seguinte ordem: “Entender corporalmente aquilo, minimamente”? Sem nos deter em fundamentos ou questões fenomenológicas, o entender corporalmente é executar o movimento dentro de um contexto que vai além do movimento pelo movimento.

Neste contexto, até que ponto a expressão minimamente estaria associada ao saber fazer, bem como às habilidades aquáticas essenciais citadas em (ACCIOLY, 1991) ou como isso influenciaria o saber ensinar?

Primeiro, se minimamente aproxima-se das habilidades aquáticas essenciais ou da adaptação ao meio líquido, o professor 02 está ministrando suas aulas apontando para a visão desta autora.

Já o saber ensinar na disciplina recebe um reflexo da prática (entenda-se aqui a prática pedagógica) que, segundo Guimarães (2004) é o saber da formação profissional e pedagógica. Por outro lado, Pimenta (1999) preconiza que para saber ensinar não bastam experiência e conhecimentos específicos, mas saberes pedagógicos e didáticos. Pertinente esta ideia, pois como se reconhece um profissional? Por sua formação.

Com estes pressupostos, a partir da fala do professor 02, o saber ensinar poderia ser desenvolvido de certa forma também mínima, porém não é interessante, visto que do professor espera-se um domínio dos conteúdos para as aulas. Salientamos que o professor foi além do mínimo em suas aulas. Neste contexto,

recebemos a colaboração de Costa e Devede (2014) os quais nos lembram que o professor do ensino superior não estará apenas a ensinar, mas a ensinar a ensinar.

No aspecto do ensinar, o professor 02 diz que o aluno não precisa ter a excelência nos 4 nados, contudo ele precisa “entender aquilo corporalmente”. Esse é o mesmo professor que trata da avaliação prática (prática corporal relativo ao ato de nadar) ao final do semestre com 30% de valor para compor a nota da segunda unidade.

Voltando à fala do professor 01, ele reitera a não necessidade da excelência técnica relativa aos quatro nados, entretanto ele ressalta nesta passagem um caminho alternativo para a discussão:

Ele não precisaria saber e conseguir fazer de uma forma técnica, de excelência mas o mínimo de vivência eu acho que ele tem que ter. [...]. Você praticar mesmo a natação, praticar os nados para ver qual é a dificuldade... ou seja você não precisa ter de fato uma excelência naquele nado. [...] porque realmente a gente precisa vivenciar tudo aquilo que foi proposto, por exemplo: nós vamos falar sobre o nado crawl, hoje vamos mostrar alguns vídeos interessantes para poder motivá-los e depois a gente poder vivenciar mesmo. [...]

Essa vivência, aqui expressa pelo professor 01, distancia-se da necessidade da prática corporal na natação centrada na exacerbação da técnica esportiva e aproxima-se da necessidade do nadar, conceituado anteriormente.

Em algumas universidades, é oferecida uma disciplina de aprofundamento em natação ou termo semelhante, de forma eletiva/opcional, para os que se interessam em se aprofundar na área. Nestes espaços, é possível uma abordagem mais voltada para a prática da natação no sentido da excelência, que em outras palavras é natação voltada para o rendimento esportivo.

Acreditamos ser pertinente na formação de professores uma discussão elementar sobre as regras da FINA, ou seja, as mais utilizadas, aquelas que se referem aos 4 nados, às saídas e viradas. Entretanto, salientamos que outros conteúdos podem ser tratados com a mesma importância, como o histórico da natação, propriedades físicas da água, desenvolvimento motor aplicado no meio líquido, mecânica dos fluidos, salvamento aquático, organização de competições de natação, natação para grupos especiais, entre outros.

Devido à carga horária e perfil do curso e universidade, acreditamos que conteúdos como hidroginástica, polo aquático, nado artístico, saltos ornamentais,

“natação” para bebês, treinamento de nadadores ou maratonas aquáticas podem ser abordados em outro semestre, como uma disciplina eletiva.

Ao que parece, a excelência de movimentos não foi solicitada como diferencial na formação do curso de Educação Física na fala dos professores entrevistados e, igualmente, não foi encontrada alguma referência nos planos de ensino.

Na unidade de registro referente ao salvamento aquático, observamos que dentre os três planos de ensino analisados, dois continham registro para este conteúdo, entretanto, nas entrevistas, percebemos passagens que relatam práticas de salvamento com os três professores.

Parece que este tópico é tratado na disciplina de natação como um apêndice, ou sua ausência é justificada devido à supervalorização dos quatro nados, ignorando aquele conteúdo sendo, por outro lado, não apreendido por ser considerado como uma simples atividade utilitária.

O conhecimento em primeiros socorros é uma questão de cidadania, que pode evitar a morte ou sequelas por afogamento. É definido pela falta de ar ocasionada pela entrada de líquido nos pulmões, dificultando a respiração normal e a distribuição de oxigênio no corpo (ZIMMERMANN, 2009).

Outro conceito de afogamento é encontrado em Szpilman (2000, p. 133): “Afogamento (*drowning*) é definido como resultado de asfixia por imersão ou submersão em qualquer meio líquido, provocado pela entrada de água em vias aéreas, dificultando parcialmente ou por completo a ventilação ou a troca de oxigênio com o ar atmosférico.”

Partindo para as análises das entrevistas, foi possível identificar a aplicação do conteúdo salvamento nas aulas da disciplina natação, contudo no diálogo com o professor 01, apesar de este citar o conteúdo “higiene e socorros no meio aquático” em seu plano de ensino, não pudemos observar detalhes. Apenas é mencionada “a parte da segurança”

[...] na água em que são avaliados em propor atividades, por exemplo, em atividades que a gente vai realizar naquele ambiente, na água então a gente fez seminários, a parte de segurança, adaptação ao meio líquido... Então a primeira avaliação deles foi assim (PROFESSOR 01).

Nesta fala, onde é mencionada “a parte de segurança”, concebe-se algo nesse sentido: ao tratarmos de piscina ou acúmulos de água, é necessário certo cuidado devido àquele ambiente oferecer perigo.

O cuidado foi tratado na disciplina, não deixando dúvida de que o conteúdo não foi construído com informações teóricas sem demonstrações apenas fora d'água, pois a expressão: “[...] que a gente vai realizar naquele ambiente, na água.” [...] nos revela que foi realizado no meio líquido ou, também, no meio líquido.

Em outra fala do mesmo professor, este menciona tal conteúdo de forma prática: “No início da disciplina, nós temos duas ou três vivências eminentemente teóricas para a gente propor a disciplina, mas a partir disso a gente passa o maior tempo possível na piscina. Por exemplo, a gente faz a parte de salvamento” (PROFESSOR 01).

A disciplina de primeiros socorros, socorros urgentes ou similar, é oferecida nos cursos universitários, bem como no curso de Educação Física que trata da dimensão da manutenção básica da vida, frisando que nas escolas da educação básica e centros de recreação a capacitação para professores e funcionários¹⁵ passou a ser obrigatória.¹⁶

Todavia as duas disciplinas (socorros urgentes e natação) são independentes uma da outra em termos de sequência pedagógica e conteúdos, mas a depender do plano de curso do professor e de sua prática, o tema salvamento aquático pode emergir como conteúdo em comum entre ambas.

Assim sendo, a disciplina de natação poderá abordar com propriedade a técnica do nado reboque¹⁷, bem como as técnicas de sobrevivência no meio aquático, pois estas têm uma estreita relação com o que é descrito em um manual técnico de bombeiros:

Durante a ocorrência da angústia, nadadores são capazes de se manterem na água com técnicas de natação. [...] Eles podem ser capazes de gritar, acenar por socorro, ou mover-se em direção à ajuda de outros. Alguns

¹⁵ A partir de 2018 surge a lei nº 13.722 de 04/10/2018 que “torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino público e privado de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil.” (BRASIL, 2018).

¹⁶ Idem.

¹⁷ A técnica do nado reboque tradicionalmente é executada com a pernada em um formato de tesoura com o corpo na lateral, entretanto há quem conteste esta técnica, afirmando que o nado reboque é baseado em um estilo de natação obsoleto que surgiu como uma cópia ruim da natação ventral dos índios da América do sul, que em 1844 venceram os ingleses que só usavam o braço com essa pernada. (PALACIOS, 2019). Como atualmente a pernada do nado peito é a mais rápida de todos os nados, este autor sugere esta pernada em detrimento daquela (em caso de um resgate sem material). Em caso de um resgate com material auxiliar é indicada a pernada do nado crawl.

nadadores nem sequer sabem que estão em perigo e podem nadar contra uma corrente sem, num primeiro momento, perceber que não estão obtendo sucesso. A ocorrência da angústia pode durar alguns segundos ou pode prolongar-se por alguns minutos ou até mesmo horas. À medida que a força do nadador esgota-se, a ocorrência da angústia progredirá para o pânico se a vítima não for resgatada ou ficar em segurança. (ANTÔNIO *et al* , 2006, p. 12)

Uma experiência que pode ocorrer em outro ambiente fora da piscina em águas naturais¹⁸, como em uma praia, evidentemente oferece situações dinâmicas devido às correntes marinhas, desníveis de solo e outras surpresas. Portanto é necessário prudência, não ignorar os riscos e respeitar seus limites.

As aproximações com o tema salvamento aquático se dão por abordar tópicos que envolveriam uma possível vítima e não, necessariamente, o ato de socorrer alguém.

Nas respostas dos entrevistados, há uma congruência de ideias no sentido de que o professor de natação deve ter a competência de salvar uma vítima de afogamento. É pertinente lembrar o contexto em que foi feita a entrevista e a sequência de perguntas não se tratava de salvamento em águas naturais, mas sim no contexto aluno-professor-piscina. É evidente que este conhecimento construído pode reverberar para fora das piscinas com suas devidas ressalvas.

Com aproximações neste cenário, perguntamos aos docentes se eles achavam que um professor de natação deveria saber como salvar uma vítima de afogamento, ao que obtivemos a seguinte resposta:

Com certeza absoluta! Com certeza absoluta! Irredutível em relação a essa questão. [...] Ele precisa pelo menos dominar um pouco ou como se portar no meio líquido. Porque é responsabilidade. Mas não somente saber nadar, mas também saber realizar o reboque. Você saber diagnosticar o ambiente e trabalhar isso com os alunos. Isso é fundamental. Você precisa saber fazer o resgate. (PROFESSOR 01)

O professor enfatizou por duas vezes que sim! Todavia, um ponto que podemos observar na fala do professor é quando ele cita “dominar um pouco”, que aparentemente, soa mais elementar do que “como se portar no meio líquido” e é mais elementar do que saber realizar o reboque. Quando este fez menção ao reboque, estava se referindo ao ato ou ação de rebocar um aluno que precisa de socorro no meio líquido.

¹⁸ Águas naturais: rios com correnteza, represa, remanso de rio, lagoas, baía, cachoeiras, córrego e praias oceânicas. Águas não naturais: banheiros, caixas de água, baldes e similares, galeria de águas fluviais, piscinas e poço. (SZPILMAN, 2019, p. 6)

Accioly (1991) descreve que as habilidades aquáticas essenciais deveriam fazer parte da formação do professor de natação, que incluem habilidades aquáticas como adaptação ao meio líquido, segurança no meio líquido e o nado reboque. Esta autora fez uma distinção entre a etapa de adaptação no meio líquido e a etapa da segurança que outros autores, como Freudenheim, Gama e Carraced (2003); Corrêa e Massaud (2004); Catteau e Garoff (1990) e Bonacelli 2004 preconizam como uma só etapa. Em outras palavras, na etapa de adaptação, a segurança é adquirida por meio da propulsão (que normalmente inclui o nado utilitário).

Todavia, o nado reboque, oriundo do nado utilitário, é mais específico com uma técnica mais definida e objetiva, como o nome ou a ação já sugere, “rebocar”. No trabalho de Accioly (1991), o nado foi considerado como a última etapa no teste de habilidades aquáticas essenciais, significando que o aluno atingiu o nível ideal da “*praxis aquática*”.

Três habilidades aquáticas essenciais à formação do futuro professor de natação foram ordenadas conforme o grau de complexidade de execução, cabendo sempre para a última sub-habilidade (*praxis aquática*) de cada habilidade, o nível máximo de exigência. Entende-se por *praxis aquática*, uma sequência combinada de movimentos dentro da piscina com o objetivo de demonstrar a aquisição ou não do domínio do conteúdo de uma habilidade aquática é essencial [...] saltar em pé na piscina, aproximar-se do colega distante 13 metros com o nado utilitário em decúbito ventral e orientá-lo durante a execução da flutuação vertical. Com o colega em decúbito dorsal, segurando em seus ombros, trazê-lo até a borda, executando o nado utilitário em decúbito dorsal. [...] Esta indicação torna o reboque mais seguro, sendo a posição mais eficaz e cômoda para ambos. (ACCIOLY, 1991, p. 37, p.42; p 59).

Pondo de lado a questão de uma avaliação ou não da prática corporal na piscina, acreditamos que pode haver uma metodologia de ensino, como em outros nados competitivos para a aprendizagem da técnica do nado reboque e pelo que foi descrito em Accioly (1991), não foi utilizada pernada tesoura, distanciando-se do nado tradicional utilizado há muitos anos e sem muita eficácia em relação a outras pernadas (PALÁCIOS, 2019).

Um dos professores não menciona o nado reboque, mas sua fala gira em torno de uma possível emergência que possa acontecer entre os alunos, fazendo referência também ao perigo da parte funda da piscina:

Eu acho que faz parte até para a segurança do professor, do próprio professor [...] então você tem habilidade das emergências, você tem que ter o controle dos meninos. Muito importante para a própria segurança da aula principalmente quando você trabalha na piscina funda (PROFESSOR 02).

Este professor enfatizou a segurança pessoal, bem como menciona a segurança da própria aula, pois se este não sabe nadar como transmitirá segurança para seus alunos e como poderá trabalhar com segurança, especialmente na parte funda da piscina? Portanto, quando surge a expressão “até” ele responde positivamente, seguido de uma justificativa para a resposta.

O salvamento aquático, como já dissemos, pode ser ministrado pela disciplina natação e pela disciplina de socorros urgentes, com suas especificidades, possibilitando ao graduando uma visão mais ampla do assunto.

O professor da disciplina natação poderá convidar um profissional da área de socorros aquáticos, como fez o professor 03, preconizando esse conteúdo ser ministrado por um bombeiro e considerou o trabalho muito importante, mesmo sendo realizado em uma aula na qual acreditamos ter sido em um encontro:

Eu dei justamente isso na minha disciplina. Todas às vezes eu chamo um bombeiro que trabalha com socorro aquático. Ele veio e deu uma aula completa de salvamento aquático. É importantíssimo todo mundo que trabalha não só em piscina, mas que trabalha na área de Educação Física tem que ter conhecimento de primeiros socorros e na piscina principalmente. Então ele foi fazer esse trabalho lá. Mas é muito importante! (PROFESSOR 03).

Este professor também concorda que um professor de natação deve saber resgatar uma vítima de afogamento, quando ele abre a resposta com a frase: “Eu dei justamente isso na minha disciplina”. Justamente, precisamente ou exatamente são expressões idênticas que nos leva a crer que o professor está concordando com a pergunta.

A ida de um bombeiro para a disciplina proporciona uma ampliação da importância do cuidado com a segurança aquática, inclusive é uma recomendação da Sociedade Brasileira de Salvamento Aquático (SOBRASA): “O programa de prevenção – piscina + segura - criado em 2013 pela SOBRASA que objetiva reduzir os incidentes por afogamento em piscinas através da educação de professores de natação e alunos em academias, escolas e clubes” (SZPILMAN, 2019, p. 15).

De acordo com este autor, a cada ano mais de 372.000 pessoas são vítimas fatais de afogamento no mundo. No Brasil, 16 brasileiros morrem afogados

diariamente e o número de óbitos por afogamento está acima de 6.000 casos por ano no país, isto sem falar nos incidentes não fatais que ultrapassam mais de 100.000. As crianças, infelizmente, são as maiores vítimas de afogamento, surgindo como segunda causa de morte entre idades de 1 a 9 anos, sendo que 52% ocorrem em piscinas e residências (SZPILMAN, 2019).

Nesta unidade de contexto, através das entrevistas, percebemos que o nado reboque parece que necessita ser compreendido e desenvolvido na disciplina natação de modo efetivo, visto que para um uma pessoa saber nadar para resgatar outrem é necessário mais do que uma experimentação.

Um professor de natação consciente de seu papel social não estaria apenas ensinando os conteúdos para os alunos com suas respectivas faixas etárias, com suas necessidades motoras, cognitivas e afetivas, mas também estaria educando para a prevenção de afogamentos.

O resgate de um aluno na aula de natação está imbricado no saber fazer no sentido da dimensão procedimental citada em Darido (2005) de forma que o professor de natação terá além de um conteúdo pedagógico para as aulas (envolvendo o saber ensinar), proporcionando segurança para sua vida e de seus alunos.

A pergunta no questionário para os alunos com maior aproximação a esta unidade de contexto foi se eles achariam que um professor de educação física deveria saber resgatar e realizar os primeiros socorros em uma vítima de afogamento.

Gráfico 7 – Questionário Eletrônico



De acordo com o gráfico, 95,2% dos alunos responderam que um professor de educação física deve saber resgatar e realizar os primeiros socorros em uma vítima de afogamento e apenas 4,8% dos alunos afirmaram que esse profissional deve, em parte, saber resgatar e realizar os primeiros socorros para uma vítima de afogamento. A resposta dos alunos frente a essa questão também segue algo que parece ser um senso comum ou natural e estranho se fosse o inverso, ou seja, um professor de nataação não precisaria desse conhecimento prático.

Tendo em vista esta indagação do questionário se referir ao professor de educação física, a pergunta aponta para a formação acadêmica e para o profissional formado, e por dedução para as disciplinas no curso, que podem contribuir para a questão da realização dos primeiros socorros e do salvamento aquático.

Observa-se que o item segurança é apresentado pelo discurso dos professores e pela resposta dos alunos como prioridade, podendo ser oferecida a partir da disciplina nataação, a depender, evidentemente, do compromisso social do professor.

Portanto, percebe-se a ideia de que mesmo um professor que não trabalhe com nataação, mas pelo fato de ser um profissional de educação física, este poderia estar apto para nadar com segurança e realizar um resgate, observando os cuidados necessários de acordo com (SZPILMAN, 2019; ZIMMERMANN, 2009; ANTONIO et al , 2006).

Apoiando-se nos pressupostos dos professores entrevistados que responderam de forma unânime quanto à ideia da prática corporal de nadar com segurança para si mesmo e oferecendo segurança também para aqueles estão em sua aula ou no ambiente da piscina, aliando-se à resposta positiva dos alunos, tudo isso se aproxima do que preconiza (ACCIOLY, 1991).

Completaremos as análises com a última categoria empírica a ser explorada: experiências. Como unidade de contexto, temos as experiências dos professores, bem como as dos alunos da disciplina nataação. Na análise da primeira unidade de registro, temos experiências do professor da disciplina, que são experiências relativas ao período da disciplina, bem como as de outrora, concernente à prática corporal da nataação.

A metodologia, a didática, a produção científica, entre outros pontos, também poderiam ser discutidos aqui por se tratar de experiências docentes, entretanto por não ser foco de nossa pesquisa, não trouxemos para essa discussão.

Inicialmente, os três professores responderam à pergunta se eles sabiam nadar. Eles responderam que sim. Depois perguntamos aos entrevistados se eles aprenderam na graduação ou se já sabiam nadar antes do curso. Eis as respostas: “eu já sabia nadar” Professor 01, e da mesma forma, o outro professor: “eu já sabia nadar.” (PROFESSOR 03).

Um desses professores fez uma declaração, afirmando que o nadar tem mais a ver com a questão de sobrevivência: “Para mim, nadar tem mais a ver com uma questão de sobrevivência, algo que não está ligado a uma técnica, e a natação é um esporte, algo com regras, que tem uma federação, competições, etc.” (PROFESSOR 01)

Contudo, este professor preconiza que aprendeu natação durante a graduação e relatou que para entrar na faculdade, em sua época, havia o Teste de Aptidão Física (TAF) e contou que ao realizar a etapa da travessia na piscina, quase se afogou. Conseguiu passar na etapa da natação utilizando o nado utilitário chamado “cachorrinho”:

[...] inclusive a minha prova prática teve um teste físico que eu saí de cachorrinho e quase me afogo, mas consegui chegar do outro lado. De cachorrinho, fui me deslocando com calma, o professor colocando aquela vara aquele que [...] eu empurro a vara e tentei chegar. [...] e o povo gritando ‘vai, vai, vai’. Eu me lembro que cheguei e me escondi depois, para ninguém poder me reconhecer. Mas não tive vergonha. Eu disse: “agora vou aprender a nadar”. Porque naquele tempo a natação não era uma coisa...como nos dias de hoje. Nem todo mundo tinha acesso. (PROFESSOR 02)

Para ingressar no curso de Educação Física até os anos 90, eram realizados testes de aptidão física que consistiam em uma bateria de exercícios físicos, como por exemplo, flexão na barra, salto em extensão, abdominal, nadar 25 metros no menor tempo possível e o “teste de *Cooper*”, que consistia em uma corrida de 12 minutos (CAMÕES, 1988).

Essas atividades funcionavam como meio de seleção dos candidatos que apresentavam maior potencial atlético e que, por pouco, o professor 02 não foi reprovado.

Era exigido, do futuro aluno do curso, um domínio da técnica e do rendimento esportivo, pois o objetivo do curso, nessa época, intencionava a formação de técnicos esportivos, sem a preocupação com a realidade social.

Segundo Baptista e Baptista (2017) os avanços político-pedagógicos nas escolas de formação de professores de educação física possibilitaram a extinção dos testes de aptidão física, os quais cerceavam o direito do cidadão a uma educação superior e com a evolução do curso nos campos das ciências humanas e sociais. Houve uma mudança do perfil do curso e, conseqüentemente, dos profissionais, ficando para trás o tecnicismo exacerbado. Neste sentido, o saber fazer como prática deixou de ser o carro chefe tanto para o egresso dos alunos, como para a centralidade do curso de Educação Física.

Os professores entrevistados não trataram da formação de técnicos esportivos como nos tempos de outrora, sendo percebido através das falas, a seguir, que comprovam um perfil mais pedagógico. Seguem as experiências durante a ministração da disciplina, seus desafios, saberes e a construção do conhecimento:

[...] aquela questão de você conseguir promover uma primeira experiência com água talvez não, mas se você é professor da disciplina de natação, assim como em qualquer outra disciplina... aí eu acho que você tem que saber as experiências, principalmente dentro da água para você entender como é que o aluno vai reagir de forma negativa ou positiva. Você propor uma atividade que você nunca vivenciou? [...] Mas aí você tem o compromisso de então vivenciar realmente aquela prática corporal para poder entender como é aquilo dentro da água. Se você propõe uma atividade de imersão, se você tem medo, se você não tem aquela experiência, eu acho que isso se torna uma barreira entre você e o seu ensino, entre você e a sua perspectiva de ensino, esta é a minha opinião (PROFESSOR 01).

Através dessa fala, o professor compara, inicialmente, o ensino da disciplina natação com outra disciplina, parecendo citar uma “primeira experiência” se referindo a alguma atividade inicial que parece, pela dificuldade do texto, a dispensa do professor. Cita uma experiência maior, todavia como qualquer outra disciplina, ele preconiza que deve haver uma experiência mais profunda quando parte para um nível de dificuldade maior dos alunos. Tornando mais claro. Se um professor de qualquer modalidade esportiva, tal como ginástica, dança ou luta, por exemplo, precisa ir com o aluno para um nível mais complexo de aprendizagem, é necessário ir a uma experiência mais complexa. Aí ele diz: “principalmente dentro da água”.

Percebe-se uma prática corporal com objetivo de entender como é que o aluno vai reagir porque você passou por aquela experiência.

Depois o professor aprofunda a ideia do docente saber a experiência da prática corporal de apenas entender seu aluno, quando ele traça um paralelo entre seu ensino e um compromisso. E esse compromisso ressalta a prática corporal como uma condição, de forma que, a falta desta, torna-se uma barreira no processo ensino-aprendizagem, quando ele cita o exemplo do medo do professor ao propor uma atividade de imersão, por exemplo. Imagina-se um professor de natação com medo de nadar na parte funda da piscina?

Eu acho que na natação, nas primeiras aulas como intervenção ao meio líquido, a adaptação... mas quando você sai dessa parte e quer progredir na sua prática, ensinando desde uma forma mais elementar até uma forma mais... talvez mais técnica, você precisa de fato ter uma experiência maior. [...] Eu não fico fora da água, eu entro na água com os alunos, por isso que eu acho que as experiências é o que te levam a melhorar a sua prática. Agora isso não pode ser uma questão que vai te limitar, porque o professor de Educação Física, às vezes, é aquele que vai ensinar dança, e você não sabe dançar. Veja, aí você, como professor de dança. Você se tornou professor de ontem para hoje? (PROFESSOR 01)

O professor 01 deixa transparecer, nesta última passagem, que para a adaptação ao meio líquido, haveria a necessidade de um domínio da prática corporal às respectivas atividades. Quando ele fala em progredir na sua prática pedagógica de uma forma mais elementar para uma mais complexa, afirma “você precisa de fato ter uma experiência maior”. Contudo, ele faz ainda um paralelo entre a natação e a dança, trazendo a ideia de que no início da vida profissional, o professor não tem o domínio da prática da dança, mas com o passar do tempo, ele poderá desenvolver essa prática corporal também. Se um profissional vai ensinar um determinado tipo de dança, ele poderá começar a ministrar suas aulas com os elementos básicos para esta prática corporal, como o ritmo, o equilíbrio e a percepção.

Perguntamos então se um professor que não possuísse a base elementar da dança estaria capacitado a ensinar? No caso da natação, ele poderia até estar motivado para ensinar, entretanto como seria isso sem o domínio básico? Acreditamos que isso seja uma incoerência. Por quê? Se um professor de educação física que não sabe dançar, mas precisa ensinar dança, em suas aulas, na escola e necessita do básico, por que o mesmo não deveria ocorrer com professor

dominando o básico na natação? No caso da dança, eu não estaria em frente aos meus alunos sem o conhecimento prático básico e porque eu estaria com uma turma de natação sem dominar a respiração, o equilíbrio e a propulsão?

O saber ensinar e o saber fazer perpassam por esses pontos descritos há pouco, bem como através da relação entre o conhecimento teórico e prático do professor de educação física/natação. Em sua prática docente, tendo como objetivo a construção do conhecimento, vemos como necessário o equilíbrio entre esses saberes.

Neste contexto, o professor é o facilitador de uma aprendizagem e sem professor não existe ensino. Não é cansativo lembrar que o papel do professor de educação física não deve se restringir a organizar e fundamentar os conteúdos das práticas corporais, criar e desenvolver estratégias de ensino, ministrar aulas, muito menos, ensinar técnicas específicas ou de controle de peso, mas acima de tudo, educar (LÜDORF, 2009, p.108).

Já para o professor 02:

[...] ele tem que minimamente dominar isso aí. Dominar esses fundamentos... Olhe os fundamentos da natação, o que é equilíbrio, flutuação e propulsão, ele tem que dominar isso aqui, dominar os fundamentos da natação. Se ele não dominar os fundamentos da natação como é que ele vai ensinar?

Precisamente o que ele preconiza em sua fala é uma questão de “domínio”. Por cinco vezes, em uma curta frase, ele repete a palavra domínio, referindo-se à prática corporal com as questões didáticas, pois estão imbricadas em todo o processo ensino- aprendizagem. O que é encontrado nesta passagem é uma relação entre a prática corporal e aquilo que o professor domina como conteúdos da natação, isto é, o saber fazer e o saber ensinar.

Segundo Darido (2005) o saber fazer, ao longo de sua história, priorizou os conteúdos numa dimensão quase que voltado apenas para a dimensão procedimental. Por isso, pode-se acreditar que a prática corporal, em tempos passados, foi a centralidade dos cursos de Educação Física, fundamentada no tecnicismo exacerbado. Devido a isso, o que se espera hoje do profissional é uma prática corporal distante daquele tecnicismo nos cursos de formação, mas uma aproximação com uma prática para uma formação mais humana.

Com esse entendimento, parece que o saber ensinar acompanhou o mesmo caminho do saber fazer da prática corporal nos cursos de Educação Física. Se outrora, o tecnicismo hegemônico era a centralidade nas aulas práticas do curso, pode-se deduzir que os dois saberes, aqui em discussão, convergiam para o mesmo objetivo: a reprodução de um modelo esportivo. Os fundamentos de uma disciplina prática, a partir de seus fundamentos práticos, necessitam de um domínio. Neste sentido, é o que o professor 02 traz em sua fala anterior: “se ele não dominar (os fundamentos) como haverá o ensino?”

Portanto, o professor com conhecimento da prática corporal não terá uma ferramenta a mais para seu ensino, neste caso será uma ferramenta indispensável. Este professor:

Então para você entender aquilo...então você tem que ensinar determinada coisa você tem que entender aquilo e como é que você sem compreender determinado fenômeno você vai ensinar? E a natação está para além daquilo que a gente vê dos movimentos [...] (PROFESSOR 02)

Ele reitera o que diz o professor 01 quando afirma: “você tem que entender aquilo”. O que seria esse “aquilo”? A prática corporal em questão. Sem citar um dos elementos, rapidamente ele disse que o equilíbrio e a propulsão são fundamentos e aqui ele não usa mais a palavra domínio, mas as palavras “entender” e “compreender” através da prática corporal.

Mesmo a gente que trabalha numa piscina, a gente está no processo de ensino-aprendizagem. Você está ali transmitindo o movimento, o conteúdo, a técnica para aquele aluno. Então o saber-fazer eu posso até saber... como é que eu vou desenvolver o meu conteúdo? Agora eu estarei passando aquilo ali de uma forma que é incompreensível. Já tem um abismo entre um e outro (PROFESSOR 03).

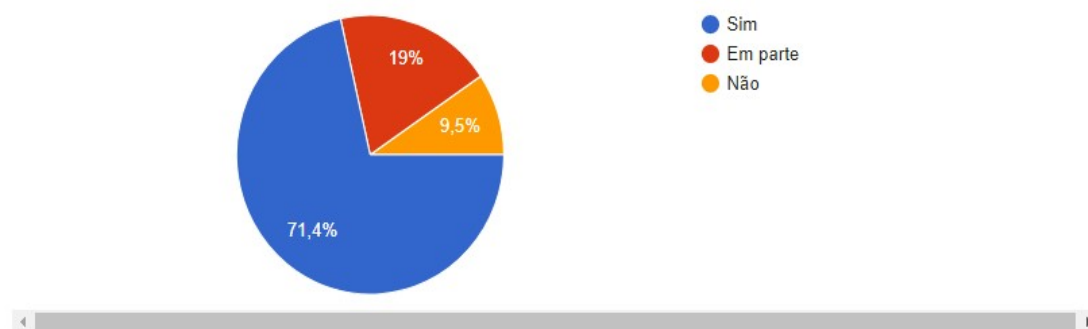
Julgamos ser essa, a fala acima, a mais difícil de nossas análises. O professor, em sua fala aqui transcrita, utiliza a expressão “transmitir” como “construir”, referindo-se ao processo ensino-aprendizagem. Em sua experiência, envolvendo a “transmissão” de seu conhecimento aos alunos, ele faz uma separação entre o “saber” e o “fazer”, apontando que, se ele somente “sabe”, como é que ele vai desenvolver o conteúdo, já que ele está distante do “fazer”, referindo-se a um abismo nesta situação. Ou seja, ele tem o “saber”, mas sem poder demonstrar o seu “fazer”.

Concernente aos alunos, a pergunta que foi feita a seguir, aparentemente, não teria aproximações com esta unidade por não ter sido perguntado, inicialmente, sobre um professor da disciplina de natação, mas sim um professor de educação física. Mas, um professor de natação não é um professor de educação física?

Para estar ministrando aulas de natação é necessária a formação em nível superior, que por consequência abrange esta prática, pois os professores de educação física ao concluírem seu curso terão uma gama de conhecimentos oriundos de toda a construção acadêmica com os saberes pedagógicos mencionados em (TARDIF, 2014; GUIMARÃES, 2004).

Mas, os alunos do curso saem com uma prática corporal básica ou mínima para o mercado de trabalho e, neste contexto, qual seria a condição mínima da prática corporal, do saber fazer, para esse profissional? Neste sentido, foi feita a pergunta se um professor de educação física deveria saber nadar.

Gráfico 8 – Questionário Eletrônico



Fonte: *google forms*.

Do total, 71,4% dos alunos afirmaram que um professor de educação física deve saber nadar, 19% responderam que em parte o professor deve saber nadar e apenas 9,5% disseram que um professor de educação física não necessita saber nadar.

Apenas 9,5% dos alunos acham que um professor de educação física não necessite nadar. Essa resposta tem uma relação direta com o próprio professor da

disciplina, mesmo que os alunos (minoria) que responderam ao questionário provavelmente não percebessem essa associação.

Enfim, nesta unidade de contexto, a maioria dos alunos responderam ao questionário no mesmo sentido dos professores.

A última unidade de contexto analisada foi: experiência do aluno da graduação durante a disciplina. Esta análise aponta para as experimentações em todas as atividades oferecidas na disciplina.

Entendemos que o aluno da graduação poderá ingressar no curso de Educação Física sem essa prática corporal, todavia, durante a disciplina, o professor poderá oportunizar momentos para que todos os alunos possam dominar o ato de nadar, de forma que todos passem por sua disciplina com as habilidades aquáticas básicas, como já discutidas anteriormente.

Perguntamos aos professores e aos alunos, respectivamente, duas questões semelhantes. Se existiria um tempo extracurricular durante a formação para aqueles alunos com dificuldade de aprendizagem em natação e a outra foi relacionada à oportunidade, ou não, para aluno que não sabe nadar aprender durante o curso de Educação Física.

Iniciando pelos professores, dois deles responderam que sim: “Existe. Não sob a minha supervisão, pois existem projetos de natação que os alunos podem participar. Existem vários projetos gratuitos que os alunos podem fazer”. (PROFESSOR 01) e “Existem os projetos de extensão”. (PROFESSOR 02)

O outro professor relatou a inexistência da oportunidade de os alunos praticarem a natação em um horário extracurricular, obviamente para aqueles que se interessassem: “Deveria ter aula de férias, aula de verão, mas não tem... Mas também eles não procuram, se fosse ofertada eles, eles não vão atrás.” (PROFESSOR 03).

Talvez esses alunos (conferir gráfico mais adiante), ainda não conheçam a extensão universitária e o direito de se mobilizar no sentido de conquistarem um espaço para a prática, como é oferecido na universidade do professor 02, principalmente para aqueles alunos que têm dificuldade com essa prática.

Foi também indagado aos professores quais eram as dificuldades enfrentadas pelos alunos na disciplina. Houve a preocupação com a questão da qualidade da aula e também em não excluir nenhum aluno:

As dificuldades que sempre vão existir são aquelas pessoas que tiveram experiências negativas com a água, você tem que ter um olhar melhor. [...] Você conseguir propor uma prática para aqueles que têm uma experiência negativa e todos consigam de forma a ficar satisfeitos com que está sendo proposto. Eu acho que isso é importante para que nenhum aluno se sinta excluído. Pelo menos com as propostas práticas (PROFESSOR 01).

Além desse olhar pedagógico, percebemos o sentido “de pelo menos as propostas práticas”, dando a entender que houve uma aproximação maior nestes encontros, provavelmente se comparado com as aulas teóricas.

O professor 02 relata as práticas dos alunos que chegam no curso sem saber nadar:

[...] a maioria dos nossos alunos são alunos da escola pública, eles chegam sem saber nadar mesmo, aí o que que acontece, aí a gente tem uma escolinha. Antes eu fazia depois da disciplina, mas agora antes da disciplina eles já estão fazendo atividades, aí ele já aprende a nadar, pelo menos eles depois que aprendem os fundamentos aí fica rapidinho o progresso fica bem rápido porque ele já venceu o medo a parte inicial sabia que você pode [...] (PROFESSOR 02).

Este professor revela a preocupação de trabalhar a adaptação ao meio líquido antes da disciplina, afirmando que o trabalho “fica bem rápido”, pois eles já venceram o “medo inicial”. Esses momentos extracurriculares são oportunidades para todos os alunos, principalmente para aqueles que têm uma experiência negativa com o meio líquido, pois além de cursarem a disciplina com mais tranquilidade parecem sair satisfeitos com o que está sendo proposto. Já os alunos do professor 03 parecem ter algumas dificuldades:

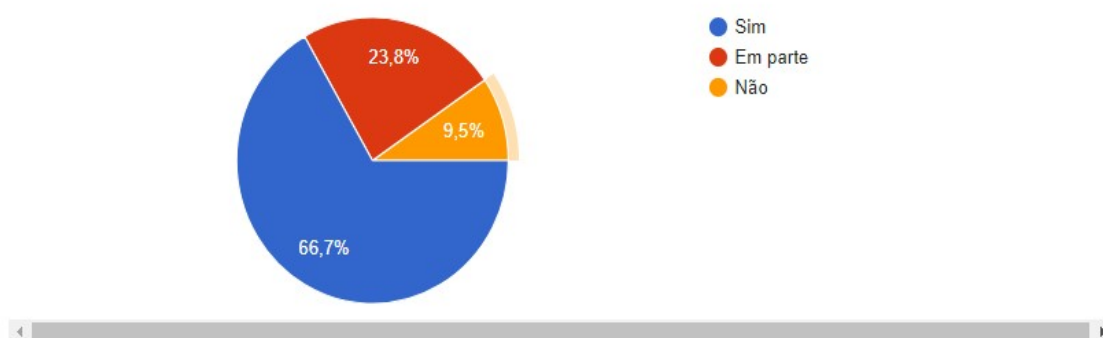
[...] eu inicio na sala de aula e depois vou para a prática, aí eu fico teórica metade da manhã e o restante na piscina porque senão fica muito monótono, você fica o dia todinho só com teórica mesmo que eu faça uma atividade (PROFESSOR 03).

Ele aborda sobre a monotonia ocorrida durante a sala de aula, mas evidentemente pode-se aplicar o conhecimento teórico fora da sala de aula, na própria piscina com a exceção de vídeos ou momentos que necessitem de um ambiente fechado e que requerem uma reflexão sem necessariamente estar na

piscina. Por exemplo, o histórico da natação que, ainda assim, poderia ser estudado também no ambiente da piscina através de uma roda de conversa e com a tentativa de trabalhar na prática os nados “primitivos”, como a “braçada dupla”, o “nado clássico” e outros (COLWIN, 2000).

Como dito no início desta unidade de contexto, a pergunta do questionário que foi feita aos alunos se assemelha a que foi feita aos professores. Perguntamos se existiria alguma oportunidade para aqueles alunos que não sabem nadar aprenderem durante o curso de Educação Física. A resposta está no gráfico abaixo:

Gráfico 9 - Questionário Eletrônico

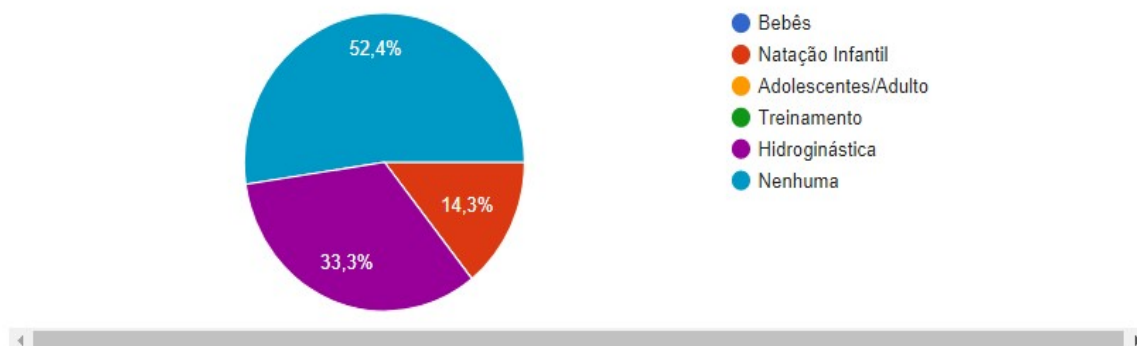


Fonte: *google forms*.

O motivo pelo qual 9,5% dos alunos responderam negativamente, é porque talvez não tenha sido ofertado aos alunos, como o professor 03 declarou. Por outro lado, é de se estranhar, pois as três instituições são públicas e normalmente oferecem cursos de extensão universitária. Os alunos que responderam “em parte” provavelmente não tinham certeza de sua resposta; e a maioria com 66,7% afirmam que existe essa oportunidade por informações ou porque já participaram como os alunos do professor 02.

O gráfico a seguir trata de outra pergunta inserida no contexto das experiências do aluno durante a disciplina, pois é a partir delas que os alunos poderiam assumir turmas desenvolvendo o saber fazer e o saber ensinar. A pergunta foi para saber qual turma os alunos assumiriam mesmo que eles não soubessem nadar.

Gráfico 10 – Questionário Eletrônico



Fonte: *google forms*.

Tivemos dificuldades de encontrar qual resposta do maior percentual, pois as respostas para “nenhuma” e “natação para bebês” estavam com duas cores azuis, sendo uma das cores levemente mais escura do que a outra. As cores do gráfico são geradas automaticamente pelo *Google forms*. Daí, tivemos que ir até as respostas individuais e confirmar que a resposta para “nenhuma turma” foi a que a maioria dos alunos escolheu, com 52,4%.

Será que por questões de falta de coerência, questões éticas ou mesmo de segurança, esses alunos não assumiriam nenhuma turma para ministrar aulas de natação sem saber nadar? As outras opções que ficaram sem escolhas como respostas foram: natação para bebês; adolescentes/adultos e treinamento.

Os 33,3% de alunos que assumiriam uma turma de hidroginástica mesmo sem saber nadar, talvez o fizessem por terem uma impressão de segurança gerada pela verticalidade dos alunos na parte rasa (geralmente) da piscina. Isso não ocorre com a natação devido a posição do corpo na água e dinâmicas diferentes durante as aulas:

Em virtude da posição verticalizada, diferentemente da natação, pessoas que apresentam medo costumam adaptar-se bem à hidroginástica. Esta característica favorece também a melhoria da postura, da marcha e da percepção corporal, já que, imerso, o indivíduo deverá estar mais atento à autocorreção, contribuindo para maior autonomia (PAULA E PAULA, 1998, p. 24).

Os que assumiriam uma turma de natação mesmo sem saber nadar (14,3%) optaram pelas turmas de natação infantil. Talvez os alunos podem ter escolhido essa resposta porque a natação infantil geralmente é ministrada em piscinas rasas, embora, ao nosso ver, isso não se justifique.

O valor percentual de 14,3% coincide com outra resposta encontrada em outro gráfico representando alunos que assumiriam uma turma de natação infantil mesmo sem saber nadar, respondida em outra unidade de contexto anteriormente apresentada.

Poder-se-ia indagar a outros alunos que estão saindo do ensino superior se eles teriam a mesma ideia sobre esse assunto ou até mesmo aqueles que já atuam nas escolas de natação. Isso pode servir como sugestão de pesquisa de campo entre professores da disciplina, alunos e outros profissionais da área, levantando questões sobre o saber fazer e o saber ensinar.

Neste sentido, ao assumir uma turma de natação, o profissional de educação física cuidará do saber ensinar, envolvendo aspectos didáticos e do saber fazer no sentido pedagógico, como visto em Tardif (2014) bem como o saber fazer da prática corporal.

Portanto, baseando-se nas respostas dos alunos, na entrevista com os professores e nos pressupostos de Accioly (1991) e Salles (2010) sobre o ensino, em escolas de natação ou em outro local, observamos que o saber fazer da prática corporal não poderá ser negligenciado durante a graduação, caso contrário acreditamos que existirá uma lacuna na formação profissional.

Neste sentido, fazendo aproximações entre o saber fazer da prática corporal e o saber fazer pedagógico, esta última premissa entra em acordo com o pensamento de Pimenta (1999) que discute os saberes pedagógicos no contexto da formação de professores, e preconiza que o futuro profissional não pode construir seu saber fazer senão, unicamente, a partir de seu próprio fazer. Ou seja, se o saber fazer pedagógico é construído com a prática que se aproxima do saber da experiência, da mesma forma ocorre com o saber fazer da prática corporal.

Esses saberes desenvolvem-se de forma simultânea e dependente, no caso do ensino da natação, ou até mesmo de qualquer outra disciplina prática do curso de Educação Física.

Com o fim das análises do campo, através dos dados dos planos de ensino, a fala dos professores e os questionários aplicados aos alunos, concluímos mais uma

etapa da pesquisa que aponta para alguns elementos de discussão convergentes com a literatura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As respostas do campo desta pesquisa mostram-nos perspectivas as quais se diferenciam devido às fontes de coleta (planos de ensino, entrevista e questionário), mas ao mesmo tempo se relacionam por meio de seus resultados. A análise sobre os documentos, sobre as entrevistas com os professores, o questionário com os alunos apontam a prática corporal como parte essencial do conteúdo da disciplina natação, e o abandono ao tecnicismo exacerbado.

Percebemos que a prática corporal foi tratada como parte dos conteúdos dos planos de ensino, apesar de, a priori, ser um termo que não está muito associado ao vocabulário da área da natação. Pudemos verificar isso ao longo das análises das ementas, objetivos, conteúdos programáticos e avaliação. Neste contexto, nenhum dos professores, em suas falas, cita a expressão prática corporal, contudo sem essa prática, a disciplina transformar-se-ia em uma disciplina com reflexões e construções apenas no nível teórico.

Em todas as atividades que foram realizadas na piscina, desde a adaptação, o ensino dos nados, salvamento aquático e outros conteúdos práticos, percebemos a prática corporal como sendo a centralidade das aulas práticas, desde as primeiras aulas e, inclusive, em uma das avaliações.

A prática corporal da natação foi mencionada indiretamente quando se falava do ensino dos quatro nados, enquanto a prática corporal do nadar ou do ato de nadar está ligada à perspectiva do nado reboque ou nado utilitário, quando foi mencionado momentos no campo e se falou da importância de um professor de natação saber nadar.

Com base na literatura exposta no referencial teórico, tanto o nadar como a natação esportiva podem ser consideradas práticas corporais, pois não estão associados ao biologicismo e estão inseridos, de alguma forma, a uma cultura. Entendemos também que o termo práticas corporais está conceituado epistemologicamente a definições que se encaixam na área de conhecimento educação física e, por consequência, envolve a natação.

Quando a prática corporal é discutida no nível acadêmico, encontramos publicações como a de Lazzarotti, Silva e Pires (2013) embora até então não parecesse haver alguma referência na literatura discutindo a prática corporal e a disciplina natação nas IES.

Pelo que foi dito pelos professores, o aluno realizou a prática corporal da natação, mas não de forma isolada, ou seja, a prática pela prática. Percebemos atividades contextualizadas com seu sentido e significado do movimento. Em algumas passagens, entendemos que o mais importante não é a técnica do nado, mas sim o porquê daquele movimento.

O lúdico foi mencionado como um conhecimento importante para o graduando, pois ele está associado também ao lazer, portanto o profissional de educação física poderá estar apto a trabalhar também nessa perspectiva.

Quando foi analisada a unidade de contexto avaliação, o que foi encontrado faz oposição ao trabalho de Accioly (1991) e Salles (2010). Esses autores sugerem avaliar o desempenho aquático dos alunos de um curso superior de educação física, sem exigir a técnica dos quatro nados. Neste sentido, nenhuma avaliação foi encontrada nos planos de curso ou nas falas, apontando para um desempenho aquático, mesmo que fosse algo parecido com as modalidades aquáticas básicas ou essenciais.

Neste ponto, observamos que apenas um professor atribuiu uma atividade prática com peso de nota em 30% do total de uma das unidades. Estavam implícitos, nesta atividade, algum ou todos os nados oficiais da natação, entretanto não se pôde perceber a distância que foi realizada aquela atividade, embora esses alunos, segundo o professor, realizavam as atividades da disciplina em piscina funda, o que passa a impressão de que eles já haviam dominado a sustentação no momento da atividade. Esse professor já conduzia os alunos que vinham da escola pública sem saber nadar facilitando seu trabalho, pois não era preciso usar muito tempo da aula ensinando os alunos a nadar, visto que esses já tinham passado pela extensão universitária.

Uma iniciativa que pode ajudar os alunos neste sentido é aproximar ou vinculá-los a algum curso como a extensão universitária para, no mínimo, passarem pela adaptação ao meio líquido.

Um dos professores mencionou a ideia de talvez mudar de avaliação em outra unidade. Uma mudança, mas para que tipo de avaliação prática? Ele não menciona qual seria a avaliação pretendida. O que percebemos é que os alunos poderiam passar pela disciplina sem saber a prática da natação ou até mesmo do ato de nadar.

A maioria dos alunos, com o percentual de 61,9%, concordou em serem avaliados em um sentido de desempenho aquático, além daqueles que responderam “em parte” com 33,3% por não ficar nítida a opção do que seria este desempenho, se poderia ser através dos quatro nados ou dos conteúdos que envolvem adaptação ao meio líquido.

As competências e as habilidades, ao longo das entrevistas, foram mencionadas em nível cognoscente referentes aos conteúdos da disciplina e, também, da prática corporal, dominando o meio líquido de alguma maneira, mesmo sem ser com um dos quatro nados.

Em algumas falas dos professores, encontramos a expressão experienciar, que parece indicar que o mais importante para o aluno, em sua prática corporal, é a sua experiência. É a vivência no meio líquido. Mas experienciar em que nível? O tentar flutuar já é uma experiência. Mas é o suficiente? Qual seria a mensuração? A experiência de ir para o fundo da piscina sem o domínio da autossustentação, Fontes, Rodrigues e Gonçalves (2013), ou seja, sem a capacidade do corpo se manter flutuando com o auxílio do movimento dos membros, seria suficiente para adquirir uma satisfação entre o professor da disciplina e o graduando? Neste sentido, continuamos a acreditar que sem haver uma mensuração das atividades práticas, neste sentido, provavelmente poderá haver uma falha na formação.

Os alunos responderam, em sua maioria, (81%) que um professor de natação deveria saber nadar para ensinar a natação infantil/bebês. A mesma pergunta em relação aos adultos/adolescentes apresentou um resultado em 71,4%; e concernente à questão do saber nadar e socorrer uma vítima de afogamento, 95,2%. Concordamos com a opinião dos alunos, neste ponto, por uma questão de coerência e de segurança para o próprio professor e para os alunos.

Já de forma invertida, a maioria dos alunos, com 52,4%, respondeu que não assumiriam nenhuma turma para ministrar aulas de natação sem saber nadar. O que isso representa? Acreditamos que não podemos considerar a resposta dos alunos como sendo de senso comum, pois estes já estão apreendendo conhecimentos que os habilitam, de certa forma, a ter uma opinião mais crítica e científica acerca desses assuntos.

Outro ponto destacado nas fala dos professores, que está em harmonia com as respostas acima do questionário enviado aos alunos, foi concernente à unidade de contexto salvamento aquático. Os professores também afirmam,

categoricamente, que um professor de natação deve saber socorrer uma vítima de afogamento.

Percebemos que o saber ensinar e o saber fazer proporcionam fundamentos para a prática pedagógica na disciplina natação ou para qualquer outra disciplina prática do curso de Educação Física. Contudo, esses saberes incorporados à prática corporal do saber nadar proporcionará uma segurança pedagógica para o futuro docente, em suas aluas, além do aumento de segurança de vida para si e para seus alunos.

Com esses pressupostos, podemos entender que a prática corporal da natação, em seu sentido mais tecnicista, não foi a centralidade ou a preocupação dos professores, tendo em vista a formação humanista e o momento histórico em que vivemos na educação física. Por outro lado, o ato de nadar para salvar uma vítima de afogamento ou para ministrar aulas de natação para bebês, crianças, adolescentes, adultos (inclua-se por dedução os idosos) aponta novamente para o trabalho de Accioly (1991) a qual preconiza que professores de natação devem ter o domínio das habilidades aquáticas essenciais até a *práxis* aquática.

O que temos então? Professores que não realizaram nenhuma avaliação de desempenho aquático, afastando-se do teste das habilidades aquáticas, tornando, assim, um critério desvanecido, talvez por soar como algo retrógrado, por avaliar o desempenho humano ainda que elementar, aprovando, assim, alunos que não têm o domínio do meio líquido. Sendo assim, o professor, tendo o domínio do conhecimento da prática corporal, não terá uma ferramenta a mais para seu ensino, mas possuirá uma ferramenta indispensável para suas aluas.

Reconhecemos a limitação desse estudo no sentido de uma abrangência maior em relação aos alunos do oitavo período, bem como entrevistas e não apenas questionários. Estamos cientes de que não abordamos com mais profundidade a didática, a metodologia de ensino, a pedagogia e outros aspectos da natação por uma questão de foco da pesquisa. Reconhecemos o quão importante é cada área na formação universitária.

Compreendemos como fundamental a reflexão dos pressupostos discutidos nesse trabalho para a comunidade acadêmica, tendo em vista que, em meio aos avanços das ciências humanas em nossa área, poderíamos estar formando profissionais sem as habilidades aquáticas básicas da natação no curso de Educação Física.

Portanto, longe de ser a última palavra, mas preocupados com a formação de professores, reiteramos a importância do saber ensinar sem, contudo, ignorar o saber fazer da prática corporal.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, M.M.S. **Habilidades Aquáticas Essenciais ao Futuro Professor de natação**: Proposta de Avaliação. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- ANDRIES JÚNIOR, Orival. **Nadar: modo de ver e viver a água**. 1998.112f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP.1998. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/274811>. Acesso em: 25 março. 2020.
- ANDRIES JÚNIOR, Orival; BOLONHINI, Larissa Zink. Adaptação ao meio líquido: uma proposta de avaliação para a natação. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 10, n. 15, jul/dez 2009. ISSN 1679-8678.
- ANTONIO, dos Santos *et al.* **Coletânea de Manuais Técnicos de Bombeiros**: Manual de Salvamento aquático. São Paulo: Corpo de Bombeiros da Polícia Militar do Estado de São Paulo. 2006. Disponível em: <https://www.bombeiros.com.br/imagens/manuais/manual-09.pdf>. Acesso em 05/06/2020.
- BAPTISTA, Guilherme Gonçalves; BAPTISTA, Juliana Gonçalves. **Os testes de aptidão física na educação física: da justiça como equidade ao direito à educação**. Pensar a Prática, Goiânia, v. 20, n. 1, jan/mar. 2017. ISSN 1980-6183.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BASTOS, Aloani da Silva; LEITE, Renato Antunes Teixeira. **O efeito do treinamento de natação em crianças asmáticas**. Rio de Janeiro: IBMR, 2017. Disponível em: <https://www.ibmr.br/files/tcc/o-efeito-do-treinamento-de-natacao-em-criancas-asmasticas-aloani-da-silva-bastos-e-renato-antunes-teixeira-leite.pdf>. Acesso em: 29-07-2019.
- BONACELLI, M.C.L.M. **A natação no deslizar aquático da corporeidade**. 2004. Tese. (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2004.
- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Vitória: UFES, 1997.
- BRASIL. **Lei nº 13.722, de 04 de outubro de 2018**. Torna obrigatória a capacitação em noções básicas de primeiros socorros de professores e funcionários de estabelecimentos de ensino públicos e privados de educação básica e de estabelecimentos de recreação infantil. Brasília, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13722.htm. Acesso em: 02 Jun. 2020.
- BRASIL.**Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: SEF/MEC, 1998. 126p.
- BRASIL. MEC. BNCC. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: SEE, 2017.

- CAMÕES, J. C. **O índice de aproveitamento acadêmico e sua correlação com o teste de habilidade específica**. 1988. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro. 1988.
- CAMPANIÇO, Jorge *et al.* Competência Aquática: um valor acrescentado à Educação Básica. **Motricidade**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 1-16, 2019.
- CARMO JÚNIOR, Wilson do. **Educação Física e a cultura da prática**. Motriz. Rev. educ. fis. (Online), Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 361-371, Jun. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198065742011000200015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 Março de 2020. <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p361>.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. [s.l.]: Papirus Editora, 1988.
- CATTEAU, R.; GAROFF, G. **O ensino da natação**. São Paulo: Manole, 1990.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- COLWIN, Cecil M. **Nadando para o século XXI**. [s.l.]: Manole, 2000.
- CORRÊA, C. R. F.; MASSAUD, M. G. **Natação na pré-escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
- COSTA, João Augusto Galvão Rosa; DEVIDE, Fabiano. A disciplina natação na Licenciatura em Educação Física: o discurso docente nas IES do Rio de Janeiro. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 19, n. 195, ago. 2014. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd195/a-disciplina-natacao-em-educacao-fisica.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2020.
- COUNSILMAN, James E. **A natação: ciência e técnica para a preparação de campeões**. Rio de Janeiro: Liai, 1980.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. **A psicologia na educação: dos paradigmas científicos às finalidades educacionais**. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 24, n. 2 p. 51-80, Jul. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 19 Jun. 2020.
- DAHLENBERG, I. Teoria do conceito. **Revista Ciências da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115/115>. Acesso em: 28 Mar. 2020.
- DAMASCENO, L. G. **Natação, psicomotricidade e desenvolvimento**. Campinas: Editora Autores Associados, 1997. (Coleção educação física e esportes.).
- DAOLIO, Jocimar; VELOZO, Emerson Luís. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a prática**, Paraná, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008.

DARIDO, Suraya Cristina. **Os conteúdos da Educação Física na escola**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Suraya_Darido/publication/266186057_OS_CONTEUDOS_NA_EDUCACAO_FISICA_ESCOLAR/links/55b2271108ae9289a0851071.pdf. Acesso em: 25 Abr. 2020.

FERNANDES, J. R. P.; LOBO DA COSTA, P. H. Pedagogia da natação: um mergulho para além dos quatro estilos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 20, p. 5-14, 2006.

FERRAZ O.L. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade - a questão da pré-escola. **Revista Paulista de Educação Física**, [s.l.], 1996. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo3.pdf>. Acesso em: 15 maio 2020.

FERREIRA, A. B. O. **Novo dicionário**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Patrícia Vasconcellos Pires. Relações entre aprendizagem e desenvolvimento: a abordagem de Jerome Bruner. **Blog Pedagogia e Didática**. [s.l.], 2003. Disponível em: <http://pedagogiadidatica.blogspot.com/2008/11/hlstrico-da-dldtica.html>. Acesso em: 20 Abr. 2020.

FINA. Federação Internacional de Natação. **Regras oficiais de natação**. CBDA, 2017-2021.

FONTES, Patricia Neto; RODRIGUES, Celio; GONÇALVES, Franklin Francisco. O ensino da habilidade de autossustentação na água em aulas de natação. **The FIEP Bulletin**, [s.l.], v. 83, p. 394-397, 2013. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=O+ensino+da+habilidade+de+auto+sustenta+C3%A7%C3%A3o+na+agua+em+aulas+de+nata%C3%A7%C3%A3o&oq=O+ensino+da+habilidade+de+auto+sustenta%C3%A7%C3%A3o+na+agua+em+aulas+de+nata%C3%A7%C3%A3o&aqs=chrome..69i57j69i60l3.455j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 29 Jul. 2020.

FRAGA, Alex Branco. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Movimento**, (ESEFID/UFRGS), v. 2, n. 3, p. 35-41, 1995.

FREUDENHEIM A. M.; GAMA, R. I. R.; CARRACED. V. A. Fundamentos para a elaboração de programas de ensino do nadar para crianças. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [s.l.], ano 2, n. 2, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia. v. 8, n. 1, jan./jun. , p. 85-100, 2005.

GRANDO, Beleni Saléte. **Corpo, educação e cultura**: as práticas corporais e a constituição da identidade. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

GUIMARÃES, O. M de S. **Saberes docentes mobilizados na dinâmica do trabalho docente: um olhar a partir do ensino fundamental**. 2004. 167f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Educação, Recife. 2004.

HAYWOOD, Kathleen M.; GETCHELL, Nancy. **Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida**. 6ª Ed. Artmed Editora, 2016.

HEATH, Sean. **Bodies in water: Embodiment, social worlds, and fluid motion in competitive age-group swim clubs**. 2017. Doctoral thesis. Arts & Social Sciences. Department of Sociology and Anthropology. Disponível em: <https://summit.sfu.ca/item/17452>. Acesso em: 25 Ago. 2020.

LANGENDORFER, S. J. Aquatics for the young children: Facts and myths. **JOPERD**, v. 57, n. 6, p. 61-66, 1986.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. **O modus operandi do campo acadêmico-científico da educação física no Brasil**. Tese doutorado. Santa Catarina: [s.n.], 2011.

LAZZAROTTI FILHO, Ari *et al.* O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, v. 16, n. 1, p. 11-29, 2010.

LAZZAROTTI, Ari; SILVA, Ana Márcia; PIRES, Giovani de Lorenzi. Saberes e práticas corporais na formação de professores de Educação Física na modalidade a distância. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 701-715, Set. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?cript=sci_arttext&id=S0101-32892013000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2020.

LIMA W.U. **Ensinando natação**. 3. Ed. São Paulo: Phorte Editora, 2007.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Corpo e formação de professores de educação física. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 13, n. 28, p. 99-110, 2009.

MACHADO, D.C. **Natação: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995. 371 p.

MAGLISCHO, Ernest W. **Nadando ainda mais rápido**. São Paulo: Manole, 1999.

MAGLISCHO, Ernest W. **Nadando o mais rápido possível**. 3. Ed. São Paulo: Manole, 2010.

MATHIAS, Sergio Larruscaim; SAKAI, C. Utilização da Ferramenta Google Forms no Processo de Avaliação Institucional: Estudo de Caso nas Faculdades Magsul. *In: _____*. **Seminários Regionais sobre Autoavaliação Institucional e Comissões Próprias de Avaliação (CPA)?**. Brasília: [s.n.], 2013.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MELO, Marcelo Soares Tavares de. **Inovações pedagógicas no currículo dos cursos de formação de profissionais de Educação Física: contribuições teórico-metodológicas da prática pedagógica**. 2007. Tese. (Doutorado em Física) – Universidade Federal de Pernambuco, C.E. Educação, Recife, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MINAYO, M. C. DE S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 5. Ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

MORETTI, Andrezza C. et al. Práticas corporais/atividade física e políticas públicas de promoção da saúde. **Saude soc.**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 346-354, Jun. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000200017&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 Ago. 2020.

OLIVEIRA, Rodrigo Falcão Cabral de. **O ensino do esporte no programa inspiração internacional: contribuições teórico-metodológicas a partir da educação intercultural das escolas inglesas.** 2017. Tese (Doutorado em Física) – UPE. ESEF. Recife, 2017.

OLIVEIRA, Rodrigo Falcão Cabral de. **O ensino do esporte a partir do Programa Inspiração Internacional: um intercâmbio Brasil e Inglaterra.** 2013. Dissertação. (Mestrado em Física) – UPE, ESEF, Recife, 2013.

PAIVA, Cássia Alves; SOUZA, Luciane Soares de; OLIVEIRA, Nara Regane Cruz de. Plano de Ensino para natação na Escola: construção através do planejamento coletivo do trabalho pedagógico. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 12, p. 133-144, jan. 1999. ISSN 2175-8042.

PALACIOS, Pepe. **Pernada em tesoura: é o melhor ao guarda-vidas no resgate?** 2019. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=105&v=3gSw1e9Vg&feature=emb_logo. Acesso em: 10 Maio 2020.

PASQUALI, Dennia; PEREIRA FURTADO, Roberto; LAZZAROTTI FILHO, Ari. Formação de professores na modalidade a distância: perfil dos egressos, permanência e saberes em um curso de Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 53, p. 164-180, Abr. 2018. ISSN 2175-8042. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2018v30n53p164/36358>. Acesso em: 26 jun. 2020.

PAULA, Karla Campos de; PAULA, Débora Campos de. Hidroginástica Na Terceira Idade. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 4, n 1, Jan/Fev 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbme/v4n1/a07v4n1.pdf>. Acesso em: 19 Abr. 2020.

PEREIRA, Mauricio Duran *et al.* **O mundo fantasia e o meio líquido: o processo de ensino-aprendizagem da natação e sua relação com o faz-de-conta, através de aulas temáticas.** 2001. Dissertação. (Mestrado). UNICAMP, Campinas, 2001. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/275459/1/Pereira_MauricioDuran_M.pdf. Acesso em: 20 Jun. 2020.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 1999.

PINTO, Fábio Machado; BASSANI, Jaison José; VAZ, Alexandre Fernandez. Sentidos das práticas corporais fora da escola para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 34, n. 4, p. 909-923, Dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892012000400008&lng=en&nrm=iso. Acesso em :16 Maio 2020.

PRADO, Margareth Simone Marques. **Psicologia da educação**. Bahia: SEAD-UFRB, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/205425/1/Livro%20Psicologia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20I.pdf>. Acesso em: 19 Jun. 2020.

PRIBERAM. **Dicionário Eletrônico**. 2020. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 25 Maio 2020.

RANGEL, Mary; MOCARZEL, Marcelo Siqueira Maia Vinagre; PIMENTA, Maria de Fatima Barros. A trajetória das competências e habilidades em educação no Brasil: das avaliações em larga escala para as salas de aula. **Revista Meta**, v. 8, n. 22, p. 29-47, 2016. Acesso em 22-05-2020. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/951/pdf1>. Aceso em: 20 Mar. 2020.

RAPOSO, Antônio Jacinto Vasconcelos. **O ensino da natação**. 2. Ed. Lisboa: ISEF, 1981.

REIS, Jayme Werner dos. **A natação na sua expressão psicomotriz**. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1982.

RODRIGUES, Taline; DE SOUZA, Adílio Junior. Uma análise comparativa entre o “Ensaio sobre a cegueira” de Saramago e o “Mito da caverna” de Platão. **Revista do GELNE**, v. 20, n. 2, p. 165-176, 2018.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. **Revista diálogo educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

SALLES, Paulo Gil. As habilidades aquáticas básicas de alunos de um curso superior de Educação Física. **Revista UNIABEU**, Belford Roxo, v.1, n.5 Set. /Dez. 2010.

SANTANA, Vanessa Helena. **Nadar com segurança**. [s.l.]: Editora Manole Ltda, 2003.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. 2ª Ed. [s.l.]: Editora Unljuí, 2003.

SANTOS JÚNIOR, Joel Moraes *et al.* Nado submerso ondulatório: uma visão sobre o quinto nado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 19, n. 1, p. 100-107, 2011.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Ana Marcia. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em movimento**, v. 10, n. 1, p. 5-20, 2014. Disponível em: https://scholar.google.com/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=ENTRE+O+CORPO+E+AS+PR%C3%81TICAS+S+CORPORAIS&btnG=. Acesso em: 03 Maio 2020.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. Práticas Corporais. **Nauemblu Ciência & Arte**, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume1.pdf>. Acesso em: 03 Maio 2020.

SZPILMAN, David. Afogamento. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 6, n. 4, Jul/Ago 2000. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbme/v6n4/a05v6n4.pdf>. Acesso em: 05 Jun. 2020.

SZPILMAN, David. **Afogamentos**: Curso de Emergência Aquática. [s.l.]: Sociedade Brasileira de Salvamento aquático (SOBRASA), 2019. Disponível em: http://www.sobrasa.org/newsobrasa/arquivos/baixar/Manual_de_emergencias_aquaticas.pdf. Acesso em: 05 Jun. 2020.

SOUZA JÚNIOR, M.; MELO, M.; SANTIAGO, M. A análise de conteúdo como forma de tratamento dos dados numa pesquisa qualitativa em Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 31-49, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11546/10008>. Acesso em : 25 maio 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TENÓRIO, Kadja Michele Ramos et al. Propostas curriculares para Educação Física em Pernambuco: entendimentos acerca do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Recife, v. 37, n. 3, p. 280-288, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n3/0101-3289-rbce-37-03-0280.pdf>. Acesso em 25 Maio 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. Natação segundo a psicomotricidade. In: **__ Natação segundo a psicomotricidade**. 1994. p. 266-266.

XAVIER FILHO, Ernani *et al.* **Aquisição da competência aquática em escolares: Uma intervenção pedagógica**. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/117074>. Acesso em : 24 Jun. 2020.

ZIMMERMANN, André Dantas. **Manual de Primeiros Socorros para a Comunidade**. Revisão de Regina Carvalho. Salvador: Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, 2009. Disponível em: <http://www.bahiana.edu.br/cms/Uploads/ManualPrimeirosSocorrosBAHIANA.pdf>. Acesso em: 31 Maio 2020.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada com os professores.

Universidade de Pernambuco - Universidade federal da Paraíba

Programa Associado De Pós-Graduação em Educação Física UPE – UFPB

Aluno: Marcelo Sant'Ana de Farias

Área de concentração: Cultura Educação e Movimento Humano

Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação Física

Orientador: Marcelo Tavares Soares de Melo

Assunto: Entrevista

Introdução: as respostas deste vai subsidiar a pesquisa: **A prática corporal na disciplina atividades aquáticas, nas universidades públicas da cidade do Recife-PE.** Portanto o resultado desta entrevista contribuirá para a qualidade do projeto em voga.

Entrevista a ser realizada com os professores da disciplina atividades aquáticas das universidades públicas do Recife-PE

1 - Informações gerais:

Nome: _____

Formação acadêmica: _____

Semestre letivo: _____

Ano de conclusão do curso de graduação: _____

Ano de conclusão da pós-graduação: especialização () mestrado() doutorado () pós-doutorado ()

Instituição: _____

2 - Atuação profissional _____

Anos de exercício como professor _____

Disciplina que leciona _____

Total de carga horária para _____

Carga horária total para instituição _____

Informações complementares _____

3 - Roteiro para da entrevista com os professores:

3.1 Qual a diferença entre nadar e natação? Conceitue ambos.

3.2 Você sabe nadar?

3.3 Durante a sua formação, você aprendeu a nadar ou já sabia nadar?

3.4 Você acha que um professor de Educação Física precisa saber nadar para ensinar?

3.5 Para o ensino da natação, em geral, você acha que um professor teria que saber os quatro nados com as suas respectivas saídas e viradas? Por quê?

3.6 Haveria a necessidade de o professor ter o mesmo de nível de conhecimento para ensinar na natação infantil?

3.7 Como você administra as aulas na piscina para o aluno que não sabe nadar?

3.8 Quais deverão ser as competências e habilidades de um professor de natação para o ensino superior?

3.9 Um professor de natação deve saber como salvar uma vítima de afogamento?

3.10 Em sua opinião, no contexto dessa disciplina, o que é o saber fazer e o saber ensinar?

3.11 O saber fazer influencia o saber ensinar do futuro profissional?

3.12 Se você não soubesse nadar, assumiria alguma turma de natação? Por quê?

3.13 Você exige que o aluno esteja na piscina durante as aulas práticas?

3.14 O aluno pode ser aprovado em sua disciplina, mesmo sem saber nadar?

3.15 Como são distribuídos os pesos (ou critérios) das atividades avaliativas durante o semestre?

3.16 Quais são as dificuldades encontradas junto aos alunos quando da regência, tanto das aulas teóricas como práticas?

3.17 Existe um tempo extracurricular durante a formação para aqueles alunos, com dificuldade de aprendizagem, exercitarem?

3.18 Como você trata o tempo pedagógico durante as aprendizagens na disciplina junto aos alunos?

APÊNDICE B – Questionário para os alunos

QUESTIONÁRIO

Universidade de Pernambuco - Universidade federal da Paraíba

Programa Associado De Pós-Graduação em Educação Física UPE - UFPB

Aluno: Marcelo Sant'Ana de Farias

Área de concentração: Cultura Educação e Movimento Humano

Linha de Pesquisa: Prática Pedagógica e Formação Profissional em Educação

Física Orientador: Marcelo Tavares Soares de Melo

Assunto: Questionário

Questionário eletrônico a ser construído com base nas perguntas aqui descritas para serem respondidas pelos alunos da disciplina atividades aquáticas das universidades públicas do Recife-PE.

Fonte para a construção do questionário eletrônico:

<https://support.google.com/docs/answer/6281888?co=GENIE.Platform%3DDesktop&hl=pt-BR>.

1. Para você saber nadar é saber os 4 nados? Sim () Em parte () Não ()
2. Você sabe nadar? Sim () Em parte () Não ()
3. Um professor de Educação Física, deve saber nadar?
Sim () Em parte () Não ()
4. Em sua opinião, um professor de natação pode ministrar aulas para adultos ou adolescentes mesmo sem saber nadar? Sim () Em parte () Não ()
5. Você acha que um professor de natação pode ministrar aulas de natação infantil ou natação para bebês sem saber nadar? Sim () Em parte () Não ()
6. Qual turma você assumiria mesmo não sabendo nadar? Bebês () natação infantil () Adolescentes/Adultos () Treinamento () Hidroginástica () Nenhuma ()
7. Existe oportunidade para o aluno que não sabe nadar, aprender durante o curso de Educação Física? Sim () Em parte () Não ()
8. Você concorda com algum teste para avaliar o seu desempenho na piscina? Sim () Em parte () Não ()
9. Você acha que um professor de natação deve saber como salvar uma vítima de afogamento? Sim () Em parte () Não ()

APÊNDICE C – Roteiro de visitas e contatos

06/10/2019	Sondagem com o professor 01 para participar da pesquisa. Ok.
09/10/2019	Sondagem com o professor 04 para participar da pesquisa. No aguardo.
10/10/2019	Contato presencial com o professor 03 para participação na pesquisa. Ok.
11/10/2019	Contato com o professor 01, via telefone, para participar da pesquisa. Ok
25/10/2019	Nova conversa com o professor 04.
23/11/2019	Contato com o professor 03, via telefone, para acertar o dia da entrevista.
26/11/2019	Questionário eletrônico enviado para os alunos do professor 03.
27/11/2019	Contato com o professor 03 via Whatsapp.
10/12/2019	Questionário eletrônico enviado para os alunos do professor 01.
27/11/2019	Realização da entrevista semiestruturada com o professor 01.
28/11/2019	Encontro marcado e não realizado com o professor 03.
29/11/2019	Impossibilidade do professor 03 ir ao encontro marcado.
10/12/2019	Questionário eletrônico enviado para os alunos do professor 02.
23/12/2020	Resposta negativa do professor 04 para a entrevista.
29/11/2019	Realização da entrevista semiestruturada com o professor 02.
09/01/2020	Entrevista realizada com o professor 03.



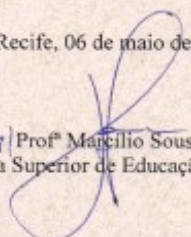
APÊNDICE D- Indicadores para a análise de conteúdo

Elemento central	Analisar a prática corporal na disciplina atividades aquáticas, nos cursos de Educação Física das universidades públicas da cidade do Recife.
Operacionalização	Como a prática corporal na disciplina atividades aquáticas contribui para a formação dos professores de Educação Física.
Categorias analíticas	Saberes pedagógicos, natação, prática corporal, formação profissional.
Categorias empíricas	Ensino, natação, técnica, experiências.
Pontos para orientar a investigação	Verificar como ocorre o processo ensino-aprendizagem da disciplina atividades aquáticas. Investigar como os planos de ensino dos professores da disciplina atividades aquáticas, relacionam a prática corporal na disciplina com o saber fazer e o saber ensinar. Identificar quais os conhecimentos que o professor da disciplina atividades aquáticas trata durante o semestre.

APÊNDICE E - Quadro para análise de conteúdo das entrevistas e documentos, com legendas para análise de conteúdo

CATEGORIAS EMPÍRICAS		
Sujeitos: professores		
Documentos: planos de ensino da disciplina natação		
ENSINO		
Unidade de contexto	Unidades de registro	Legenda
Contribuição da disciplina na formação profissional	Ementa, objetivos, metodologias da disciplina	Realce verde + letra branca
	Conteúdos programáticos	Realce verde + letra laranja
	Avaliação da disciplina	Realce verde + letra amarela
	Competências e habilidades do professor da disciplina	Realce verde + letra azul claro negrito.
	Natação infantil	REALCE VERDE + LETRA BRANCA NEG. C. ALTA
NATAÇÃO		
Unidade de contexto	Unidades de registro	Legenda
Aproximações e distanciamentos com a natação	Alunos que não sabem nadar	
	Quatro nados ou quatro estilos	Realce violeta + letra verde negrito
TÉCNICA		
Unidade de contexto	Unidades de registro	Legenda
Execução de movimentos característicos na água	Excelência na execução dos movimentos	Realce violeta + letra amarela
	Salvamento aquático	Realce Violeta + azul claro
EXPERIÊNCIAS		
Unidade de contexto	Unidades de registro	Legenda
Experiências vividas ou evidenciadas por professores e alunos da disciplina	Experiência do professor da disciplina	Realce amarelo + letra preta negrito
	Experiência do aluno durante a disciplina	Realce amarelo + letra verde

ANEXO A - Carta de anuência – ESEF- UPE

	
<p align="center">PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB</p>	
<p align="center">CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA CURSO RECONHECIDO PELA CAPES HOMOLOGADO PELO CNE ATRAVÉS DA PORTARIA Nº. 87 (D.O.U. DE 18/01/2008)</p>	
<p align="center">CARTA DE ANUÊNCIA</p>	
<p>Aceito o estudante MARCELO SANT'ANA DE FARIAS do curso de Mestrado em Educação Física, da Universidade de Pernambuco, a desenvolver sua pesquisa intitulada "Análise da prática corporal na disciplina Natação, nos cursos de Educação Física, nas universidades públicas da cidade do Recife-PE", sob orientação do Professor Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo.</p>	
<p>Ciente dos objetivos e metodologia da pesquisa acima citadas, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que, sejam assegurados os requisitos abaixo:</p>	
<ul style="list-style-type: none"> · O cumprimento das determinações éticas da Resolução 196/96 CNS/MS, · A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, · Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa, · No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma. 	
<p align="center">Recife, 06 de maio de 2019.</p>	
<p align="center">  Prof. Marcelino Sousa Jr Diretor da Escola Superior de Educação Física – ESEF/UPE </p>	
<p align="center">Rua Amóbio Marques, 310 – Santo Amaro, Recife – PE CEP:50.100-130 – Fone: (081) 423.6433 Fax: (081) 423.6310 mestrado@esef.upe.br - www.esef.upe.br/mestrado</p>	

ANEXO B – Carta de anuência – UFPE



UNIVERSIDADE FEDERAL
DE PERNAMBUCO

Av. Prof. Moraes Rego, 1235 - Cidade Universitária, Recife - PE, 50670-901

CARTA DE ANUÊNCIA COM AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador Marcelo Sant'Ana de Farias,, a desenvolver o seu projeto de pesquisa "Análise da prática corporal na disciplina atividades aquáticas nos cursos de educação física nas universidades públicas da cidade do Recife-PE", que está sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, cujo objetivo é analisar a prática corporal durante o processo ensino aprendizagem da disciplina atividades aquáticas dos cursos de educação física nas universidades públicas na cidade do Recife-PE, nesta Instituição, bem como cederemos o acesso aos dados de material didático pedagógico para serem utilizados na referida pesquisa.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos da Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se o/a mesmo/a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Recife, em 02 / 08/ 2019

Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl



Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl
Chefe do Depto. de Educação Física
SIAPE: 1771376

ANEXO C- Carta de anuência – UFRPE



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO

Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n - Dois Irmãos, Recife - PE, 52171-900

CARTA DE ANUÊNCIA COM AUTORIZAÇÃO PARA USO DE DADOS

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador Marcelo Sant'Ana de Farias, do Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco com a Universidade Federal da Paraíba (PAPGEF – UPE/UFPB) – Curso de Mestrado, a desenvolver o seu projeto de pesquisa “Análise da prática corporal na disciplina atividades aquáticas nos cursos de educação física nas universidades públicas da cidade do Recife-PE”, que está sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, cujo objetivo é analisar a prática corporal durante o processo ensino aprendizagem da disciplina atividades aquáticas dos cursos de educação física nas universidades públicas na cidade do Recife-PE, nesta Instituição, bem como cederemos o acesso aos dados de material didático pedagógico para serem utilizados na referida pesquisa.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do pesquisador aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde 466/12 e suas complementares, comprometendo-se o/a mesmo/a utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Recife, em 26 / 07/ 2019

Prof^a Dr^a Rosângela Cely Branco Lindoso



Rosângela Lindoso
Prof^a Dra.
Curso Lic. Em Ed. Física
UFRPE SIAPE 2936748

ANEXO D – Parecer consubstanciado do CEP – HUOC/PROCAPE

COMPLEXO HOSPITALAR
HUOC/PROCAPE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA ATIVIDADES AQUÁTICAS, NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-

Pesquisador: MARCELO SANTANA DE FARIAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 18305019.0.0000.5192

Instituição Proponente: Escola Superior de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.582.167

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto com temática sobre Com os avanços pedagógicos e a aproximação da educação física com as áreas das ciências humanas têm transformado o perfil do professor de educação física bem como do professor de natação. Durante o período esportivista que a educação física viveu (décadas entre 1970 a 1990) havia a exigência para o aluno do curso de educação física a exigência técnica dos quatro tipos de nado para poder passar pela disciplina de natação. Mudanças significativas ocorreram ao ponto de Sales (2010) preconizar que as habilidades aquáticas básicas são essenciais para um futuro professor de educação física e não somente para o professor de natação. Entende-se que o saber fazer e o saber ensinar, estão imbricados, Tardif (2014), entretanto o que esse saber fazer a barca e o que vou saber ensinar inclui? Este estudo até então bibliográfico encontra na literatura respostas que indicam ainda a importância da prática corporal, como uma das condições fundamentais para o futuro professor de natação. O presente trabalho de natureza pedagógica, terá uma abordagem qualitativo-descritiva e caracterizada como bibliográfica, documental e de campo, a ser realizada nas universidades públicas da cidade do Recife-PE.

Endereço: Rua Amóbio Marques, 310
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-130
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep_huoc.procape@upe.br

COMPLEXO HOSPITALAR
HUOC/PROCAPE



Continuação do Parecer: 3.582.167

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como os professores e alunos relacionam com a prática corporal na disciplina na perspectiva entre o saber fazer e o saber ensinar.

Objetivo Secundário: Avaliar como os professores tratam dos objetivos contidos nos planos de curso relaciona com a prática corporal na perspectiva de uma natação entre o saber fazer e o saber ensinar

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

De acordo com a resolução 466/12, toda pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, em tipos e gradações variados. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. Como pesquisadores, estamos cientes da possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente. Esses danos podem ser eventual, imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Portanto, baseando-se na resolução atual que toda pesquisa envolve riscos e estes são previsíveis. Durante a entrevista poderá nos deparar com reações oriundas, desde uma pequena ansiedade até eventos de perturbações de origem emocional, intelectual e psicológica, como por exemplo: possibilidade de constrangimento ou alterações no comportamento ao responder uma entrevista gravada; desconforto momentâneo; medo; vergonha; estresse e cansaço ao responder às perguntas. Ocorrendo algo neste sentido, interromperemos a discretamente a entrevista, voltaremos a tratar de algo como a conversa introdutória e encerraremos a sessão. Os dados coletados até o momento só serão aproveitados após o consentimento do entrevistado. Quanto aos riscos do questionário são: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante, alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. Caso isso ocorra, trataremos de forma semelhante aos constrangimentos provocados pela entrevista. Serão usados para os entrevistados uma série de perguntas para uma entrevista semi estruturada para os professores, e para os alunos um questionário eletrônico, baseado na plataforma Google Forms. Teremos o cuidado em não expor a origem de nenhum dado, incluindo os planos de cursos dos professores. Citaremos as fontes de

Endereço: Rua Amóbio Marques, 310
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-130
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep_huoc.procape@upe.br

COMPLEXO HOSPITALAR
HUOC/PROCAPE



Continuação do Parecer: 3.582.167

forma fictícia, de modo que qualquer pessoa de posse do resultado final, não identificará a relação entre os dados e a fonte originária. Por fim, como pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicarei o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar, suspender o estudo e/ou de cuidar do entrevistado, caso necessite.

Benefícios:

Na atual conjuntura, encontramos professores de natação que não sabem nadar, pois são aprovados na disciplina específica para esse fim sem a exigência de uma avaliação prática. Para aluno do curso de educação física, e possível futuro professor de natação ou atividades aquáticas, o domínio do conhecimento teórico acerca do saber ensinar é importante, mas é essencial, dominar, no mínimo, as habilidades aquáticas básicas. Este projeto tem um cunho original, portanto reverberará para o âmbito acadêmico no mínimo um debate acerca da importância da prática corporal na formação profissional em educação física.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto não oferece óbice ético, e encontra-se em conformidade com a Resolução 466/12.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresentados atendendo o protocolo de pesquisas, em conformidade com a Resolução 466/12

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado em conformidade com a Resolução 466/12, não havendo nenhum impedimento ético, devendo o pesquisador enviar à Plataforma Brasil, relatório parcial caso durante a pesquisa for demonstrando fatos relevantes e resultados parciais de seu desenvolvimento e um relatório final após o encerramento da pesquisa, totalizando seus resultados

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado em conformidade com a Resolução 466/12, não havendo nenhum impedimento ético, devendo o pesquisador enviar à Plataforma Brasil, relatório parcial caso durante a pesquisa for demonstrando fatos relevantes e resultados parciais de seu desenvolvimento e um relatório final após o encerramento da pesquisa, totalizando seus resultados

Endereço: Rua Amóbio Marques, 310
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-130
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep_huoc.procape@upe.br

COMPLEXO HOSPITALAR
HUOC/PROCAPE



Continuação do Parecer: 3.582.167

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1403722.pdf	12/09/2019 06:46:37		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/09/2019 06:40:10	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	CartaAnuenciaAssinadaUFPE.pdf	11/09/2019 19:30:09	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	02/08/2019 00:07:30	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MARCELO_FARIAS_01_08.doc	02/08/2019 00:00:53	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	PERGUNTAS_ENTREVISTA_QUESTIONARIO.docx	31/07/2019 08:52:30	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Carta_Anuencia_Rural.pdf	30/07/2019 21:16:29	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_PROJETO.docx	30/07/2019 21:06:53	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Marcelo_Sant_Ana_de_Farias.pdf	30/07/2019 17:52:14	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Prof_Dr_Marcelo_Soares_Tavares_de_Melo.pdf	30/07/2019 17:48:44	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_PLATAFORMA_BRASIL.pdf	30/07/2019 17:18:23	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_mestrado_2019.pdf	28/07/2019 16:50:17	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Amóbio Marques, 310
Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-130
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep_huoc.procape@upe.br

COMPLEXO HOSPITALAR
HUOC/PROCAPE



Continuação do Parecer: 3.582.167

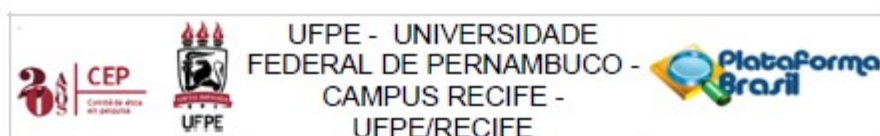
RECIFE, 18 de Setembro de 2019

Assinado por:
Magaly Bushatsky
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Amóbio Marques, 310 CEP: 50.100-130
Bairro: Santo Amaro
UF: PE Município: RECIFE
Telefone: (81)3184-1271 Fax: (81)3184-1271 E-mail: cep_huoc.procape@upe.br

Página 05 de 05

ANEXO E - Parecer consubstanciado do CEP – UFPE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA ATIVIDADES AQUÁTICAS, NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-

Pesquisador: MARCELO SANTANA DE FARIAS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 18305019.0.3001.5208

Instituição Proponente: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.617.848

Apresentação do Projeto:

O problema de pesquisa situa-se no seguinte aspecto: em que a prática corporal contribui para o saber fazer e o saber ensinar para os graduandos durante a realização da disciplina atividades aquáticas dos cursos de educação física nas universidades públicas da cidade do Recife-PE?

Objetivo da Pesquisa:

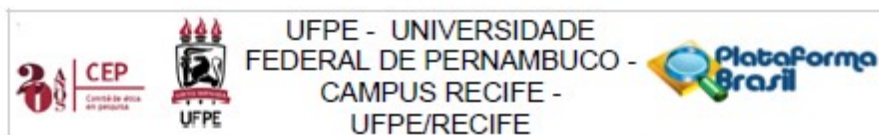
A pesquisa tem por objetivo primário analisar a prática corporal durante o processo ensino aprendizagem da disciplina atividades aquáticas dos cursos de educação física nas universidades públicas na cidade do Recife-PE.

São objetivos específicos: a) verificar como ocorre o processo ensino aprendizagem da disciplina atividades aquáticas nos cursos de educação física; b) investigar como os planos de curso dos professores dos cursos de Educação Física relacionam a prática corporal na disciplina atividades aquáticas com o saber fazer e o saber ensinar.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador informa a possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase da pesquisa ou dela decorrente. Danos esses que podem ser eventuais, imediatos ou tardios, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Portanto, durante a entrevista poderá ocorrer desde uma pequena ansiedade até

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **E-mail:** cepccc@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.617.648

eventos de perturbações de origem emocional, intelectual e psicológica, como por exemplo: possibilidade de constrangimento ou alterações no comportamento ao responder a entrevista gravada; desconforto momentâneo; medo; vergonha; estresse e cansaço ao responder às perguntas. Ocorrendo algo neste sentido, o pesquisador informa que encerrará a entrevista e os dados coletados até o momento só serão aproveitados após o consentimento do entrevistado. Os riscos do questionário estão relacionados ao cansaço ou aborrecimento ao respondê-lo; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante, alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. Caso isso ocorra, o pesquisador informa que tratará o fato de forma semelhante aos constrangimentos provocados pela entrevista. Serão usados para os entrevistados uma série de perguntas numa entrevista semiestruturada para os professores, e para os alunos um questionário eletrônico, baseado na plataforma Google Forms. Ressalta ainda que será tomado todo o cuidado em não expor a origem de nenhum dado, incluindo os planos de cursos dos professores. Por fim, o pesquisador responsável, se compromete que ao perceber qualquer risco ou dano significativo ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicará o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar, suspender o estudo e/ou de cuidar do entrevistado, caso necessite.

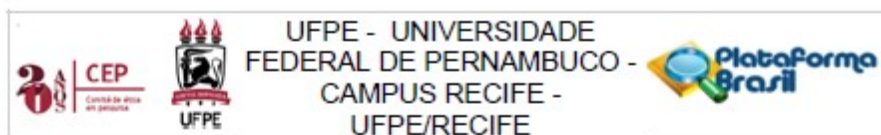
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativo-descritiva, caracterizada como bibliográfica, documental e de campo, a ser realizada nas universidades públicas da cidade do Recife-PE, a qual tomará por base o método da hermenêutica dialética, o qual permite entender a fala, o texto, a comunicação, originada como um fenômeno social sem desconsiderar seu contexto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Constam do protocolo Folha de Rosto devidamente preenchida e assinada; projeto detalhado; TCLE; cronograma; carta de anuência com autorização para uso de dados do Chefe do Departamento de Educação Física da UFPE, carta de anuência com autorização para uso de dados da UFRPE; Termo de Compromisso e Confidencialidade; declaração de vínculo com Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco (UPE) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB); modelo do roteiro para entrevista. Não foi observado o orçamento da pesquisa

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)2126-9588 E-mail: cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.617.848

Recomendações:

Rever ortografia.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Apesar da não identificação do orçamento e considerando que o referido protocolo foi aprovado pelo CEP da instituição proponente, considera-se o protocolo aprovado devendo o pesquisador em outra oportunidade incluir o orçamento da pesquisa à Plataforma Brasil.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO para iniciar a coleta de dados. Informamos que a APROVAÇÃO DEFINITIVA do projeto só será dada após o envio da Notificação com o Relatório Final da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final para enviá-lo via "Notificação", pela Plataforma Brasil. Siga as instruções do link "Para enviar Relatório Final", disponível no site do CEP/UFPE. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao voluntário participante (item V.3., da Resolução CNS/MS Nº 466/12).

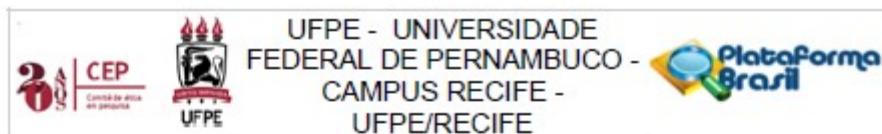
Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

Para projetos com mais de um ano de execução, é obrigatório que o pesquisador responsável pelo Protocolo de Pesquisa apresente a este Comitê de Ética, relatórios parciais das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (item X.1.3.b., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). O CEP/UFPE deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (item V.5., da Resolução CNS/MS Nº 466/12). É papel do/a pesquisador/a assegurar todas as medidas imediatas e adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e ainda, enviar notificação à ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, junto com seu posicionamento.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)2126-8598 E-mail: cepccs@ufpe.br



Continuação do Parecer: 3.617.848

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/09/2019 06:40:10	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	CartaAnuenciaAssinadaUFPE.pdf	11/09/2019 19:30:09	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	02/08/2019 00:07:30	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MARCELO_FARIAS_01_08.doc	02/08/2019 00:00:53	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	PERGUNTAS_ENTREVISTA_QUESTIONARIO.docx	31/07/2019 08:52:30	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Carta_Anuencia_Rural.pdf	30/07/2019 21:16:29	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Marcelo_Sant_Ana_de_Farias.pdf	30/07/2019 17:52:14	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Prof_Dr_Marcelo_Soares_Tavares_de_Melo.pdf	30/07/2019 17:48:44	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

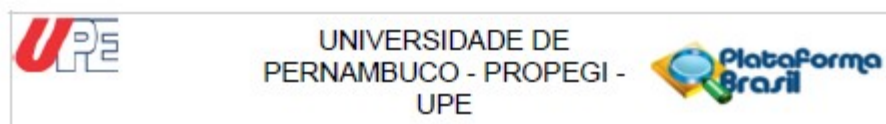
Não

RECIFE, 03 de Outubro de 2019

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. da Engenharia s/nº - 1º andar, sala 4, Prédio do Centro de Ciências da Saúde
 Bairro: Cidade Universitária CEP: 50.740-600
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)2126-9588 E-mail: cepccs@ufpe.br

ANEXO F - Parecer consubstanciado do CEP – PROPEGI



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA ATIVIDADES AQUÁTICAS, NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-

Pesquisador: MARCELO SANTANA DE FARIAS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 18305019.0.3002.5207

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.748.499

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto com temática sobre Com os avanços pedagógicos e a aproximação da educação física com as áreas das ciências humanas têm transformado o perfil do professor de educação física bem como do professor de natação. Durante o período esportivista que a educação física viveu (décadas entre 1970 a 1990) havia a exigência para o aluno do curso de educação física a exigência técnica dos quatro tipos de nado para poder passar pela disciplina de natação. Mudanças significativas ocorreram ao ponto de Sales (2010) preconizar que as habilidades aquáticas básicas são essenciais para um futuro professor de educação física e não somente para o professor de natação. Entende-se que o saber fazer e o saber ensinar, estão imbricados, Tardif (2014), entretanto o que esse saber fazer a barca e o que vou saber ensinar inclui? Este estudo até então bibliográfico encontra na literatura respostas que indicam ainda a

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-010
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br



UNIVERSIDADE DE
PERNAMBUCO - PROPEGI -
UPE



Continuação do Parecer: 3.748.499

importância da prática corporal, como uma das condições fundamentais para o futuro professor de natação. O presente trabalho de natureza pedagógica, terá uma abordagem qualitativo-descritiva e caracterizada como bibliográfica, documental e de campo, a ser realizada nas universidades públicas da cidade do RecifePE.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar como os professores e alunos relacionam com a prática corporal na disciplina na perspectiva entre o saber fazer e o saber ensinar.

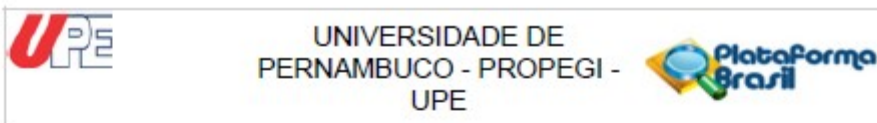
Objetivo Secundário:

Avaliar como os professores tratam dos objetivos contidos nos planos de curso relaciona com a prática corporal na perspectiva de uma natação entre o saber fazer e o saber ensinar

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com a resolução 466/12, toda pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, em tipos e gradações variados. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. Como pesquisadores, estamos cientes da possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente. Esses danos podem ser eventual, imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Portanto, baseando-se na resolução atual que toda pesquisa envolve riscos e estes são previsíveis. Durante a entrevista poderá nos deparar com reações oriundas, desde uma pequena ansiedade até eventos de perturbações de origem emocional, intelectual e psicológica, como por exemplo: possibilidade de constrangimento ou alterações no comportamento ao responder uma entrevista gravada; desconforto momentâneo; medo; vergonha; estresse e cansaço ao responder às perguntas. Ocorrendo algo neste sentido, interromperemos a discretamente a entrevista, voltaremos a tratar de algo como a conversa introdutória e encerraremos a sessão. Os dados coletados até o momento só serão aproveitados após o consentimento do entrevistado. Quanto aos riscos do questionário são: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-010
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br



Continuação do Parecer: 3.748.409

psicológica restritiva ou incapacitante, alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. Caso isso ocorra, trataremos de forma semelhante aos constrangimentos provocados pela entrevista. Serão usados para os entrevistados uma série de perguntas para uma entrevista semi estruturada para os professores, e para os alunos um questionário eletrônico, baseado na plataforma Google Forms. Teremos o cuidado em não expor a origem de nenhum dado, incluindo os planos de cursos dos professores. Citaremos as fontes de forma fictícia, de modo que qualquer pessoa de posse do resultado final, não identificará a relação entre os

dados e a fonte originária. Por fim, como pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos, ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicarei o fato, imediatamente, ao Sistema CEP/CONEP, e avaliar, em caráter emergencial, a necessidade de adequar, suspender o estudo e/ou de cuidar do entrevistado, caso necessite.

Benefícios:

Na atual conjuntura, encontramos professores de natação que não sabem nadar, pois são aprovados na disciplina específica para esse fim sem a exigência de uma avaliação prática. Para aluno do curso de educação física, e possível futuro professor de natação ou atividades aquáticas, o domínio do conhecimento teórico acerca do saber ensinar é importante, mas é essencial, dominar, no mínimo, as habilidades aquáticas básicas. Este projeto tem um cunho original, portanto reverberará para o âmbito acadêmico no mínimo um debate acerca da importância da prática corporal na formação profissional em educação física.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Importante para o estudo da prática corporal nas atividades aquáticas.

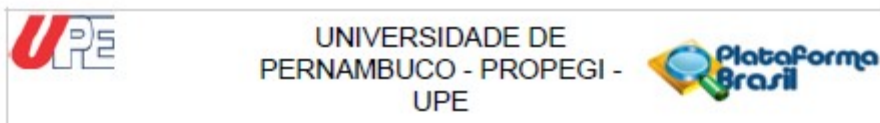
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os Termos Obrigatórios foram apresentados.

Recomendações:

Não se aplica.

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-010
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br



Continuação do Parecer: 3.748.400

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

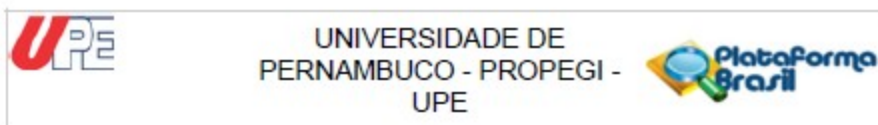
Considerações Finais a critério do CEP:

O pleno acompanha o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1437845.pdf	25/11/2019 01:10:55		Aceito
Outros	CARTA_AO_CEP.docx	25/11/2019 01:08:25	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	TEXTO_PROJETO_PROPEGI_MEDIDAS_PROTETIVAS_RISCOS.doc	25/11/2019 01:03:31	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PROPEGI_medidas_protetivas.docx	25/11/2019 00:49:27	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Carta_Anuencia_UFPE_PROPEGI_2.pdf	15/10/2019 23:11:41	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE_PROPEGI.pdf	15/10/2019 13:58:15	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Carta_Anuencia_UFRURAL_PROPEGI.pdf	15/10/2019 13:54:31	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	12/09/2019 06:40:10	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	CartaAnuenciaAssinadaUFPE.pdf	11/09/2019 19:30:09	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	02/08/2019 00:07:30	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MARCELO_FARIAS_01_08.doc	02/08/2019 00:00:53	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	PERGUNTAS_ENTREVISTA_QUESTIONARIO.docx	31/07/2019 08:52:30	MARCELO SANTANA DE	Aceito

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-010
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br



Continuação do Parecer: 3.748.499

Outros	PERGUNTAS_ENTREVISTA_QUESTIONARIO.docx	31/07/2019 08:52:30	FARIAS	Aceito
Outros	Carta_Anuencia_Rural.pdf	30/07/2019 21:16:29	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Marcelo_Sant_Ana_de_Farias.pdf	30/07/2019 17:52:14	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Prof_Dr_Marcelo_Soares_Tavares_de_Melo.pdf	30/07/2019 17:48:44	MARCELO SANTANA DE FARIAS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 06 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Jael Maria de Aquino
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Agamenon Magalhães, s/nº
 Bairro: Santo Amaro CEP: 50.100-010
 UF: PE Município: RECIFE
 Telefone: (81)3183-3775 Fax: (81)3183-3775 E-mail: comite.etica@upe.br

ANEXO G – Termo de consentimento livre e esclarecido (Comitê de ética do Hospital Oswaldo Cruz)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Eu, Marcelo Sant’Ana de Farias, estudante do Curso de Mestrado em Educação Física do Programa Associado de Pós-graduação UPE/UFPA, convido o (a) Sr.(a). _____ a participar da pesquisa A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA ATIVIDADES AQUÁTICAS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-PE, de responsabilidade do pesquisador Marcelo Sant’ Ana de Farias, sob orientação do Pesquisador Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, ambos da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade de Pernambuco (UPE), que tem por objetivo analisar a prática corporal através do saber fazer e do saber ensinar, na disciplina modalidades aquáticas nas universidades públicas da cidade do Recife-PE.

Para a realização deste trabalho serão utilizados os seguintes **métodos**: Esse estudo será desenvolvido através de uma pesquisa com base no método da Hermenêutica Dialética, como também tomará por base uma abordagem de pesquisa com caráter qualitativo. Realizaremos análise documental nos planos de ensino dos professores, um questionário eletrônico para todos os alunos da disciplina, 9 entrevistas semiestruturadas a serem gravadas na própria universidade em dispositivo de áudio e um roteiro de observação pessoal. Ademais nos subsidiaremos da análise de conteúdo para tratamento dos dados, bem como a análise dos questionários, com o intuito de obter informações a respeito da prática corporal na disciplina atividades aquáticas. Esclarecemos, ainda, que após a conclusão da pesquisa todo material a ela relacionado, de forma gravada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente. Seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto antes, durante e após o término do estudo.

De acordo com a resolução 466/12, toda pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, em tipos e gradações variados. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. Como pesquisadores, estamos cientes da possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente. Esses danos podem ser eventual, imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Portanto, baseando-se na resolução atual que toda pesquisa envolve riscos e estes são previsíveis.

Durante a entrevista poderemos nos deparar com reações oriundas, desde uma pequena ansiedade até eventos de perturbações de origem emocional, intelectual e psicológica, como por exemplo: possibilidade de constrangimento ou alterações no comportamento ao responder uma entrevista gravada; desconforto momentâneo; medo; vergonha; estresse e cansaço ao responder às perguntas. Ocorrendo algo neste sentido, interromperemos discretamente a entrevista, voltaremos a tratar de algo como a conversa introdutória e encerraremos a sessão. Os dados coletados, até o momento, só serão aproveitados após o consentimento do entrevistado.

Elencamos, aqui, os riscos do questionário: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante, alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. Caso isso ocorra, trataremos de forma semelhante aos constrangimentos provocados pela entrevista.

Serão usadas, com os entrevistados, uma série de perguntas para uma entrevista semiestruturada para os professores, e para os alunos um questionário eletrônico, baseado na plataforma Google Forms. Teremos o cuidado de não expor a origem de nenhum dado, incluindo os planos de ensino dos professores.

Citaremos as fontes de forma fictícia, de modo que qualquer pessoa de posse do resultado final, não identificará a relação entre os dados e a fonte originária. Por fim, como pesquisador responsável, ao perceber qualquer risco ou dano significativos ao participante da pesquisa, previstos ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicaremos o fato, imediatamente, ao

Sistema CEP/CONEP, e avaliaremos, em caráter emergencial, a necessidade de adequar, suspender o estudo e/ou cuidar do entrevistado, caso necessite.

Todos os cuidados éticos serão realizados para garantir os direitos do participante pesquisado. As informações obtidas por meio dos instrumentos serão arquivadas no laboratório em um banco de dados não restando qualquer possibilidade de vazamento da amostra que venha comprometer, de qualquer forma, o entrevistado e, logo após a conclusão do estudo, todos os dados serão descartados.

A pesquisa não oferece risco eminente à saúde ou ao campo de trabalho de nenhum pesquisado. Porém se houver algum momento de constrangimento na coleta de dados (entrevistas e questionários), nos prontificaremos a destruir imediatamente o material utilizado, não deixando nenhum resquício. Além disso, estaremos abertos à saída de professores que durante a culminância da pesquisa não queiram participar.

Em respeito às normas e exigências da Ética em Pesquisa contidas na resolução 466/2012, que normatiza estudos envolvendo seres humanos, informamos que a sua participação neste estudo estará condicionada à assinatura deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), através do qual todos os participantes serão informados acerca da natureza e especificidade do projeto, garantindo a todos o respeito à privacidade de suas identidades.

Os **benefícios**: com esta pesquisa, esperamos poder contribuir para as aulas da disciplina atividades aquáticas em nível acadêmico regional e nacional. Assim, conseqüentemente, qualificar o desenvolvimento do projeto aqui estudado, que beneficia diversas comunidades, professores e estudantes. Buscamos, também, qualificar a produção científica no campo da prática corporal nas atividades aquáticas que se encontra em crescimento acadêmico.

O (a) senhor (a) terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de privacidade à sua identidade e o sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos

pelos pesquisadores, inclusive acompanhamento médico e hospitalar. Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de **dúvidas e esclarecimentos** o (a) senhor (a) deve procurar o pesquisador, Marcelo Sant' Ana de Farias, endereço profissional Rua Marques de Arnóbio, 310 - Santo Amaro, Recife – PE, Telefone (celular): (81) 98864-9765, E-mail: marcelosfarias67@gmail.com, ou o Pesquisador Orientador, Marcelo Soares Tavares de Melo, Endereço profissional Rua Marques de Arnóbio, 310 Santo Amaro, Recife – PE, Telefones (convencional e celular): (81) 3445-2940/ 9962-9813, E-mail: mmelo19@hotmail.com. Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelo pesquisador ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos CEP - Complexo Hospitalar HUOC/PROCAPE, localizado no Pavilhão Ovídio Montenegro -1º andar - Rua Arnóbio Marques, 310- Santo Amaro-50100-130- Recife-PE. Fone/Fax: (81)31841271- Email: cep_huoc.procape@upe.br.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, _____, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do/a (s) pesquisador/a (es).

Recife, _____ de _____ de 2019.

Assinatura:

Participante da Pesquisa

Marcelo Sant'Ana de Farias

ANEXO H – Termo de consentimento livre e esclarecido (Comitê de ética PROPEGI)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Eu, Marcelo Sant'Ana de Farias, estudante do Curso de Mestrado em Educação Física do Programa Associado de Pós-graduação UPE/UFPB, convido o (a) Sr.(a). _____a participar da pesquisa A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA ATIVIDADES AQUÁTICAS, NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-PE, de responsabilidade do pesquisador Marcelo Sant' Ana de Farias, sob orientação do Pesquisador Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, ambos da Escola Superior de Educação Física (ESEF) da Universidade de Pernambuco (UPE), que tem por objetivo analisar a prática corporal através do saber fazer e do saber ensinar, na disciplina modalidades aquáticas nas universidades públicas na cidade do Recife-PE.

Para a realização deste trabalho serão utilizados os seguintes **métodos**: Esse estudo será desenvolvido através de uma pesquisa com base no método da Hermenêutica Dialética, como também tomará por base uma abordagem de pesquisa com caráter qualitativo. Realizaremos análise documental nos planos de ensino dos professores, um questionário eletrônico para todos os alunos da disciplina, 9 entrevistas semiestruturadas a serem gravadas na própria universidade em dispositivo de áudio e um roteiro de observação pessoal. Ademais nos subsidiaremos da análise de conteúdo para tratamento dos dados, bem como a análise dos questionários, com o intuito de obter informações a respeito da prática corporal na disciplina atividades aquáticas. Esclarecemos, ainda, que após a conclusão da pesquisa todo material a ela relacionado, de forma gravada ou equivalente será destruído, não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente. Seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto antes, durante e após o término do estudo.

De acordo com a resolução 466/12, toda pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, em tipos e gradações variados. Devem ser analisadas possibilidades de danos imediatos ou posteriores, no plano individual ou coletivo. Como pesquisadores, estamos cientes da possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente. Esses danos podem ser eventual, imediato ou tardio, comprometendo o indivíduo ou a coletividade. Portanto, baseando-se na resolução atual que toda pesquisa envolve riscos e estes são previsíveis.

Durante a entrevista poderemos nos deparar com reações oriundas, desde uma pequena ansiedade até eventos de perturbações de origem emocional, intelectual e psicológica, como por exemplo: possibilidade de constrangimento ou alterações no comportamento ao responder uma entrevista gravada; desconforto momentâneo; medo; vergonha; estresse e cansaço ao responder às perguntas. Ocorrendo algo neste sentido, interromperemos discretamente a entrevista, voltaremos a tratar de algo como a conversa introdutória e encerraremos a sessão. Os dados coletados, até o momento, só serão aproveitados após o consentimento do entrevistado.

Elencamos, aqui, os riscos do questionário: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante, alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade, divisão de trabalho familiar, satisfação profissional etc. Caso isso ocorra, trataremos de forma semelhante aos constrangimentos provocados pela entrevista.

Serão usadas, com os entrevistados, uma série de perguntas para uma entrevista semiestruturada para os professores, e para os alunos um questionário eletrônico, baseado na plataforma Google Forms. Teremos o cuidado de não expor a origem de nenhum dado, incluindo os planos de ensino dos professores.

Citaremos as fontes de forma fictícia, de modo que qualquer pessoa de posse do resultado final, não identificará a relação entre os dados e a fonte originária. Por fim, como pesquisador responsável, ao perceber quaisquer riscos ou danos significativos ao participante da pesquisa, previstos ou não, no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, comunicaremos o fato, imediatamente, ao

Sistema CEP/CONEP, e avaliaremos, em caráter emergencial, a necessidade de adequar, suspender o estudo e/ou cuidar do entrevistado, caso necessite.

Todos os cuidados éticos serão realizados para garantir os direitos do participante pesquisado. As informações obtidas por meio dos instrumentos serão arquivadas no laboratório em um banco de dados não restando qualquer possibilidade de vazamento da amostra que venha comprometer, de qualquer forma, o entrevistado e, logo após a conclusão do estudo, todos os dados serão descartados.

A pesquisa não oferece risco eminente à saúde ou ao campo de trabalho de nenhum pesquisado. Porém se houver algum momento de constrangimento na coleta de dados (entrevistas e questionários), nos prontificaremos a destruir imediatamente o material utilizado, não deixando nenhum resquício. Além disso, estaremos abertos à saída de professores que durante a culminância da pesquisa não queiram participar.

Em respeito às normas e exigências da Ética em Pesquisa contidas na resolução 466/2012 que normatiza estudos envolvendo seres humanos, informamos que a sua participação neste estudo estará condicionada à assinatura deste Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), através do qual todos os participantes serão informados acerca da natureza e especificidade do projeto, garantindo a todos o respeito à privacidade de suas identidades.

Como medidas protetivas, garantimos que a entrevista será realizada em local fechado, privado, sem a presença de terceiros, estando apenas o entrevistador (pesquisador) e o entrevistado (a) e sem a possibilidade de alguém estar escutando. Também será garantindo que a entrevista será realizada em um ambiente em que o entrevistado se sinta confortável para ser entrevistado. O entrevistado participará de forma voluntária. Não compartilharemos com terceiros o áudio da entrevista e nem a transcrição da entrevista em formato de texto.

Em relação ao questionário eletrônico, este será aplicado aos alunos que estejam cursando a disciplina atividades aquáticas. Este será composto de perguntas objetivas concernentes ao contexto da pesquisa e a maioria das respostas serão binárias baseadas em “sim”, “não” ou múltipla escolha. Entretanto, haverá um termo em que o pesquisador se compromete em não expor as respostas

do sujeito de forma que o identifique, mas um resultado estatístico, envolvendo o coletivo da turma. Haverá turmas de outras universidades, e estas serão representadas por letras A, B e C. O questionário será respondido também de forma voluntária.

Os **benefícios: com** esta pesquisa, esperamos poder contribuir para as aulas da disciplina atividades aquáticas em nível acadêmico regional e nacional. Assim, conseqüentemente, qualificar o desenvolvimento do projeto aqui estudado, que beneficia diversas comunidades, professores e estudantes. Como também, qualificar a produção científica no campo da prática corporal nas atividades aquáticas que se encontra em crescimento acadêmico.

O (a) senhor (a) terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso); a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações; a garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa (ou o dependente), os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores, inclusive acompanhamento médico e hospitalar. Caso ocorram gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de **dúvidas e esclarecimentos** o (a) senhor (a) deve procurar o pesquisador, Marcelo Sant' Ana de Farias, endereço profissional Rua Arnóbio Marques, 310 Santo Amaro, Recife – PE, Telefone (celular): (81) 98864-9765, E-mail: marcelosfarias67@gmail.com, ou o Pesquisador Orientador, Marcelo Soares Tavares de Melo, Endereço profissional Rua Arnóbio Marques, 310 Santo Amaro, Recife – PE, Telefones (convencional e celular): (81) 3445-2940/ 9962-9813, E-mail: mmelo19@hotmail.com Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelo pesquisador ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos CEP – PROPEGI, situado na Av. Agamenon Magalhães, s/n, Santo Amaro, Recife/PE (Térreo do prédio do Gabinete do Reitor) Fone: (81)3183.3775 / e-mail: comite.etica@upe.br

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, _____,
após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda

informação por mim transmitida em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do/a (s) pesquisador/a (es).

Recife, _____ de _____ de 2020.

Assinatura:

Participante da Pesquisa

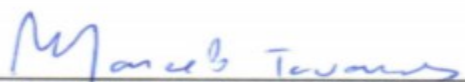
Marcelo Sant'Ana de Farias

ANEXO I – Termo de confidencialidade**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Através do presente termo, o Professor Marcelo Sant'Ana de Farias sob a orientação do Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, responsabilizam-se por manter sigilo absoluto sobre as informações coletadas, servindo apenas para o desenvolvimento da pesquisa A PRÁTICA CORPORAL NA DISCIPLINA ATIVIDADES AQUÁTICAS NOS CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA CIDADE DO RECIFE-PE.

Recife, 29 de julho de 2019

Atenciosamente,



Prof. Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo.



Mdo. Marcelo Sant'Ana de Farias